



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS POR MEIO DE CANÇÕES NO CONTEXTO  
EDUCACIONAL**

**LUCIMAR PINHEIRO DA SILVA SAMPAIO**

**BRASÍLIA/DF  
ABRIL-2008**

**LUCIMAR PINHEIRO DA SILVA SAMPAIO**

**A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS POR MEIO DE CANÇÕES NO CONTEXTO  
EDUCACIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação em Educação da UnB – como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profª Drª Ângela Álvares Correia Dias.

**BRASÍLIA**

**2008**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Mestrado em Educação

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ângela Álvares Correia Dias (UnB)  
Presidente

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Maria Coutinho (UnB)  
Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clarisse Vieira(UnB)  
Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wivian Weller (UnB)  
Suplente

## DEDICATÓRIA

*Especialmente, dedico essa conquista à minha mãe, grandiosíssima e sábia mulher, que, no período que se manteve ao nosso lado, plantou uma semente germinada em todos os filhos: a Educação.*

*Meu pai, homem íntegro que abarcou a missão de tornarmos cidadãos íntegros, determinados e de caráter.*

*João Victor e Larissa Cristina, que não contabilizam ausência, distância; apenas satisfações conquistadas em prol da NOSSA felicidade.*

*Lindomar, participe de todas as conquistas, contribuindo, sempre, e não foi diferente nessa ocasião.*

*Torquato Jr, companheiro, solidário, amigo, que sempre me mostra, com sua tranqüilidade inabalável, que sempre há uma solução.*

*Luzia, mulher de incontáveis qualidades, que, de tanto me obrigar a criar e enfrentar desafios, me instiga à superação para não decepcioná-la.*

*Amigos queridos, todos sem exceção, que compreenderam e aceitaram ausências e, além disso, contribuíram com o valioso apoio.*

**AGRADECIMENTOS**

*À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ângela Dias, pessoa a quem me refiro com imenso respeito e admiração, por representar para mim o exemplo de mulher inteligente, centrada, amiga, humana, sábia, não-linear e dialógica.*

*À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Coutinho, que acompanhou a realização de todo o trabalho, auxiliando-me sempre com valiosas e pertinentes contribuições.*

*À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clarisse, por aceitar carinhosamente participar desse trabalho e contribuir prontamente para a sua finalização.*

*À Querida Mariene, pela valiosa troca de idéias, dedicação, colaboração e apoio.*

*À Amiga Janara, por me mostrar possibilidades de crescimento, antes inimagináveis, e contribuir lindamente para que se tornassem reais.*

## RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é refletir e analisar que sentidos letras de música – enquanto gêneros textuais – provocam no educando em aulas de produção textual. Para esse fim, buscamos apresentar uma proposta teórico-metodológica de análise de construção de idéias a partir da audição, interpretação e compreensão de letras de música. A nosso ver, produções musicais não apenas veiculam informações, mas constroem discursos e produzem significados e sujeitos sociais. Essa formulação fundamenta-se na articulação dos conceitos de linguagem, dialogismo, intertextualidade, texto e gêneros textuais desenvolvidos a partir da perspectiva de Mikhail Bakhtin.

**Palavras-chave:** educação, linguagem, canções, significação.

## ABSTRACT

The present research aims to reflect how of the music – as textual genre – provoke meanings in the pupils. For this end, we search to present a proposal theoretical and methodological of analysis from the hearing, interpretation and understanding of music. In our view, musical productions not only propagate information, but they construct speeches and they produce social meanings and citizens. This formularization is base don concepts of language, dialogism, intertextuality, textual genre and text from the perspective of Mikhail Bakthin.

**Key-words:** education, language, music, signification.

## SUMÁRIO

O GÊNERO MUSICAL É LOCALIZADO, ESPACIAL, TEMPORAL .....	09
Em Busca dos Sentidos .....	14
Musicalidade: Por que Cantar? .....	19
O UNIVERSO DAS CANÇÕES .....	23
Contextualizando os Estilos – RAP e MPB .....	23
As Canções e os Gêneros Textuais.....	31
Cantar na escola, nos PCNs e no Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal .....	36
PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	43
Metodologia: Caminhos e Sons.....	50
OUVINDO E ESCUTANDO MÚSICA, MESTRES, PALAVRAS E SONS .....	66
O Diálogo nas Canções .....	73
Enunciar.....	88
O Texto.....	93
DESENLACE.....	106
REFERÊNCIAS .....	111
APÊNDICE .....	115

## O GÊNERO MUSICAL É LOCALIZADO, ESPACIAL, TEMPORAL.

*Palavra viva  
 Palavra com temperatura,  
 palavra que se rompe [...]  
 Palavra dócil  
 Palavra d'água pra qualquer moldura  
 Que se acomoda em balde, em verso  
 Em mágoa  
 Qualquer feição de se manter palavra  
 Palavra minha  
 Matéria, minha criatura, palavra  
 Que me conduz  
 Mudo  
 E me escreve desatento, palavra.  
 Chico Buarque – **Uma Palavra***

Nas múltiplas significações produzidas na composição da letra da música “Uma Palavra” do álbum “Carioca” de Chico Buarque, a descrição da palavra num recurso metalingüístico, ao mesmo tempo que expõe os conceitos subjetivos do autor sobre o que vem a ser poeticamente a palavra, é capaz de despertar no ouvinte diversos sentidos e interpretações, considerando que cada um tem suas preferências musicais, conhecimentos intrínsecos às vivências, ao cotidiano, à formação cultural, entre outros.

Da mesma forma, a leitura, compreensão, interação com um texto sob uma perspectiva sócio-histórica, revela que a subjetividade “não se dá pela lógica cartesiana do pensar e existir, numa modalidade cognoscente autocentrada, mas está comprometida pelas memórias do vivido no plano pessoal, cuja porosidade ao *ambiente cultural* e ao *contexto social* traz efeitos sensíveis às suas práticas ou expressões de vida” (Yunes, 2002, p.30).

Essa heterogeneidade de significações que a música provoca no ouvinte, a capacidade de promover a reflexão, re-significar o conhecimento, obter informação e gerar criticidade viabilizam a possibilidade de se fazer da canção um gênero textual que perpassa a condição de entretenimento e contribui para produzir novos sentidos na busca e no aprofundamento do saber. Penteado, numa reflexão muito pertinente sobre o que acreditamos em relação aos métodos de ensino, faz a seguinte observação:

Numa pedagogia concebida para trabalhar em perspectiva de comunicação democrática, os meios de comunicação fazem parte do currículo, atendendo às necessidades de cultura, aprendizagem, prazer e lazer relativos aos estudantes que dialogam com a cultura das mídias a partir de suas vivências. (1998, p. 29).

A construção de novos sentidos, nesse caso, é o produto da interação dialógica entre interlocutores, que se vêem instigados a refletir sob propostas de cunho artístico e a realizar intervenções verbais e não-verbais, expressando suas idéias e ampliando-as, afim de que outrem também possa utilizá-las, re-significá-las, gerando e expandindo um processo discursivo mais complexo e dinâmico.

Seria resumidamente o que expressa Verón (1980, p. 10) “a produção de sentido é inteiramente discursiva: é necessário, pois discutir o limite frase/discurso como sendo não pertinente ao nível das operações subjacentes”, não há como se observar um texto, segundo essa visão, descartando a sua relação com o contexto, com a realidade em que está inserido.

Utilizar uma canção para promover o processo de ensino e aprendizagem vai além de aplicá-la numa condição de análise lexical ou gramatical, dimensionando-a ao reconhecimento de significação produzida numa interpretação pessoal, contextual e musical que vão se adequando ao conhecimento que está sendo construído, considerando que se trata de um gênero textual que vive em transição, por acompanhar mudanças de contexto histórico, social, político e cultural de uma sociedade. Traçar metas em educação que estejam em sintonia com as transformações da sociedade deveria ser uma constante no cotidiano do educador. Não eram raros os pensamentos de Paulo Freire sobre atitudes que levassem o educador a refletir sobre a aceitação de novas opções e ações em educação conforme o seu tempo.

Uma época da história apresentará uma série de aspirações, de desejos, de valores, em busca de sua realização. Formas de ser, de comportar-se atitudes mais ou menos generalizadas, das quais somente os visionários que se antecipam têm dúvidas e frente às quais sugerem novas fórmulas. (FREIRE, 1979. p64)

Implícito nessa citação é que a Educação é um processo dinâmico e mutável na qual não devemos ter um olhar ingênuo nem anacrônico, mas atentarmos ao seu percurso histórico com o objetivo de compreendermos a tensão e a ambigüidade entre o passado e o presente - no movimento da criação e da crítica do fazer educativo na qual vai se constituindo como um espaço em que a diversidade e o antagônico têm expressividade na construção de sentido. Abandona-se, assim, a perspectiva rígida, homogênea e contínua da construção do conhecimento.

Nesse sentido, conceber a Educação como um processo móvel e dinâmico, implica em educar com o intuito de promover condições para o educando expressar suas visões de mundo, idéias críticas, reflexões autônomas e pertinentes ao contexto sócio-histórico, preparando-se para o enfrentamento das diversidades que se deparará ao longo da vida, sentindo-se capaz de construir suas identidades e seus próprios discursos na turbulência do nosso dia-a-dia.

Sob esta ótica, é fundamental, a nosso ver, repensar a formação inicial e contínua do professor, elaborando uma proposta de inovação calcada em pressupostos teóricos e metodológicos que rompam com o visão unidimensional, marcada pela rigidez e hierarquia, abrindo espaço para um olhar pluridimensional que se caracteriza pela diversidade e complexidade, na qual é possível discutir o entrelaçamento de múltiplos gêneros, linguagens e formatos presentes em vários focos da cultura.

Atualmente, há um reconhecimento por parte dos educadores e dos pesquisadores da área da Educação da necessidade de trilhar novos caminhos e de repensar novas formas de

agir e atuar no processo de construção do conhecimento, nas quais valorize as diversas linguagens que se entrecruzam na contemporaneidade. Um dos exemplos dessa mudança são as indicações dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – relativas à utilização das diversas linguagens dispersas na sociedade.

[...] Utilizar as diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (1998, p.5).

Em consonância com essa concepção, propomos refletir como a utilização de canções, ancorada em procedimentos e linguagens que tenham o dialogismo e a intertextualidade como elementos fundantes, podem indicar possíveis caminhos para repensar novos processos educacionais diante da nossa complexa realidade social e tecnológica.

O ensino da Língua Portuguesa, devido à facilidade de abrir caminhos para uma diversidade de métodos e estratégias de elaboração do conhecimento, permite uma descentralização de ações e idéias, que podem ser alcançadas por meio da criatividade do educador e a sua intenção de ministrar aulas em que o aluno torne-se parte ativa desse processo, de modo que as suas idéias sejam de total relevância no alcance do conhecimento.

Ao propormos a reflexão sobre as canções no ensino da Língua Portuguesa, o nosso ponto de partida é considerá-las como um texto dialógico e polifônico de acordo com a ótica bakhtianiana. A partir dessa perspectiva, deslocamos nossas reflexões de um plano abstrato e formal - “a língua” - para um plano concreto - a língua constituída no mundo a partir da abertura para o diálogo de diferentes vozes, pela negociação de sentidos e pela construção coletiva do pensamento que se (re)constrói, modifica-se e transforma-se num processo contínuo. Nessa perspectiva, a proposta de uso da canção no processo de ensino em ambiente escolar, possibilita análise detalhada dos elementos que a constitui, desde autoria até

o momento da audição, verificando a significação que a recepção de diferentes gêneros musicais provocam no ouvinte. Fomenta uma possível formação de visão crítica do educando, que deve se sentir capaz de expor, por meio de interação verbal, manifestação escrita e imagética, sentidos e significações relacionados com as idéias expressas nas canções.

Na presente pesquisa, serão analisados dois gêneros musicais de diferentes momentos históricos, MPB – Música Popular Brasileira - representado nesta análise por Chico Buarque de Holanda, compositor e intérprete, considerado um dos principais artistas brasileiros de todos os tempos, e o RAP, gênero musical de um movimento artístico contemporâneo, o Hip Hop.

Ambos, embora façam parte de épocas distintas, têm em comum a expressão e manifestação que representam diferentes situações sócio-históricas do mundo. Desse modo, a produção de sentido será realizada num processo de observação das particularidades que possuem e, num segundo momento, numa analogia dos contextos em que foram criadas.

## **Em Busca dos Sentidos**

A inserção da canção no ambiente de sala de aula pode se tornar uma importante aliada para rearticular novos discursos pedagógicos, introduzindo múltiplas vozes e múltiplos textos oriundos de vários focos da cultura. Ao optar por uma estratégia didático-pedagógica aberta aos novos gêneros de texto que vêm surgindo no contexto cultural, como uma canção do Rap, o educador estará defendendo a necessidade dos alunos vivenciarem formas alternativas de expressão do conhecimento. Sendo assim, o educando estará adotando um método de ensino que extrapola métodos tradicionais - baseadas em abstrações e descontextualizações - para aproximar-se das múltiplas e diversas linguagens que permeiam o dia-a-dia dos jovens, ampliando o repertório de leituras e narrativas.

Diante dos avanços nas comunicações que alteraram os modos de aprender e de perceber o mundo, torna-se imperativo que o educador tenha uma consciência crítica quanto à veiculação das informações e adote um modelo de comunicação voltado para o diálogo. Nesse aspecto, Penteadó (1998, p.60) defende que “é chegada a hora de uma abordagem pedagógica que busque entrecruzamento entre a escola e a vida, pelas possibilidades didáticas de aquisição do saber sistematizado, vinculando-se à realidade social”; estimular a iniciativa dos educandos sem abrir mão da iniciativa do professor; que favoreça o diálogo dos alunos entre si, desses com o professor e de ambos com a cultura historicamente.

Devido à relação prazerosa que se estabelece com a juventude, a canção torna-se uma grande aliada na propagação de idéias inovadoras, conscientização social e política, elaboração coerente de discurso crítico, contribuindo na formação de um cidadão consciente de seu papel dentro da sociedade e esclarecido diante de tantas questões sociais adversas.

Acreditamos que o interesse pedagógico pela canção deve representar uma consciência cada vez mais crescente da grande importância de nossa

produção lítero-musical na construção da identidade e da história do nosso país (COSTA in DIONÍSIO, 2005, p. 119)

Na prática docente atual, o educador enfrenta diferentes desafios no processo de ensino aprendizagem, entre eles lidar com a falta de interesse dos alunos, principalmente em aulas teóricas e expositivas, considerando que os educandos da contemporaneidade acostumaram-se com a facilidade de aquisição de informação por meio das novas tecnologias, principalmente o computador.

A inconformidade com as práticas conteudistas de sala acarreta uma visão de educação mais ampla no educador engajado nas novas tendências de ensino contextualizado; visão de busca ao aprimoramento de suas técnicas e métodos na construção do conhecimento, objetivando atingir o interesse e os anseios do aluno e, ao mesmo tempo, torná-lo um leitor/observador mais capacitado de realizar interpretações, inferir criticamente sobre assuntos diversos, argumentar, expor e contrapor opiniões com coerência e boa articulação escrita e oral. Trabalhar com essa complexidade é um desafio para esse profissional, que tem que estar sempre se reciclando para acompanhar as transformações e se colocar flexível diante de eventuais mudanças da sociedade.

Daí que, ao usar a canção na escola, o professor deve reconhecer sua integridade enquanto gênero autônomo. Isso implica levar e conta a dimensão melódica da mesma e todos os riscos que isso acarreta, um dos quais é a transformação da aula em um espaço de lazer, mais do que um espaço de aprendizado. (...). A nosso ver deve proporcionar ao aluno uma educação dos sentidos e da percepção crítica, que proporcione, ao lado do prazer sensorial e estético, um exercício de leitura multissemiótica... (COSTA in DIONÍSIO, 2002, p.119)

Utilizar canções ao ministrar aulas, além de se tornar um recurso interessante para o educador de produção de texto em práticas de ensino mais dinâmicas e críticas, desperta e amplia o repertório de leituras dos educandos, tornando-os mais capazes de compreender e

interpretar a diversidade e complexidade das mensagens e informações que os atingem, a todo o momento, no cotidiano.

Não há mais como refletir sobre educação sem inserir os educandos diante de desafios da realidade para que ganhem autonomia quando ultrapassar os muros da escola. É necessário pensar em educação como processo de formação que preencha as necessidades do momento sócio-histórico, em que o aluno está inserido, colocando-o diante de questões que lhe sirvam na prática e retratem a realidade para que, no momento oportuno, proponha transformações ou contribua para que aconteçam. Essa necessidade de extrapolar os discursos fora das disciplinas e dos currículos formais - das práticas pedagógicas conteudistas - e buscar outros saberes e conhecimentos, em outras linguagens e formas de comunicação sempre foi defendida por Paulo Freire, como aponta Gadotti:

Paulo Freire valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o saber cotidiano. Sustentava que o aluno não registra em separado as significações instrutivas das significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, ele incorpora outras significações, tais como: como se conhece, como se produz e como a sociedade utiliza o conhecimento – enfim, o saber cotidiano do grupo social. (2005, p.9).

A análise de canções como método de ensino aprendizagem proporciona uma variação extensa de habilidades com a finalidade bem definida para o alcance do conhecimento; segundo Costa (2002, p.119) pode contribuir para uma “educação dos sentidos e da percepção crítica, que proporcione, ao lado do prazer sensorial e estético, um exercício de leitura multissemiótica, voltada para discriminação de cada materialidade semiótica do gênero e para a interação pluridirecional que relaciona todos os elementos que uma canção pressupõe (autor – cantor – personagens – melodia – ouvinte genérico – ouvinte individual – etc.)”.

Considerando que essa canção seja o Rap ou MPB por meio de obras de Chico Buarque, os elementos relacionados por Costa propiciam a análise da extensa relação

**Eu vou dizer porque o mundo é assim  
Poderia ser melhor, mas ele é tão ruim  
Tempos difíceis, está difícil viver.  
Procuramos um motivo vivo, mas ninguém sabe dizer.  
Milhões de pessoas boas morrem de fome.  
E o culpado, condenados disto é o próprio homem.  
O domínio está em mão de poderosos, mentirosos.  
Que não querem saber.  
Tempos difíceis – Racionais Mc's**

dialógica, por estar envolvida em contextos sociais, momentos históricos e movimentos culturais distintos.

O Rap – movimento rico de manifestações sócio-históricas – tem grande aceitação em meio à juventude contemporânea, pois, dentre os estilos musicais atuais, além de entretenimento, consegue, por meio de suas letras irreverentes, expressar mensagem de cunho social de denúncia, necessidade e frustrações de classes sociais

menos favorecidas, constituída por personagens considerados marginalizados da sociedade como os negros, pobres, mulheres e analfabetos.

Com o estilo musical de Chico Buarque de Holanda, compositor e intérprete da Música Popular Brasileira desde a década de 60, o educando estará diante de um gênero musical relacionado a um momento histórico diferente, que também traduz uma temática de inconformismo social. Chico, autor de diversas obras de caráter contestador, de denúncia, que condenava a ditadura militar e suas políticas, é descrito por Martins (2005) como “um homem de seu tempo e, portanto, seu discurso e sua obra estarão impregnados das marcas do momento histórico em que viveu. Chico não nasceu Chico, ele se fez Chico a partir dos elementos sociais que o cercavam”. Ao mesmo tempo, terá oportunidade de conhecer a música popular brasileira num contexto em que os artistas tinham o intuito de engendrar nas letras a perplexidade do povo brasileiro ante o período político, camuflando, de forma poética, o sentido de algumas palavras para fugir da censura e não perder a oportunidade de, por meio da música, expressar suas angústias.

São dois estilos musicais que, aliados pela escolha de temas em comum, instigarão a produção de sentidos diversos, atribuindo ao educando uma visão crítica, construída num processo conjunto de formação de idéias entre o professor e aluno. Além da oportunidade de análise de temas sociais em seus contextos, convém observar as personagens que compõe os dois estilos: de um lado têm-se personagens representados pelos intérpretes da música – os *rappers* - que usam as letras para expressar as próprias mazelas que sofrem na sociedade, é o próprio sujeito marginalizado que ganha voz e espaço para expressar sua indignação; do outro lado, têm-se personagens criados por Chico Buarque, num tom de denúncia e indignação, dos quais autor se vale para expressar as agruras de grupos sociais discriminados, embora o próprio autor não faça parte dessa sociedade.

Enquanto gêneros textuais totalmente relacionados a fenômenos culturais e históricos, as canções, independente dos estilos, possibilitam uma avaliação das relações sociais, bem como a observação da transformação que a linguagem alcança no decorrer dos tempos em detrimento da necessidade acompanhar as transformações sociais de seus interlocutores.

A mescla dos estilos expõe o aluno a uma variedade de informações, na qual ele sente-se livre para construir sua própria significação e identidade a partir de cada obra e expressar-se de forma singular e crítica. Nesse caso, surge a intertextualidade para relacionar os fenômenos e originar a compreensão oriunda do reflexo das duas possibilidades. Em confronto com situações polemizadas em um contexto cultural, artístico, social e histórico o educando é mais estimulado a observar diferentes discursos sobre um mesmo assunto, o que propicia o rompimento de uma visão estruturada e fixa de idéias e significados, e partir para uma “construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2006: p.10).

## **Musicalidade: Por que cantar?**

Surgem a cada momento, de acordo com as mudanças sociais e culturais que ocorrem nas sociedades, novos gêneros textuais. Tais gêneros ganham forças segundo as necessidades, expressões e manifestações que marcam a história de uma época. Atualmente, essas expressões e manifestações são evocadas mais rapidamente pela disseminação das novas tecnologias de informação e comunicação que provocam novas formas de construir o conhecimento. Marcushi analisa o surgimento dos gêneros, propondo uma divisão em fases:

Numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII .C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa, para, na fase intermediária de industrialização no século XVIII, dar início a uma grande ampliação (2002, p.19).

A educação, segmento da sociedade considerado o mais resistente a modificações, vê-se pressionada a criar novas estratégias de ensino capazes de inserir o educando num contexto atual de informação e comunicação, na tentativa de romper com a forma rígida do ensino, em que as ações de produção e desenvolvimento do conhecimento são conduzidas, em grande maioria, num procedimento muito mecânico e pouco inovador. No caso do ensino da língua Portuguesa, a descontextualização da linguagem em relação ao mundo e a vida que nos cerca fragiliza a prática de ler e produzir textos na medida em que, desde o início do processo de alfabetização, centra-se nas palavras e textos desconexos, com o objetivo de garantir a memorização das famílias silábicas. Nesse caso, o ato de escrever é aprendido mecanicamente por meio do treino, da cópia repetitiva e, principalmente, da memorização; método denominado por Paulo Freire de Educação Bancária.

A concepção de aprendizagem, desvinculada das práticas sociais vivenciadas pelos estudantes, dificulta o estabelecimento de conexões e articulações com outras linguagens e impossibilita a formação crítica e analítica do aluno. Como aponta Yunes (2002, p.20):

Se o ato de ler não é mera decodificação de um sistema de sinais (escrito, desenhado, esculpido em pedra, imagem e movimento), *não basta uma análise formal do código* em que foi cifrado, para torná-lo legível; se o universo de discurso importa para a significação, há que considerar o *contexto* de sua produção; se há ouvidos diferentes em cada homem, há que pensar nos *efeitos* que o dizer/grafar tem sobre os sujeitos, isto é, como se dá a *recepção* por parte do ouvinte/leitor. Cada um recebe a água vertida no receptáculo de que dispõe.

Na insistência em se manter uma educação engessada, descarta-se a idéia de que, com tantas possibilidades que o aluno da sociedade contemporânea dispõe para ampliar a produção e a apreensão da significação da leitura enquanto interação com o mundo, torna-se impossível alcançar o objetivo de uma aula, sem uma proposta de ensino que concilie as habilidades ministradas a uma dinâmica de ensino que o envolva, tratando-o como um sujeito co-participante na formação de leitores e produtores de novos conhecimentos.

O uso de tecnologias de informação e comunicação, as quais traduzem diversos gêneros na fase denominada cultura eletrônica, podem e devem se adequar ao ensino de forma inovadora, como sugere Marcushi (2002, p.19): “com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita”.

Numa vertente de ensino mais dinâmico e inovador, convém propor a inclusão do ensino/aprendizagem de produção de texto num contexto contemporâneo, utilizando canções como meio de divulgações de temáticas, a fim de provocar múltiplas produções de sentidos no educando, dentro de uma realidade histórica, cultural, política e econômica em que se

enquadram as obras em análise. Em suma, pensar que, por meio de canções que traduzam em suas letras possibilidades de reflexões e análise, o educando seja capaz de extrair informações e contextualizá-las, adequando-as às habilidades e competências previstas para esse momento de produção textual, como disposto no Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal:

A possibilidade de aplicar conhecimentos em situações concretas – práticas – favorece condições de adquirir novas formas de perceber, conhecer e agir em outras perspectivas, portando, dominar competências. (2000, p. 21)

Ao explorar dois gêneros musicais distintos, investigando os temas dentro do contexto histórico, social e cultural em que foram criados, numa análise dialógica do discurso e, percebendo a canção, “como gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia)” (COSTA in TATIT, 2002, p.108), a finalidade é captar o sentido que produz ao ouvinte, alunos em ambiente de ensino, em aspectos gerais da construção do conhecimento e individuais, enquanto jovens pertencentes à sociedade considerada da informação.

O sentido se submete ao valor da existência individual, à carne mortal da vivência. Esta evidentemente, leva consigo o reflexo do seu sentido antedado, pois sem esse reflexo seria vazia. (BAKTHIN, 2003, p.105)

O educando terá uma experiência de conhecimento em que será instigado a explorar suas habilidades expressivas, sejam verbais ou não verbais, diante de um contexto sócio cultural enquanto interlocutor ou interlocutório, considerando que o processo de comunicação é simultâneo. Essas explanações individuais ganham novos segmentos quando misturadas a outras e, assim, sucessivamente, gerando conclusões diversas e infinitas, pois o resultado nunca será fim, o produto pode gerar outro produto, tendo em vista que o texto é uma teia de idéias em construções inacabáveis.

A vivência é o rastro, o reflexo do sentido na existência, por dentro ela não vive de si mesma, mas desse sentido que está fora dela e que ela capta, pois se ela não capta o sentido este não existe; a vivência é uma relação com o sentido e com o objeto e fora dessa relação não existe para si mesma, nasce enquanto carne (carne interior) de modo involuntário e ingênuo, por conseguinte, não para si mas para o outro, para quem ela se torna valor a ser contemplado independentemente da significação do sentido, torna-se forma dotada de valor enquanto o sentido se torna conteúdo. (BAKHTIN, 2003, p. 105)

Assim, vivenciar o modo de expressão proposto neste trabalho é abrir possibilidades de ser livre para expor suas idéias a partir de situações procedimentais elaboradas para um ambiente de sala de aula, em que o educando se vê como um sujeito transformador/colaborador das realidades assimiladas a partir das suas convicções, das experiências vividas pelos seus contextos históricos e culturais e que se abrem diante do que lhe é proposto.

## O UNIVERSO DAS CANÇÕES

### Contextualizando os Estilos – RAP e MPB

Rap – rhythm and poetry (ritmo e poesia) – é uma música que teve sua origem na rua com a preocupação de transmitir mensagens que traduzam uma espécie de desabafo de comunidades pobres dentro da sociedade. A tarefa de transmitir a realidade expressa nas letras é do MC – Master of Ceremony (mestre de cerimônia) –, cantor que pode interpretar a rima de improviso ou, na maioria das vezes, composta anteriormente.

Nascido na periferia, o Rap consegue expansão e ascensão em outras classes sociais, ganhando a mídia sem perder o contexto de crítica social por meio de suas temáticas abordadas.

O Rap - expressão musical do movimento Hip Hop, possui mais três elementos de manifestação artística: o DJ, instrumentista que toca e acompanha os MCs; grafite, que é a expressão por meio de desenho, retratando o cotidiano da periferia; e o break, a dança do hip hop, expressão física, na qual os dançarinos apresentam passos com gesto fortes, expressivos.

O Hip Hop tem sua filosofia própria, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades. Colocando-se como contraponto à miséria, às drogas, ao crime e à violência, o hip hop busca interpretar a realidade social. Seu objetivo é justamente encontrar saídas e fornecer alternativa à população excluída. (SOUSA, 2005, p.13)

No trecho da letra de um grupo de Rap de Porto Alegre, Grupo da Guedes, observa-se a preocupação do MC em difundir a idéia do seu papel dentro da sociedade. A sua criação nesta letra não se trata somente de uma crítica ou informação de uma problemática social, mas um esclarecimento do papel do MC perante a sociedade, que traduz a idéia geral do rap; “fazer você pensar”. Levar o cidadão à reflexão, expressar uma indignação e colocar a

**PROFISSÃO MC**

**Ajudar a quem precisa, pregar a união  
De grão em grão, devagar como formiga,  
efeito dominó  
Salvando muitas vidas,  
Das garras de um sistema frio e calculista  
Que faz de tudo um pouco pra ferra a sua vida  
Mesmo assim não desista  
Lute, persista  
Faça aquilo que não fez no passado  
Recupere a auto-estima pra ser respeitado  
É plantar pra colher e ter dignidade  
Tendo como base falar a verdade  
O papel do MC é informar, conscientizar  
Através de suas rimas, fazer você pensar.**

sociedade para conhecer, refletir, buscar melhorias e revestir essa reflexão em ações e, numa situação mais específica de sala de aula, levar o aluno à reflexão por meio da interpretação individual e coletiva da mensagem, capacitando-o a desenvolver suas idéias de forma crítica e coerente, tanto numa argumentação oral, quanto

escrita, em produções textuais.

Sendo o Rap a parte que constituem esse movimento para a disseminação verbalizada de idéias contestadoras, cujo intuito pontual é ser porta-voz da indignação dessa sociedade discriminada, os MCs cada vez mais se aprimoram na construção das letras, realizando pesquisas sobre temáticas principais e reais ou relatando acontecimentos próprios.

A preocupação com as letras do rap reforça o seu papel de informar, debater, discutir, reivindicar e denunciar os temas que lhe são pertinentes. Nesse sentido, o rap se torna uma arma a favor da periferia e o MC se caracteriza como o poeta cronista do gueto. (SOUSA, 2005, p.22)

Daí, a relação que os jovens têm com o rap pode ser atribuída à necessidade de auto-afirmação na sociedade, onde ele expõe, de forma autônoma, suas idéias e constrói sua própria identidade, por meio de mensagens traduzidas numa linguagem peculiar da sua geração. Nesse sentido, ele utiliza a capacidade de autoria, “confere aos jovens a possibilidade de “construir” e difundir sua própria música, a qual, mesmo que influenciada por padrões estéticos adquiridos na cultura em que se insere, é reveladora da apropriação de uma linguagem com códigos perfeitamente estruturados”. (MOTA, 2003, p.12 in Sousa, 2005, p.73)

A linguagem utilizada nas letras de Rap é simples e coloquial, composta de expressões pouco difundidas num ambiente de ensino dentro das escolas. Convém observar que até mesmo este aspecto é atribuído ao contexto que a música está inserida. Como se trata de

**Político ladrão  
Dinheiro não é problema é solução  
Cadê então  
E quem te viu quem te vê doidão  
O que era cinco agora é dez  
E a inflação é cifrão  
Por favor preste atenção**

**Olha o menino – Helião e Negra Li**

um estilo musical da periferia, além de utilizar uma linguagem própria, com vocábulos presentes no cotidiano das pessoas inseridas nestas comunidades, a idéia é que a letra alcance toda a população e se faça entender independente da escolarização, nível econômico ou social.

A sintonia que o Rap tem com o contexto social vem desde o instante da criação, em que o autor/compositor se envolve num processo de pesquisa sobre o tema da letra, expõe ao grupo para aprovação e complementação – se for necessário – e finaliza quando letra e acompanhamento estão definidos, num processo de escolhas e decisões de forma conjunta, em sua maioria, como se observa no relato do rapper MC Bronx.

Geralmente eu gosto de ler coisas voltadas à política. Então eu começo a ler e vêm aquelas idéias. Daí eu começo a montar frases, vou montando até ter uma letra. Tem uma letra minha que eu levei três meses para compor. Eu retratei bem essa coisa contemporânea da nossa política, e eu consegui colocar na letra, ficou bem boa e acabou dando 11 minutos de música. (SOUZA, 2005, p.83)

Os *rappers* acreditam que são capazes ajudar a comunidade em que vivem, por isso buscam passar também mensagens de otimismo com intuito de melhorar a auto-estima de quem os ouve. É um trabalho que se transforma numa alternativa de modificarem suas vidas, fazendo do Rap o modo de sobrevivência, e dos consumidores, ampliando suas visões, perspectivas em relação ao futuro e até como método de educar, como explicita MC Bronx: “No momento que a gente se propõe a fazer esse tipo de música, a gente se propõe a ensinar” (SOUZA, 2005, p.21)

Em outra esfera histórica, Chico Buarque, um artista de um período de repressão social da década de 60, perseguido por imprimir em suas canções idéias questionadoras e revolucionárias, consegue retratar em suas letras o sofrimento do cotidiano do homem simples, colocando-se como um artista que utiliza a canção para denunciar a pobreza, a discriminação e o descaso com os sujeitos menos favorecidos da sociedade.

Na revista Cult (ano VI), o jornalista Heitor Ferraz traduziu este aspecto do compositor quando afirmou que em suas obras há dois poetas: um sentimental, que tem menos espaço e outro objetivo, que encontra sua poética ao dar a voz para personagens pinçados na vida brasileira. Segundo Ferraz, embora Chico tenha outras dimensões em suas

***“Todo dia eu só penso em poder parar.” Mas o Chico continua, andando sem cessar, que caminhar é com ele mesmo. Cantando o cotidiano, as desventuras dos meninos do Brejo da Cruz, dos que zanzam daqui prácolá, dos malandros, dos desvalilidos, dos que desoencam das construções, atrapalhando o sábado, de outros pingentes, balconistas, babás e garçons, dos pivetes dos sinais fechados, da romaria dos mutilados que dão nervo e vida a campos e cidadades. Daqueles que saíam da rotina triste pra ver a banda passar e a ela retornavam, cada qual no seu canto” (Alencar, 2004, p.68).***

obras, como a forma que retrata a sensibilidade feminina, sua trajetória artística foi marcada pela preocupação e participação política.

Essa forma de retratar a realidade de forma politizada fez de Chico Buarque e ainda o faz um ícone de expressividade de temas que defendem a vida pobre e marginalizada de uma sociedade que não tem condições próprias de expressar sua indignação ante um sistema opressor, massificador e oponente.

Em outra entrevista dessa mesma edição da revista Cult, a ensaísta Adélia Bezerra Menezes especifica coerentemente o perfil desses personagens nas obras do compositor. Autora de dois livros que exploram bastante a obra de Chico Buarque, Adélia analisou as letras de Chico, vinculando-as ao contexto em que foram criadas e dividiu suas obras em três modalidades pertencentes à poesia de resistência - modalidade que estabelece uma ótica de recusa à realidade opressora, sendo elas (MENESES in Cult, ano VI, p.55):

- 1) lirismo nostálgico: recusa do presente opressor voltando-se para um passado em que as relações humanas não eram degradadas pela massificação e pela estandardização (A banda, Maninha, Realejo);
- 2) variante utópica: recusa da realidade opressora projetando-se para um tempo-espaco outro (...) canções que cantam o “dia que virá”, ou propõem um futuro em que se dará a reconciliação do homem consigo próprio e com o mundo (O que será);
- 3) vertente crítica: recusa da realidade, ferindo-se pela crítica social, seja direta (Construção, Meu guri), seja através das ricas modulações de que se reveste a ironia (Mulheres de atenas, Bye, bye Brasil).

O tom de protesto e indignação explorados por Chico Buarque, em sua maioria são retratados num estilo poético metafórico ou de ironia, utilizando o cotidiano do cidadão comum para deflagrar o posicionamento excludente que este indivíduo ocupa na sociedade. Atitude que apresentou-se também no momento de repressão, num contexto histórico em que se destilava a expressão poética em tom de crítica e ideologia.

Segundo o próprio Chico, sua resistência era motivada por uma razão mais humana. Em verdade, a reação de um homem, como qualquer outro, que vive da criação e que se incomodava com a interrupção de seu trabalho: “Eu não sou político. Sou um artista. Quando grito e reclamo é porque estou sentido que se estão pondo coisas que impedem o trabalho de criação, do qual eu dependo e dependem todos os artistas”<sup>38</sup>. (MARTINS, 2005, p.16)

O processo de criação do *rap* é realizado a partir de temas extraídos do cotidiano do cidadão da periferia. “As letras abordam experiências vividas, em oposição à miséria, às drogas, ao crime e à violência, cujo objetivo é fornecer alternativa à população excluída”. (SOUSA, 2005, p.7). Com Chico Buarque, também é perceptível a influência que o meio social emprega em suas canções. Martins (2005) revela este aspecto de Chico de se portar

como artista engajado num contexto social, por meio de um trecho de uma entrevista do compositor:

A idéia é justamente essa: constatar uma situação, colocar uma situação, confiando no critério das pessoas que vão ouvir minha música, ou assistir à peça. E que elas tirem daí alguma conclusão. Eu tenho até uma certa antipatia pelo trabalho que, ao mesmo tempo, representa uma situação e se propõe a jogar uma solução. Parece-me óbvio. É uma questão de gosto pessoal mesmo. Eu prefiro a visão mais jornalística: táí, a situação é essa, vocês tirem a conclusão que quiserem.

Chico Buarque ainda traz essa marca de inconformidade em suas letras – embora explore também temas considerados mais leves como a representação do feminino. Nesta representação, ele define como o eu lírico, *um eu moça*, num estilo requintado e indefeso, que emana a sensação em alguns ouvintes de que se trata de uma composição criada por mulheres.

Contudo, no álbum “Carioca”, música Subúrbio, ele não deixou de empregar o estilo engajado nas questões sociais e procurou retratar a periferia do Rio. Em entrevista à revista “Língua Portuguesa”, Chico relata que “a linguagem utilizada nas letras de rap é

**[...] eu quis cantar a periferia da periferia. Tem relação com a posição marginal do Brasil no mundo e com a posição cada vez mais periférica do Rio em relação às tomadas de poder (...) O subúrbio que eu canto é a periferia de fora do mapa de uma cidade, ela própria meio marginal. Mesmo assim, o subúrbio ainda mantém um lado idílico, com suas tradições e formas de expressão próprias. Foi isso que me motivou.**  
**Chico Buarque**

simples e coloquial, composta de expressões pouco difundidas num ambiente de ensino dentro das escolas”. O que sugere que a sua composição ainda se vê inserida na preocupação questionadora, de gerar reflexões, promover a contestação. Em outro momento, para a “Revista Língua”, o autor ainda relatou que, quando começou a gravar, o coloquialismo, além de aceitável, era bem vindo para que a música popular se aproximasse do linguajar comum. A idéia, em ambos os casos, é que a letra alcance toda a população e se faça entender independente da escolarização, nível econômico ou social.

Sendo assim, nesse mesmo álbum – “Carioca”, Chico Buarque parte para o inusitado em sua carreira e insere um formato de canção muito parecido com um Rap. Na busca do novo, Ode aos Ratos, composição feita para o teatro, segundo Chico, surgiu numa tentativa de se fazer o Rap, mas a melodia, ritmos e rimas deixaram-na mais parecida com embolada, conforme relata em entrevista para o jornal o Estado de São Paulo em maio de 2006:

No caso de Ode aos Ratos, desde o começo disse que essa música ia entrar no disco. Tinha a idéia de introduzir um elemento novo. E tinha pensado num rap. Mas eu não soube fazer direito e depois comecei a ficar duvidando um pouquinho dessa idéia. Já via muito rap utilizado em comerciais e não sei quê, talvez não fosse uma boa idéia, mas era.

Mas diante dos relatos de indignação em relação à política, sociedade, discriminação encontrados em sua trajetória artística por meio de diversas letras de músicas que veiculou como forma de protesto, atualmente o rap entrou em sua carreira.

Não que eu ouça seguidamente rap ou música funk, mas isso me chega aos ouvidos mesmo que eu não ligue o rádio. Está aí. Está no ar. Porque o Rio de Janeiro é uma cidade muito musical. (...) A gente percebe que a cidade está um pouco se deixando cair, se deixando entrar nesse processo de decadência, mas a música está sempre muito viva. Revista Expressions - Julho/2006  
Regina Zappa

**Rap Embolada**  
**Rato**  
**Rato que rói a roupa**  
**Que rói a rapa do rei do morro**  
**Que rói a roda do carro**  
**Que rói o carro, que rói o ferro**  
**Que rói o barro, que rói o morro**  
**Rato que rói o rato**  
**Ra-rato, ra-rato**  
**Roto**  
**Que ri do roto**  
**Que rói o farrapo**  
**Do esfarrapado**  
**Que mete a ripa, arranca-rabo**  
**Rato ruim**  
**Ode aos Ratos – Chico Buarque**

Por sempre se mostrar um artista engajado, ainda hoje se vê em suas obras a inquietação constante diante dos fatos que o incomodam. Isso é conferido não só por meio de Ode aos Ratos, mas em outras composições como Subúrbio e Dura na Queda, as quais retratam a realidade cruel e

as mazelas do Rio de Janeiro e Outros Sonhos, em que se preconiza o desejo de viver numa realidade diferente. Por meio das canções, ele coloca à tona o que é de profundo desagrado no cotidiano do cidadão comum, e, por conseguinte, no seu, independente do estilo musical a que recorre.

## **As Canções e os Gêneros Textuais**

Gêneros textuais estão ligados ao modo que as pessoas se comunicam no seu cotidiano. Conforme se descobre novas formas de comunicação, os gêneros vão se modificando para se adaptarem ao novo processo, fator que se observa há muitos anos, desde a invenção da escrita, século VIII a.C., tanto para contemplar as inovações na modalidade comunicativa oral, quanto escrita.

O surgimento e expansão das novas tecnologias nos últimos dois séculos desencadeou novos métodos de comunicação e, conseqüentemente, vários gêneros surgiram para contemplarem as novas modalidades. Não se trata de gêneros totalmente inovadores, mas sim uma adaptação daqueles já existentes para as novas formas de se expressar. Tem-se como exemplo e-mail, blogs, chats que, respectivamente, estão relacionados à carta, diários e conversas face a face, os quais, por serem mediados pelo aparato tecnológico, necessitam de outra dinâmica de veiculação.

Ao considerarmos a língua uma unidade viva, mutável de explanação da linguagem inserida numa atividade social, histórica e cognitiva, vemos os gêneros textuais como um conjunto de unidades textuais construído historicamente para viabilizar a comunicação. A língua, tal como a fala, acompanha o processo evolutivo das relações sociais, sendo que, com relação à fala, essa transformação ocorre à medida que se promove a interação verbal em momentos e contextos distintos; observa-se um movimento dialético, no qual cada parte deste processo sofre reações e alterações de acordo com o uso, a situação, a história. Nessa visão, a língua apresenta um caráter progressivo, torna-se um objeto vivo, tendo a fala como atividade ininterrupta da linguagem, sem limites de definição, que deve ser entendida, interpretada, avaliada e até observada conforme o momento de sua expressão.

A língua como sistema possui uma imensa reserva de recursos puramente lingüísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem direcionamento real no todo de um enunciado concreto. A expressão desse direcionamento real nunca se esgota, evidentemente, nesses recursos lingüísticos especiais (gramaticais). Eles podem nem existir, mas neste caso, o enunciado pode refletir de modo muito acentuado a influência do destinatário e sua atitude responsiva antecipada. (BAKTHIN, 2003, p.306)

Desse modo, concebe-se a idéia de que só existe comunicação verbal por meio dos gêneros textuais, contrariando o conceito subjetivista empregado por alguns lingüistas em que a língua é vista apenas como um signo lingüístico.

Para entender melhor a idéia de que o gênero textual está intrinsecamente relacionado ao processo de comunicação, é necessário diferenciar gêneros textuais de tipos de texto.

Para se classificar um texto, são observadas algumas características com relação à sua forma e função no processo comunicativo; assim, observa-se a intenção do autor ao criar determinado texto e qualificações que possui, no intuito de enquadrá-lo em determinada tipologia, como dissertativo, argumentativo, narrativo, entre outros. Em contrapartida, os gêneros textuais não se detêm a uma característica específica de definição. Um gênero existe para manifestar a comunicação e, dentro dessa expressão, pode-se observar a presença de várias formas textuais, ligadas de modo coerente e coeso.

Marcushi (2005, p.23) propõe uma definição para distinguir tipos textuais de gêneros textuais.

## TIPOS TEXTUAIS

1. constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;
2. constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitados de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.

## GÊNEROS TEXTUAIS

1. realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instrução de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Assim, os gêneros textuais não se limitam apenas a aspectos estruturais de um texto, como se vê no estudo da tipologia textual; os gêneros propiciam as mais diversas modalidades de comunicação entre interlocutores, pelo fato de possuírem carga sócio-cultural

e histórica, considerados, por Bakhtin, como relativamente estáveis, por fazer parte de práticas sociais na expressão de discursos específicos.

A canção – enquanto gênero textual - abarca várias modalidades de texto na busca da expressão, ao passo que a tipologia textual procura conceituar formas de manifestação das idéias, seguindo características pré-determinadas, para se enquadrar na conceituação e características de determinado tipo. Uma letra música tem a possibilidade de conter vários tipos de textos, embora seja considerada um gênero híbrido, que possibilita a manifestação de várias idéias, por ser uma unidade discursiva social, cultural e histórica.

Na concepção bakhtiniana, gênero é o fenômeno da linguagem por meio das unidades estéticas e culturais, sem vinculação com o tempo presente. Os fenômenos da linguagem se manifestam na interatividade resultante do uso da língua. Enunciados possuem variados gêneros discursivos, determinados em dois conjuntos: os gêneros primários e os gêneros secundários.

Para Bakhtin, o gênero vive do presente, mas recorda seu passado, seu começo. É representante da memória criativa no processo de desenvolvimento literário. A vida do gênero é marcada pela capacidade de renovar-se em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual. (MACHADO in BRAIT, 2005, p.146)

Enquanto primários, os gêneros estão relacionados ao discurso da oralidade (diálogo cotidiano, discurso didático, político) independente do nível adotado. Já os secundários, embora considerados uma vertente do gênero primário, são formações mais complexas, resultantes da comunicação cultural e elaboradas em esferas específicas como a ciência, a arte, a política. Devido à capacidade de transformação que possuem, os gêneros propiciam descobertas importantes sobre o homem, suas ações e idéias.

Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário) refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado no nosso livre projeto de discurso. (BAKTHIN, 2003, p. 285)

Considerando as duas nuances que o gênero textual apresenta, observa-se que as canções são gêneros textuais secundários, imbuídos de caráter social, histórico, cultural e até ideológico. Mais que entretenimento, as canções adquirem uma identidade cultural capaz de enumerar dados que traçam o perfil de uma época, de um acontecimento, de uma tendência, de um movimento, revelados, por vezes, não só numa análise contextualizada da letra, mas do próprio compositor, enquanto sujeito histórico de um mundo em constante transformação.

Os gêneros discursivos são, desse modo, extremamente necessários para a compreensão humana, por apreender idéias sobre as mais diversas esferas de comunicação da sociedade. O indivíduo que tem acesso a gêneros discursivos diversos aprimora sua capacidade comunicacional e se apresenta de forma mais clara, incisiva, coerente em situações discursivas.

## **Cantar na escola, nos PCNs e no Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do DF**

Dentre as diversas formas de se buscar mudanças no processo de ensino e aprendizagem, é pertinente analisar, mesmo que de forma breve, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – que propõe reformular os objetivos da educação nacional com o intuito de avançar na busca de novos paradigmas. Na perspectiva dos PCNs, a pluralidade de idéias, advindas das diferenças sociais, culturais, regionais são essenciais e devem ser respeitadas - oferecendo à sociedade uma escola que leve o estudante a ter um entendimento mais contextualizado, tornando-o capaz de assumir seu papel de protagonista na construção do conhecimento e do mundo em que vive; é nesse contexto que a apresentação de nossos questionamentos está em sintonia com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

Os conteúdos indicados para as práticas do eixo do *uso da linguagem* são eminentemente enunciativos e envolvem aspectos como: a historicidade da linguagem e da língua; aspectos do contexto de produção dos enunciados em leitura/escuta e produções de textos orais e escritos; as implicações do contexto de produção na organização dos discursos (gênero e suportes) e as implicações do contexto de produção no processo de significação”.(ROJO, 2002, p.30).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados com o intuito de proporcionar discussões entre a comunidade escolar - pais, educadores, educandos, comunidade - para aprimorar as atitudes, comportamentos, ações em âmbito educacional, procurando um ensino inovador que contemple as necessidades da sociedade atual. As propostas são em nível nacional, respeitando as diversidades regionais, culturais, políticas, propiciando reflexões sobre práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento pleno do educando enquanto cidadão.

No ensino da Língua Portuguesa, os Parâmetros Curriculares, seguindo a concepção geral que fundamenta os objetivos dos PCNs como um todo, propõe a reformulação da prática de ensino desta disciplina, considerando as várias transformações que sofre a ação comunicativa. Nessa perspectiva, os PCNs de Língua Portuguesa consolidam que a atividade discursiva deve ser valorizada, pois é a interação que permite as análises de evolução da língua (p.23).

- Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver competência discursiva.
- O sujeito participante da interação deve ser capaz de usar a língua de maneira diversificada, produzindo vários sentidos e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita.

A orientação para o desenvolvimento de projetos educativos proposta pelos PCNs contribui para que cada região formule documentos, planejamentos, selecione recursos que estejam em consonância com a realidade em que se vive. Dessa forma, alicerçado nos PCNs, o Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do DF tornou-se o documento que especifica as ações educativas desta Unidade Federativa, sugerindo metodologias de ensino para o educador na sua área de atuação, aliando as variedades locais à autonomia desse educador ao ministrar suas aulas. Nesse Currículo, o educador encontra diretrizes específicas para a realidade do ensino do Distrito Federal e habilidades e competências que devem permear o processo de ensino/aprendizagem, independente dos procedimentos que utilizará.

O Currículo prima, em seu objetivo geral, o ensino contextualizado e interdisciplinar, estimulando o raciocínio e a capacidade de aprender. Além disso, em sua concepção, privilegia o ensino por meio de competências e habilidades a serem alcançadas, preparando o educando para o convívio social fora do ambiente escolar. O educador propõe atividades considerando a competência estabelecida pelo Currículo (p.23):

- Preparar o aluno para exercer, com autonomia, as potencialidades humanas no processo para a (re)construção da vida, sendo solidário, criativo, participativo, ético e crítico.

Para o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Médio, que está inserida na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, o Currículo de Educação Básica delimita como objetivo aprimorar a capacidade de comunicação dos alunos, estabelecendo ações que o possibilitem externar as suas idéias diante do que lhe é exposto no cotidiano. Compreende e difunde a idéia de que o ensino da língua deve estar vinculado ao estudo do contexto em que está sendo utilizada, trabalhando o texto como processo de construção de sentido, sendo assim, dispõe (p. 33):

Dessa forma, entende-se o trabalho que se realiza no texto e pelo texto como uma possibilidade de ação intencional sobre os interlocutores, com o objetivo de modificar uma determinada situação. Decorre, então, que o sentido do texto constitui-se no jogo da interação dos interlocutores, envolvendo a imagem que eles fazem uns dos outros e dos referentes, partilhando o conhecimento. [...] O que deve ser realçado é o processo de construção e de atribuição de sentido ao texto, possibilitado pela atividade de reconstrução do mesmo nas atividades que serão organizadas no trabalho com a Língua Portuguesa na área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Nessa proposta, a linguagem capta, difunde e analisa transformações relevantes para se compreender o ensino da própria língua. Enquanto se analisa todo o contexto, é possível que se desenvolva diversas habilidades e competências que ultrapassam o ensino sistematizado e repetitivo de regras e conceitos gramaticais vagos.

Para tal, a sistematização dessas idéias é possível por meio do estudo da linguagem enquanto gênero discursivo. Os PCNs utilizam os gêneros discursivos textuais como objetivo de ensino, acreditando que, por meio dos textos, o aluno alcance a interação

necessária para se envolver em qualquer área de conhecimento, não se restringindo ao ensino da Língua Portuguesa. No Currículo de Educação Básica, alguns tópicos foram estruturados para orientar o educador nessa perspectiva, cuja prática de ensino, embora autônoma, siga algumas estruturas que embasem o método do profissional. São quatro os eixos relacionados ao que propusemos nesta pesquisa e que definem essa proposta de ensino no Currículo, denominados **Eixos Estruturados** (p.35):

- concepção de linguagem na ação comunicativa como instrumento de mediação na construção de conhecimentos;
- comunicação oral e escrita na concepção dialógica da linguagem;
- produção imagética (figuras e temas; metáforas do hipertexto – o computador e a produção de texto a partir da linguagem da informática, etc.);
- texto com expressão semiótica na construção de sentido, concebendo as plurissignificações no contato com os textos.

Esses eixos têm como finalidade orientar o educador na sua prática, vinculando os objetivos que o Currículo propõe para o ensino da disciplina ao que o educador julgue pertinente como procedimento para que o educando atinja as metas que são definidas no desenvolvimento da aprendizagem.

Encontramos no Currículo toda a referência necessária para desenvolvermos a proposta de produção de sentido por meio da inserção de canções no ambiente de sala de aula. Os objetivos definidos no Currículo de Educação Básica estiveram em conformidade com todas as etapas de desenvolvimento do projeto, considerando o modo como o estudo da Língua Portuguesa é sugerido.

A prática de ensino que desenvolvemos nesse trabalho vinculou-se não só ao estudo da disciplina em questão, mas a toda a área de conhecimento em que está inserida,

demonstrando a presença da contextualização, como se observa nos objetivos gerais dispostos no documento, referente à área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (p.29):

1. Apropriar-se dos recursos tecnológicos disponíveis, aplicando-os na prática pedagógica e em outros contextos relacionados à vida cotidiana.
2. Compreender o ensino da Língua Portuguesa inserido na Área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias como instrumento de comunicação e de negociação, relacionando a estruturação de idéias e a manifestação da identidade e do pensamento que se dá pelo dialogismo permanente das linguagens que permitem o desenvolvimento e a interação do aluno nas diversas situações.
3. Fortalecer o processo do homem se fazer no mundo, oportunizando-lhe a aquisição de competências e habilidade, a criação e recriação de procedimentos e ressignificação de valores e atitudes, tendo em vista os diversos contextos em que atua.
4. Promover a apropriação consciente e sensível dos conhecimentos e modos de produção, apreciação e contextualização dos sentidos e significados das linguagens artísticas (visual, musical, teatral e dança) para ampliar as dimensões estéticas, sócio-culturais e históricas do aluno, e contribuir par ao processo de humanização de sua identidade individual.

O aporte teórico em Bakhtin e outros autores traduzem essa busca de conhecimento embasada nos objetivos expostos no Currículo. A idéia de uma educação que vislumbre o ensino por meio de práticas contextualizadas, as quais, no nosso caso, remetem ao aprimoramento das interações verbais por meio de análises de canções em seu contexto, viabilizam movimentação desse educando de uma posição de paciente no processo de ensino para agente co-participante. Além de assimilar o que lhe é proposto, é capaz de confrontar idéias, expressar-se diante delas e ressignificar o que apreendeu, respeitando o que já traz

consigo de conhecimento. Desse modo, contemplamos algumas habilidades, competências e procedimentos já dispostos no Currículo de Educação Básica, especificamente em Língua Portuguesa.

Nas competências e habilidades expostas no quadro que segue, evidencia-se o envolvimento do objeto deste trabalho no que é proposto nos PCNs e, conseqüentemente, no Currículo de Educação Básica. Corrobora-se com o exposto, que a análise das canções promove a interação verbal, o estudo da língua como organismo vivo e vincula o processo de ensino/aprendizagem da linguagem ao contexto em que é disseminada.

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	PROCEDIMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>Entender a língua portuguesa como veículo de interação dialógica, transmitindo e processando diferentes tipos de mensagem em situações nas quais os alunos devam expressar idéias ou opiniões de modo estruturado, coerente e claro.</li> <li>Compreender que a língua pode ser vista como um organismo vivo, mutável, em constante processo de desenvolvimento, assumindo níveis diferentes a partir de influências de fatores sociais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Entender a língua portuguesa como instrumento de interação comunicativa inserida em determinado contexto sócio-histórico e ideológico.</li> <li>Transmitir e processar mensagens lidas, escritas, ouvidas e vistas.</li> <li>Desenvolver recursos de fluência e expressividade no manejo do código verbal durante o processo de interação comunicativa.</li> <li>Compreender enunciados por meio da distinção entre linguagem conotativa e denotativa.</li> <li>Perceber-se no papel de interlocutor de enunciados lingüísticos orais e escritos.</li> <li>(Re)construir sentido dos enunciados a partir dos elementos do texto e do contexto</li> <li>Analisar as estruturas lingüísticas que assumem significados diferentes, dependendo das intenções dos interlocutores.</li> <li>Identificar variedades lingüísticas.</li> <li>Reconhecer-se como usuário e sujeito ativo no processo de desenvolvimento da língua.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reconhecendo a linguagem como atividade social realizada com determinadas finalidades e interesses.</li> <li>Debatendo, em sala de aula, assuntos relacionados à realidade social, econômica e cultural dos alunos (isto é, da comunidade local).</li> <li>Elaborando pequenos textos nos quais se fundamentem, coerentemente, argumentos sobre idéias e opiniões em relação a assuntos de interesse.</li> <li>Fazendo comentários sobre textos produzidos por outras pessoas, apresentando intenções e propósitos.</li> <li>Leia textos produzidos em épocas diferentes, sobre o mesmo assunto, analisando a variação da língua e de seus componentes de região para região, de grupo social para grupo social, de uma época para outra, de uma situação de comunicação para outra.</li> <li>Desenvolvendo processos comunicativos para diferentes ambientes, situações, espaços e tempos.</li> </ul>

## PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

No século XIX, a semântica constituiu-se disciplina na lingüística e um dos marcos dessa mudança foi a publicação da obra de Michel Bréal – Ensaio da Semântica – em 1897, a qual apresentava duas características importantes com relação à significação, assim relatadas por Guimarães (2005, p.13):

- a) “as questões de significação não podem ser tratadas pelas via etmológica, mas pela consideração de seu emprego; e
- b) é preciso considerar a palavra nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas frases em que aparecem.”

Opondo-se ao Naturalismo deste mesmo século, o autor constituiu a Semântica como disciplina das significações, considerando a linguagem como fenômeno humano. Bréal também tratou da subjetividade da linguagem, que ele determina ser representada por palavras, considerando que a língua traduz elementos subjetivos.

Em contrapartida, Ferdinand Saussure em sua obra “Curso de Lingüística” publicada em 1916, postula que a “lingüística deveria focalizar a *langue* – isto é, o sistema da linguagem, com suas unidades básicas e suas regras de combinação – e não a *parole*, as emissões concretas possibilitadas por esse sistema” (STAM, 2000, p.30). Bakhtin, como veremos, inverte essa ênfase, minimizando a importância do sistema de língua, como modelo abstrato, e ressaltando, em seu lugar, a *parole*, a enunciação, o discurso concreto, vivo e partilhado por sujeitos em interação social. Ao ignorar o vínculo exterior, a significação é exposta como fruto de relações internas ao sistema lingüístico, de modo que o que interessa é o valor de um signo. Signos que têm duas faces, o significante e o significado, sendo que o significado de um determinado signo não vai ser encontrado em outro. Contudo, Saussure não descarta a idéia do caráter social da língua, embora não considera que o objeto apresente

caráter histórico; preconiza que não há relação de transformação como o objeto da lingüística ou relação da língua com algo que lhe seja relacionado ao mundo vivido.

Saussure priorizou a análise da língua como objeto de estudo da lingüística, embora, para isso, não tenha descartado o estudo da linguagem. Esses estudos não relacionavam a língua a um idioma histórico, mas à capacidade de se criar signos e ordená-los num sistema. Em suma, propôs níveis lingüísticos: o da generalidade máxima (linguagem), o da particularidade (língua) e o da individualidade (fala).

Corrêa (2003, p.25) elencou alguns tópicos que traduziam aspectos gerais sobre idéias defendidas por Saussure, base para estudos teóricos da linguagem do século passado:

- a) “a proposição de um corte no curso da história e conseqüente privilégio de um estado de equilíbrio relativo da língua, constatável numa sincronia;
- b) a ênfase na construção da língua pela coletividade, fato que marcaria uma ordem própria da língua, caudatária do caráter social da língua – e da ordem social positiva – como um registro fixado igualitariamente;
- c) a proposição de um sistema de signos assentado nas relações internas que essas unidades básicas da língua manteriam no interior desse sistema, recurso por meio do qual os signos ganhariam um valor em função de suas relações internas ao sistema;
- d) a consideração da língua como uma instituição social entendida como um meio para se chegar a um certo fim, a saber, a língua como meio dirigido ao fim da comunicação no interior de um grupo humano;
- e) a proposição de uma lingüística da língua que teria como preocupação o estudo desse sistema autônomo e homogêneo, tomado como produto do trabalho coletivo do homem;

- f) a proposição de uma disciplina científica – uma lingüística interna -, em que se poderia observar – livre de qualquer injunção exterior – o funcionamento interno daquele sistema.”

Essa vertente da lingüística saussuriana exclui o referente, o sujeito e a história nas relações de significação, questões que ganharam força no pensamento semântico do século XX, quando se iniciou a contemplação desses aspectos até então rejeitados no objeto.

Dentro de uma proposta de linguagem contemporânea, Orlandi faz essa observação da significação, tratando-a como um elo que liga os sentidos às condições em que são produzidos.

Essas condições abrangem o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto do discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos etc.” (ORLANDI, 2006, p.35)

Bakhtin, em “Marxismo e filosofia da linguagem” contesta, ao analisar o processo lingüístico na interação verbal, duas concepções com relação ao estudo da linguagem que contribuíram para delimitar estudos lingüísticos: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato.

De acordo com Bakhtin, o subjetivismo idealista reduz o estudo do fenômeno lingüístico à análise da fala, teorizando que ela é o fundamento de toda a atividade de linguagem, portanto este deve ser o objeto de estudo da filosofia da linguagem. Essa perspectiva foi bastante difundida por Wilhelm Humboldt, cujas idéias, embora tenham ramificado outras correntes de pensamento, ainda influenciam os estudos lingüísticos. Contudo, nessa visão, os estudos da lingüística descartam a idéia de observá-la como sistema unicamente fonético, gramatical, na qual a língua é parte de um sistema lingüístico já acabado; prioriza-se o que Vossler denomina como “componente ideológico significante da

língua”, ou seja, uma concepção de língua que abarca princípios ideológicos, artísticos, estéticos. O que toma relevância é a renovação que língua adquire no processo cognitivo e social de expressão, considerando sua essência histórica, e não as formas e normas que compõe um sistema no processo de enunciação, como defendem alguns lingüistas.

Para determinar as concepções dessa orientação filosófica da linguagem, Bakhtin (1977) destaca quatro proposições referentes à língua:

- 1) A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais da fala.
- 2) As leis de criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual.
- 3) A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
- 4) A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto a ser usado.

Como essa concepção interessa-se pelo ato da fala, os outros fatores que compõe o processo lingüístico adquirem a função de fornecer condições para a realização dessa atividade cognitiva individual da linguagem.

Com características contraditórias a essa orientação e bastante defendidas por Saussure, tem-se o objetivismo abstrato que assume a idéia de que a língua se resume a uma construção fonética, já definida em normas que, por vezes, se limitam a apreciar sons e pronúncias, desconsiderando a ideologia e a historicidade no uso da língua.

Bakhtin expõe quatro concepções para relatar princípios importantes sobre o objetivismo abstrato:

- 1) “A língua é um sistema estável, de formas lingüísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.

- 2) As leis da língua são essencialmente leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.
- 3) As ligações lingüísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos lingüísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
- 4) Os atos individuais da fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativa. Mas são justamente estes atos individuais da fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si.”

Desse modo, o sujeito aceita as regras que lhes são impostas, absorve e reproduz sem preocupar-se com contexto em que se inserem, pois essa visão ultrapassaria sua capacidade de análise. Tais regras a que se resume a língua independem da ideologia do sujeito para existência, pois este as dissemina sem pretensões de transformá-las ou integrá-las num processo lingüístico enquanto fenômeno social. O funcionamento da linguagem, representa e refrata uma realidade segundo o critério ideológico que se possui. Dessa forma, há uma estreita articulação entre domínio ideológico e domínio dos signos.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como somo, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e

objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. (BAKHTIN, 2006, p.33)

Para Bakhtin, não se encontra a verdade a partir de um único texto, na visão de uma pessoa, na expressão unilateral. As idéias ganham força e credibilidade quando confrontadas em situações dialógicas, nas quais os interlocutores interagem e constroem os discursos numa cadeia infinita de produção e propagação de conhecimento. É dessa forma que acreditamos que o aprendizado deve ser concebido, construído, difundido; e é dessa forma que propusemos, acompanhamos e instigamos a construção dos saberes nessa pesquisa. Depreendeu-se, então, a re-significação das idéias em busca dos sentidos, que, para nós, tratou-se do reflexo das provocações realizadas por meio de canções.

Na perspectiva do que propusemos, o sentido ultrapassa a simples elaboração de conceitos estanques, observados fora de uma situação de interação verbal. De início, é preciso conceber a idéia de que as palavras ganham vida e significação quando envolvidas num processo discursivo. É o que se observa nos conceitos de dicionários: uma palavra comporta diversos significados, mas cabe ao interlocutor empregar o que melhor couber no contexto para o entendimento pleno do que lhe for exposto o que expuser no momento da interação verbal.

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 2006, p. 137)

Para Saussure, a significação está unicamente vinculada à língua sob duas faces: o significante e o significado. Dessa forma, um signo tem o significado que não se encontra em outro. Essa análise exclui a visão de interferências externas na construção da significação, pois descarta as relações entre sujeitos ou interferências históricas.

Essa forma de analisar a linguagem vai contra ao que defendemos, pois no princípio da enunciação, todas as partes do processo de interação contribuem para a análise do que é expresso. Não se excluem o referente, o mundo, os sujeitos, o contexto, pois a observação, dessa maneira, descarta elementos primordiais para análise de textos de forma reflexiva.

Sendo assim, a construção da significação é realizada a partir do momento que consideramos o sentido como discursivo, materializado a partir de um acontecimento enunciativo.

Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético horizontal social. A sociedade em transformação alargar-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. (BAKHTIN, 2006, p.141)

## **Metodologia: Caminhos e Sons**

Analisar a linguagem musical, na perspectiva bakhtiniana, não significa restringir-se aos aspectos formais e abstratos das composições musicais, distante das questões culturais e sociais. Pelo contrário, significa compreender e descrever os modos concretos e as estratégias de construção de sentido em torno dos diferentes gêneros musicais, observando as palavras, as composições e os sons enunciados pelos compositores e o modo como são re-significados pelos ouvintes/alunos.

A proposta desta dissertação contempla a possibilidade de observar e analisar como os educandos expressam-se ao interagirem com práticas mais contextualizadas de ensino/aprendizagem em sala de aula. Trata-se de um estudo que vislumbra a motivação para a escrita, a construção de idéias, a elaboração de argumentos e a exposição escrita e oral, primando pela coerência e coesão de idéias.

O saber teórico, instituído academicamente, precisa interagir com as concepções construídas no cotidiano das relações sociais, possibilitando uma permanente troca entre visões de mundo que se expressam através de registros de linguagem ou de gêneros discursivos distintos. (KRAMER, 2003, p.07)

As formulações teóricas de Mikhail Bakhtin direcionam os estudos científicos para uma perspectiva de interação e historicidade, independente do objeto em estudo. Sendo assim, utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa, considerando três princípios de epistemologia qualitativa, segundo REY (2002, p.31):

- O *conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa*, isto é, o conhecimento não é uma soma de fatos definidos por constatações imediatas do momento empírico. Seu caráter interpretativo é gerado pela necessidade de dar

sentido a expressões do sujeito estudado, cuja significação para o problema objeto de estudo é só indireta e implícita.

- *Caráter interativo do processo de produção do conhecimento:* Esse segundo atributo da epistemologia qualitativa enfatiza que as relações pesquisador-pesquisado são uma condição para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências humanas e que o interativo é uma dimensão essencial do processo de produção de conhecimentos.
- *Significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento.* A singularidade foi historicamente desconsiderada quanto à sua legitimidade como fonte de conhecimento científico; mas na pesquisa da subjetividade adquire importante significação qualitativa quando impede de identificá-la como o conceito da *individualidade*. (...) constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do indivíduo.

Acreditamos que a observação e análise de um fato tornam-se coerentes quando não são desconectadas do contexto em que estão inseridas. Dessa forma, as diferentes estratégias adotadas neste estudo alicerçaram-se na orientação sócio-histórica, por esta se caracterizar, segundo Freitas (2003 p. 27), nos seguintes aspectos:

- A fonte dos dados é o texto (contexto) no qual o acontecimento emerge, focalizando ao particular enquanto instância de uma totalidade social. Procura-se, portanto, compreender os sujeitos envolvidos na investigação para, através deles, compreender também o seu contexto.
- As questões formuladas para a pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização das variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não

se cria artificialmente uma situação a ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento.

- O processo de coleta de dados caracteriza-se pela ênfase na compreensão, valendo-se da arte descrição que deve ser complementada, porém, pela explicação dos fenômenos em estudo, procurando as possíveis relações dos eventos investigados numa integração do individual com o social.
- A ênfase da atividade do pesquisador situa-se no processo de transformação e mudança em que se desenrolam os fenômenos humanos, procurando reconstruí-la a história de sua origem e de seu desenvolvimento.
- O pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa porque, sendo parte integrante da investigação, sua compreensão se constrói a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e depende das relações intersubjetivas que estabelece com os sujeitos com quem pesquisa.
- O critério que se busca numa pesquisa não é precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração e a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado. Disto resulta que pesquisador e pesquisado têm oportunidade para refletir, aprender e resignificar-se no processo de pesquisa.

Os estudos qualitativos foram realizados numa escola de Ensino Médio do Distrito Federal - DF, localizada na cidade Riacho Fundo I, escolhida por ser ambiente de trabalho da pesquisadora e professora, propiciando, assim, facilidade de acesso aos sujeitos da pesquisa e realização da investigação com os educandos.

[...] a contextualização do pesquisador é também relevante. Este é um ser social que marca e é marcado pelo contexto no qual vive. Sua inserção no campo de investigação significa de fato sua penetração numa outra realidade, para dela fazer parte, levando para esta situação tudo aquilo que o constitui

como um ser concreto em diálogo com o mundo em que vive. (KRAMER, 2003, p.37)

Trata-se de um estabelecimento de ensino localizado numa cidade da periferia de Brasília, cujos alunos são oriundos não só das redondezas como da extensão da cidade denominada Riacho Fundo II. São alunos de classe social baixa, que cursam o ensino no turno noturno devido à idade inadequada para o diurno ou pelo fato de já trabalharem.

O turno noturno é formado, em sua maioria, por alunos que retornaram aos estudos por necessidade de comprovação de conclusão do ensino médio para progressão no emprego, para manter-se, ou, em muitos, para se inserir no mercado de trabalho. Há casos também em que o aluno não se enquadra às normas de conduta do diurno e são convidados a estudar no noturno, por se tratar de um regime mais flexível. Dessa forma, constitui-se um turno repleto de diversidades e defasagens, embora repleto de alunos interessados e dispostos a aprender, mesmo com todas as dificuldades que apresentam.

A construção do objeto de pesquisa proposta neste projeto foi dividida em diferentes etapas, nas quais os alunos, sujeitos da pesquisa, estiveram incluídos no processo de investigação. Ao considerar o aluno como interlocutor ao longo de todo o processo, prima-se pela concepção dialógica da alteridade defendida por Bakhtin, para quem “considerar a pessoa investigada como sujeito, implica compreendê-la como possuidora de uma voz reveladora, de capacidade de construir um conhecimento sobre uma realidade que a torna co-participante do processo de pesquisa.” (FREITAS, 2003, p.29). Como estiveram presentes nas várias etapas de realização do projeto, os alunos mantiveram-se em consonância com a professora/pesquisadora, nas decisões e no desenvolvimento do trabalho, seja na escolha de músicas, temas ou atividades; desse modo, desde o início eles se sentiram parte integrante do trabalho.

É justamente essa perspectiva que parece possibilitar uma incursão pelo fazer bakhtiniano e pelos conceitos fundamentais como *dialogismo*, *polifonia*, *intertextualidade*, *criatividade*, preservando a dimensão de incompletude conferida pelo autor e pelo conceito de vozes aí instaurado. (...) Tanto as palavras quanto as idéias que vêm de outrem, como condição discursiva, tecem o discurso individual de forma que vozes - elaboradas, citadas ou simplesmente mascaradas – interpenetram-se de maneira a fazer-se ouvir ou a ficar nas sombras autoritárias de um discurso monologizado. (BRAIT in BARROS, 2003, p.14)

Optamos por DVDs, para realização da audição das canções, por tratar-se de um recurso que dispõe também da parte visual, o que ampliaria as possibilidades de análises, haja vista os depoimentos inseridos em seu contexto. Utilizamos, também, alguns sites, por servirem de fonte de informação para contextualizar as canções com o artista, sua época, seleção de imagens e quaisquer outras informações pertinentes.

Para iniciar o trabalho de pesquisa, os educandos assistiram a dois documentários, cada qual voltado para um dos estilos musicais trabalhados. Para abordar o Rap foi realizada uma sessão cinematográfica - no pátio da escola - com o filme “*Rap, o Canto da Ceilândia*”, um documentário com duração de 35 minutos, de Adirley de Queiroz, baseado no diálogo de quatro consagrados artistas do Rap nacional (X, Jamaika, Marquim e Japão), todos moradores da Ceilândia, cidade da periferia de Brasília.

Uma produção cinematográfica que representou a UnB no 38º Festival de Brasília



do Cinema Brasileiro, no qual recebeu dois prêmios: de melhor filme da mostra competitiva em 35 mm e o do júri popular (eleito pelo público). No site [www.curtagora.com/filme](http://www.curtagora.com/filme) encontra-se detalhes do curta e sinopse: “O filme mostra a trajetória desses integrantes no universo da música e faz um paralelo com a

construção da cidade onde moram. São artistas que vêm no Rap a única forma de revelar seus sentimentos e de se auto-afirmar enquanto moradores da periferia”

A sessão no pátio da escola contou com a presença do cineasta Adirley, autor da produção que dirigiu algumas palavras aos alunos a respeito da realização do documentário, dificuldades encontradas nas gravações e prêmios que recebeu.

Após assistirem ao documentário, os alunos participaram de um debate, mediado pela professora/pesquisadora, no qual explanaram suas visões sobre o Rap. Foram observadas suas concepções individuais, exploradas e compartilhadas em grupo, confrontando suas idéias com os demais colegas numa concepção dialógica, na qual, segundo Amorim confirmar-se a idéia de que “na tensão entre pólos singularizante e universalizante está, segundo Bakhtin, o desafio e a riqueza das Ciências Humanas e somente uma postura relativista pode querer fugir a essa tensão”. (AMORIM, p.12 in KRAMER, 2003)

Num segundo momento, os alunos assistiram a pequenos trechos de várias entrevistas de Chico Buarque, extraídos de uma coletânea em DVD intitulada “Bastidores” “Roda Viva e “Uma Palavra”.



Nessa oportunidade, eles tiveram contato com algumas falas do compositor; sobre sua forma de composição, sua predileção por alguns temas, a fase da repressão política que vivenciou e a contextualização de suas obras com o cotidiano do cidadão comum. Para a

maioria dos alunos esse foi o primeiro contato que tiveram com o compositor. Embora alguns já tivessem ouvido algo a seu respeito não o reconheceram no vídeo, pois nunca o tinham visto.



Em seguida, os alunos elaboraram algumas produções escritas, respondendo às seguintes perguntas:

- 1. Que tipo de música – estilo musical – você costuma ouvir? O que representa esse estilo na sua vida, no seu cotidiano?**
  
- 2. Já teve contato com estilo musical do canto e compositor Chico Buarque de Holanda? Caso a resposta seja afirmativa, relate como e o que tem a expressar sobre essa relação com o estilo. Caso a resposta seja negativa, que impressão teve ao conhecer um pouco desse compositor.**
  
- 3. Você saberia dizer o que representam as canções de Chico Buarque e a sua figura no cenário cultural, político e social do Brasil? Dê uma justificativa coerente com sua resposta.**
  
- 4. De acordo com os temas abordados, os modos de se expressarem e o posicionamento diante da realidade brasileira, façam uma analogia entre os dois estilos apresentados.**

A partir de alguma familiarização dos alunos com os dois contextos musicais, obtida por meio de idéias que os levaram a uma reflexão mais consistente sobre os ritmos, foi solicitada a eles uma pesquisa de cunho histórico, bem como, uma busca por letras das duas modalidades musicais. A pesquisa histórica seria para que se aprofundassem mais no contexto e nas letras para que, conseqüentemente, fizessem a seleção das canções, tarefa que seria compartilhada com a professora/pesquisadora.

Após a análise das várias letras, escolhidas pelos próprios alunos e pela professora/pesquisadora, foram selecionadas três canções de Rap e quatro do compositor e intérprete Chico Buarque de Holanda, quais sejam:

## 1. Esse é o meu país – Câmbio Negro

Igualdade racial social	Prêmio Nobel dado a um físico
Negro e branco tratado de igual pra igual	nordestino
Boas escolas analfabetismo inexistente	Atletas inigualáveis apoio total do governo
Saúde em alta bons hospitais atendimento eficiente	Escolas de atletismo pelo país inteiro
Mortalidade infantil há muito eliminada	Idosos têm os seus direitos assegurados
Pobreza não se vê foi erradicada	Aposentadoria nunca atrasa bem
Criminalidade cai 90%	remunerados
Todos têm moradia ninguém ao relento	Na universal ninguém é enganado
Policiais educados segundo grau completo	Pastores não roubam ninguém são uns
Recebem salário digno equipamento moderno	pobres coitados
Não abusam do poder não há brutalidade	Voz do Brasil programa de
Admirados por todos da comunidade	qualidade
Honestidade na política admirável	No Brasil todo uma unanimidade
Mulheres no governo com certeza invejável	Sempre atual diversificado eficiente
Tratadas como se deve com respeito devido	Anos e anos na ativa sempre competente
Não mais como cadelas e sim como indivíduo	Rap nacional sempre difundido
Vários negros no senado trabalho reconhecido	Letras inteligentes trampo descente bem
Anos de faculdade lugar ao sol merecido	produzido
Vendemos tecnologia para o mundo todo	Não se confunde liberdade de expressão
Cientistas brasileiros sempre sempre no topo	com desacato
Recebem prêmios e prêmio no exterior	Espaço garantido artista de fato
Criam os mais modernos computadores	Vários discos de ouro reconhecimento
Aqui é o nosso país	População bem informada respeita o
Brasil primeiro mundo todo mundo feliz	movimento
Esse é o meu país	Levando a sério objetivos alcançados
Primeiro mundo Brasil todo mundo feliz	Povo da periferia não é mais
Segurança no trânsito crianças sempre sorrindo	humilhado

## 2. Olha o menino – Helião e Negra Li

Olha o menino	O seu lema é dim-dim	Foi bom pra mim se pá
Ainda não tem idade	E o menino esquecido até o fim	É zona norte Brazilândia
Mas realidade aí a fora filho chora	Olha o menino ainda não tem idade	E não é Disneylândia Passei a minha infância
Pode ser bem triste	Mas realidade na criminalidade	Toda por ali
Miséria existe	É, pode ser bem feio	Onde é melhor se respeitar
Nos quatro cantos da grande cidade	Daquele jeito	Pra não morrer
Cheio de coragem de lutar que tem	Bate de frente a repressão	Não pode perder
Vendendo drops no trem	Olha o ministro cadê a educação	E ainda tem quem pense assim
Hoje em dia é outra história	Olha o menino no jornal,televisão	Maiores são valores
Menino não joga bola não joga	Vejo a televisão eu sou um cidadão	Pra nós sobram as dores Pisaram sobre as flores
Olha o menino na escola, viu	Faço a reflexão não acho sério não	Periferia é um jardim Onde se plantam amores
Ensinararam que um Pedro descobriu	Menino não tem culpa não	E as dores
O Brasil	Político ladrão	Vou cantar que é pra ver
Isqueiro pro pavio	Dinheiro não é problema é solução	Um bom lugar eu vou Vou cantar que é pra ver
Dinheiro ninguém viu	Cadê então	Um bom lugar
Negreiro, pro navio negreiro	E quem te viu quem te vê doidão	Pra ver a vida do menino Mudar da água pro vinho
É...e pode ser um pesadelo	O que era cinco agora é dez	Brindar pra que se abram os caminhos
Olha o menino está perdido	E a inflação,o valor é cifrão	Vou cantar que é pra ver um bom lugar
Por inteiro	Por favor preste atenção	Vou cantar que é pra ver um bom lugar
Está perdido por inteiro	Aqui Helião	
E o menino tá perdido	"Tamo"no mesmo barco	
Tá perdido na ilusão	Na mesma situação	
E o político vendido	Sou malucão a minha eu faço	Na humildade hoje e sempre
Tá vendendo solidão	E não tô por acaso	
E a solidão não é solução pra nós	E "os mano"aqui não vai ter dó	Maluco só é gente
Então vai,vai	maluco só	É ruim de se quebrar essa corrente
Como é que se faz	Pra não chorar vou falar	
Pra compreender esse problema	Vou rir com a Negra Li há-há	
Bom é quem faz pra resolver		
Não faz esquema		
E o esquema faz assim		

### 3. Construção – Chico Buarque de Holanda

Amou daquela vez	Como se fosse o último	Beijou sua mulher
Como se fosse a última	Beijou sua mulher	Como se fosse lógico
Beijou sua mulher	Como se fosse a única	Ergueu no patamar
Como se fosse a última	E cada filho seu	Quatro paredes flácidas
E cada filho seu	Como se fosse o pródigo	Sentou prá descansar
Como se fosse o único	E atravessou a rua	Como se fosse um pássaro
E atravessou a rua	Com seu passo bêbado	E flutuou no ar
Com seu passo tímido	Subiu a construção	Como se fosse um príncipe
Subiu a construção	Como se fosse sólido	E se acabou no chão
Como se fosse máquina	Ergueu no patamar	Feito um pacote bêbado
Ergueu no patamar	Quatro paredes mágicas	Morreu na contra-mão
Quatro paredes sólidas	Tijolo com tijolo	Atrapalhando o sábado...
Tijolo com tijolo	Num desenho lógico	Por esse pão prá comer
Num desenho mágico	Seus olhos embotados	Por esse chão prá dormir
Seus olhos embotados	De cimento e tráfego	A certidão prá nascer
De cimento e lágrima	Sentou prá descansar	E a concessão prá sorrir
Sentou prá descansar	Como se fosse um príncipe	Por me deixar respirar
Como se fosse sábado	Comeu feijão com arroz	Por me deixar existir
Comeu feijão com arroz	Como se fosse o máximo	Deus lhe pague...
Como se fosse um príncipe	Bebeu e soluçou	Pela cachaça de graça
Bebeu e soluçou	Como se fosse máquina	Que a gente tem que
Como se fosse um naufrago	Dançou e gargalhou	engolir
Dançou e gargalhou	Como se fosse o próximo	Pela fumaça desgraça
Como se ouvisse música	E tropeçou no céu	Que a gente tem que tossir
E tropeçou no céu	Como se ouvisse música	Pelo andaimes pingentes
Como se fosse um bêbado	E flutuou no ar	Que a gente tem que cair
E flutuou no ar	Como se fosse sábado	Deus lhe pague...
Como se fosse um pássaro	E se acabou no chão	Pela mulher carpideira
E se acabou no chão	Feito um pacote tímido	Prá nos louvar e cuspir
Feito um pacote flácido	Agonizou no meio	E pelas moscas bixeiras
Agonizou no meio	Do passeio naufrago	A nos beijar e cobrir
Do passeio público	Morreu na contramão	E pela paz derradeira
Morreu na contramão	Atrapalhando o público...	Que enfim vai nos redimir
Atrapalhando o tráfego...	Amou daquela vez	Deus lhe pague.
Amou daquela vez	Como se fosse máquina	

#### 4. O meu guri – Chico Buarque de Holanda

Quando, seu moço	Me trouxe uma bolsa	Olha aí!
Nasceu meu rebento	Já com tudo dentro	Olha aí!
Não era o momento	Chave, caderneta	Aí o meu guri
Dele rebentar...	Terço e patuá...	Olha aí!
Já foi nascendo	Um lenço e uma penca	Olha aí!
Com cara de fome	De documentos	É o meu guri
E eu não tinha nem nome	Prá finalmente	E ele chega...
Prá lhe dar...	Eu me identificar...	
Como fui levando	Olha aí!	Chega estampado
Não sei lhe explicar...		Manchete, retrato
Fui assim levando	Olha aí!	Com venda nos olhos
Ele a me levar...	Aí o meu guri	Legenda e as iniciais...
E na sua meninice	Olha aí!	Eu não entendo essa gente
Ele um dia me disse	Olha aí!	Seu moço
Que chegava lá...	É o meu guri	Fazendo alvoroço
	E ele chega...	Demais...
Olha aí!		O guri no mato
Olha aí!	Chega no morro	Acho que tá rindo
Olha aí!	Com o carregamento	Acho que tá lindo
Aí o meu guri	Pulseira, cimento	De papo pro ar
Olha aí!	Relógio, pneu, gravador...	Desde o começo
Olha aí!	Rezo até ele chegar	Eu não disse
É o meu guri	Cá no alto	Seu moço
E ele chega...	Essa onda de assaltos	Ele disse que chegava lá...
	Está um horror...	
Chega suado	Eu consolo ele	Olha aí!
E veloz do batente	Ele me consola...	Olha aí!
E traz sempre um presente	Boto ele no colo	Olha aí!
Prá me encabular...	Prá ele me ninar..	Aí o meu guri
Tanta corrente de ouro	De repente acordo	Olha aí!
Seu moço	Olho pro lado	Olha aí
Que haja pescoço	E o danado	É o meu guri.
Prá enfiar...	Já foi trabalhar	

## 5. Pedro pedreiro – Chico Buarque de Holanda

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem	Maior do que o mar, mas prá que sonhar
Manhã parece, carece de esperar também	se dá o desespero de esperar demais
Para o bem de quem tem bem de quem não tem	Pedro pedreiro quer voltar atrás, quer ser
vintém	pedreiro pobre e nada mais, sem ficar
Pedro pedreiro fica assim pensando	Esperando, esperando, esperando,
	esperando o sol
Assim pensando o tempo passa e a gente vai	Esperando o trem, esperando aumento
ficando prá trás	para o mês que vem
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol	Esperando um filho prá esperar também
esperando o trem, esperando aumento desde o	Esperando a festa, esperando a sorte,
ano passado para o mês que vem	esperando a morte, esperando o Norte
	Esperando o dia de esperar ninguém,
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem	esperando enfim, nada mais além
Manhã parece, carece de esperar também	Que a esperança aflita, bendita, infinita do
Para o bem de quem tem bem de quem não tem	apito de um trem
vintém	
Pedro pedreiro espera o carnaval	Pedro pedreiro pedreiro esperando
	Pedro pedreiro pedreiro esperando
E a sorte grande do bilhete pela federal todo mês	Pedro pedreiro pedreiro esperando o trem
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol	Que já vem...
Esperando o trem, esperando aumento para o mês	Que já vem
que vem	Que já vem
Esperando a festa, esperando a sorte	Que já vem
E a mulher de Pedro está esperando um filho prá	Que já vem
esperar também	Que já vem
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem	
Manhã parece, carece de esperar também	
Para o bem de quem tem bem de quem não tem	
vintém	
Pedro pedreiro tá esperando a morte	
Ou esperando o dia de voltar pro Norte	
Pedro não sabe mas talvez no fundo espere	
alguma coisa mais linda que o mundo	

## 6. Roda viva – Chico Buarque de Holanda

Tem dias que a gente se sente  
 Como quem partiu ou morreu  
 A gente estancou de repente  
 Ou foi o mundo então que cresceu...

A gente quer ter voz ativa  
 No nosso destino mandar  
 Mas eis que chega a roda viva  
 E carrega o destino prá lá ...

Roda mundo, roda gigante  
 Roda moinho, roda pião  
 O tempo rodou num instante  
 Nas voltas do meu coração...

A gente vai contra a corrente  
 Até não poder resistir  
 Na volta do barco é que sente  
 O quanto deixou de cumprir

Faz tempo que a gente cultiva  
 A mais linda roseira que há  
 Mas eis que chega a roda viva  
 E carrega a roseira prá lá...

Roda mundo, roda gigante  
 Roda moinho, roda pião  
 O tempo rodou num instante  
 Nas voltas do meu coração...

A roda da saia mulata  
 Não quer mais rodar não senhor  
 Não posso fazer serenata  
 A roda de samba acabou...

A gente toma a iniciativa  
 Viola na rua a cantar  
 Mas eis que chega a roda viva  
 E carrega a viola prá lá...

Roda mundo, roda gigante  
 Roda moinho, roda pião  
 O tempo rodou num instante  
 Nas voltas do meu coração...

O samba, a viola, a roseira  
 Que um dia a fogueira queimou  
 Foi tudo ilusão passageira  
 Que a brisa primeira levou...

No peito a saudade cativa  
 Faz força pro tempo parar  
 Mas eis que chega a roda viva  
 E carrega a saudade prá lá ...

Roda mundo, roda gigante  
 Roda moinho, roda pião  
 O tempo rodou num instante  
 Nas rodas do meu coração.

## 7. Tempos difíceis – Racionais Mc's

Eu vou dizer porque o mundo é assim.  
 Poderia ser melhor mas ele é tão ruim.  
 Tempos difíceis, está difícil viver.  
 Procuramos um motivo vivo, mas ninguém  
 sabe dizer.  
 Milhões de pessoas boas morrem de fome.  
 E o culpado, condenado disto é o próprio  
 homem.  
 O domínio está em mão de poderosos,  
 mentirosos.  
 Que não querem saber.  
 Porcos, nos querem todos mortos.  
 Pessoas trabalham o mês inteiro.  
 Se cansam, se esgotam, por pouco dinheiro.  
 Enquanto tantos outros nada trabalham.  
 Só atrapalham e ainda falam.  
 Que as coisas melhoraram.  
 Ao invés de fazerem algo necessário.  
 Ao contrário, iludem, enganam otários.  
 Prometem 100%, prometem mentindo,  
 fingindo, traindo.  
 E na verdade, de nós estão rindo.  
 Tempos...  
 Tempos difíceis!  
  
 Tanto dinheiro jogado fora.  
 Sendo gasto por eles em poucas horas.  
 Tanto dinheiro desperdiçado.  
 E não pensam no sofrimento de um menor  
 abandonado.  
 O mundo está cheio, cheio de miséria.  
 Isto prova que está próximo o fim de mais uma  
 era.  
 O homem construiu, criou, armas nucleares.  
 E o aperto de um botão, o mundo irá pelos ares.

Extra, publicam, publicam extra os jornais  
 Corrupção e violência aumentam mais e mais.  
 Com quais, sexo e droga se tornaram algo  
 vulgar.  
 E com isso, vem a AIDS pra todos liquidar.  
 A morte, enfim. Vem destruição, causam  
 terrorismo.  
 E cada vez mais o mundo afunda num abismo.  
 Tempos...  
 Tempos difíceis!  
  
 Menores carentes se tornam delinquentes.  
 E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente.  
 A saída é essa vida bandida que levam.  
 Roubando, matando, morrendo.  
 Entre si se acabando.  
 Enquanto homens de poder fingem não ver.  
 Não querem saber.  
 Faz o que bem entender.  
 E assim... aumenta a violência.  
 Não somos nós os culpados dessa consequência?  
 Destruíram a natureza e o que puseram em seu  
 lugar  
 jamais terá igual beleza.  
 Poluíram o ar e o tornaram impuro.  
 E o futuro eu pergunto, confuso: "como será?"  
 Agora em quatro segundos irei dizer um ditado:  
 "Tudo que se faz de errado aqui mesmo será  
 pago"  
 O meu nome é Edy Rock, um rapper e não um  
 otário.  
 Se algo não fizermos, estaremos acabados.  
  
 Tempos difíceis!  
 Tempos difíceis!

A princípio, as letras foram analisadas na forma impressa, para avaliação das idéias e, numa etapa subsequente, depois de contextualizadas por meio das pesquisas realizadas, deu-se início à audição das músicas. Ficou evidenciado, diante da grande quantidade de letras de *Rap* apresentada pelos alunos, que tinham mais acesso e melhor entendimento quanto a esse estilo musical do que o têm quanto à MPB, em particular às músicas de Chico Buarque, considerando que uma pequena minoria declarou-se conhecedora de algo – e bastante incipiente – a respeito de suas composições, ou de sua posição questionadora diante da sociedade ou, sobretudo, quanto a sua importância enquanto compositor no contexto musical da MPB.

A despeito de expressarem maior intimidade com o RAP e ainda que tenham coletado mais músicas desse estilo do que da MPB/Chico Buarque, os educandos escolheram apenas três letras de Rap, contra quatro de Chico Buarque, por consideraram, aquelas, letras grandes demais e com menos repetições de vocábulos, o que entenderam ser elementos dificultadores para a análise.

O interesse não foi de imediato. Aliás, a princípio, na audição das músicas do compositor Chico Buarque de Holanda, muitos demonstravam desinteresse, posto que não conseguiam compreender as informações contidas em suas letras e uma vez que não tinham qualquer familiaridade com o ritmo e a sonoridade de suas músicas, até porque elas não fazem parte do cotidiano daquele grupo de estudantes.

A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. (BAKHTIN, 2006, p.118)

Para desenvolver as idéias, foi necessária, nessa etapa, a intervenção da professora/pesquisadora, que promoveu discussões em que se aliavam as idéias exploradas no documentário, ao contexto histórico pesquisado e, posteriormente, ao conteúdo das letras.

Nesse momento, também, recorreu-se bastante ao dicionário, o que promoveu uma outra forma de interação entre o grupo, ampliando a proposta inicial do projeto.

Essa intervenção foi maior nas composições de Chico Buarque, considerando que os alunos não estavam engendrados nesse contexto. Quanto ao Rap, as análises foram mais fáceis, devido às letras serem mais acessíveis e o contexto estar praticamente inserido no cotidiano atual do educando.

Para finalizar, foi proposto aos alunos uma Oficina de Produção Textual. A metodologia utilizada na oficina fundou-se na convicção de que os educandos, além de partícipes, seriam co-construtores e interlocutores de um processo comunicativo. Assim, a proposta foi implementada, com o objetivo de que os educandos tivessem a oportunidade de desenvolver sua capacidade de criação e comunicação, utilizando-se de diversas formas de linguagem: oral e escrita como elementos de mediação das representações culturais –, bem como que estabelecessem novas formas de relacionamento e integração social e cultural.

Diante da diversificação, os estudantes tiveram autonomia para escolher as canções com as quais iriam trabalhar, fazendo argumentações e analogias entre idéias, compositores e contextos. Resultou da oficina, a produção de diversos textos, pelos alunos, nos quais explanaram as significações que estabeleceram a partir do envolvimento com a diversidade cultural, social e histórica, representada nas sete canções selecionadas.

## **OUVINDO E ESCUTANDO MÚSICA, MESTRES, PALAVRAS E SONS**

A observação, numa pesquisa de abordagem sócio histórica, se constitui, pois em um encontro de muitas vozes: ao se observar um evento, depara-se com diferentes discursos verbais, gestuais e expressivos. São discursos que refletem e refratam a realidade da qual fazem parte construindo uma verdadeira tessitura da vida social. (KRAMER, 2003, p.33)

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da simples utilização de letras, palavras, imagens, sons e frases, e não pode ser entendida como mera “expressão” de algo abstrato, formal e descontextualizado. Ao contrário, a linguagem como uma prática discursiva deve ser entendida como manifestações de idéias advindas de uma relação entre o eu e o outro e um trabalho de formação de pensamentos inseridos num contexto social. Assim, o estudo da linguagem não deve ser desmembrado do momento em que foi produzido; ela é um retrato de uma época que deve ser compreendida e defendida por essa característica, podendo ser mudada, questionada, mas não desprezada de seu contexto.

A noção primeira que se deve possuir quando se fala de linguagem é considerá-la como meio de interação, marcada por um contexto histórico e social. De ação transformadora, a linguagem acompanha a evolução do homem, fazendo-se presente com características peculiares a cada momento de transição da sociedade. Segundo Orlandi, não se faz uso da linguagem num movimento individual, mas de modo social, “o sujeito que produz a linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes”. (1998, p.19)

Desse modo, é defendida a idéia de que o fenômeno lingüístico deve ser analisado e compreendido dentro de uma relação social integrada, organizada, na qual os sujeitos estejam bem situados num processo interacional que corrobore a enunciação. A compreensão de um signo só é atingida quando este se encontra em meio a outros. Existe uma consciência

individual que só é desenvolvida em contato com outra consciência individual, num processo de interação realizado com o encontro social dos interlocutores. Partindo dessa premissa de que a interação é primordial para a construção das idéias, buscamos ressaltar a consciência individual e coletiva em diversos momentos da pesquisa.

A observação, numa pesquisa de abordagem sócio histórica, se constitui pois, em um encontro de muitas vozes: ao se observar um evento, depara-se com diferentes discursos verbais, gestuais e expressivos. São discursos que refletem e refratam a realidade da qual fazem parte construindo uma verdadeira tessitura da vida social. (KRAMER, 2003, p.33)

Iniciamos a pesquisa com a projeção do documentário “*Rap, o Canto da Ceilândia*” que traduz a realidade do movimento Hip-Hop da periferia de Brasília. Após assistirem, foi solicitado que se expressassem verbalmente, registrando suas idéias sobre o estilo musical; com isso, exploraram algumas temáticas que consideraram relevantes e relacionadas ao Rap, como: preconceito racial, discriminação social, violência entre outros, como se observa nos relatos. Como os trechos, relatos, respostas aos questionamentos encontravam-se, em diversos casos, expostos de forma redundante pelos alunos, foram selecionados alguns para a realização dessa análise, sendo que os demais se encontram no apêndice.

O Rap não é só violência, palavrão e droga, devemos ver também o outro lado da música, quando os *rappers* expressam a tristeza, sofrimento do povo da periferia, das favelas, muitos descriminam o Rap, pois acham que é só curtisão, mas é a pura realidade, se cada um fizesse sua para e ajudasse o povo das favelas, o Rap não seria só de coisas tristes, mas iria mudar não só a música mas também a vida de quem sofre nas grandes favelas do mundo.

Na minha opinião, essa foi a forma que as pessoas da periferia encontraram pra expor sua realidade, o sofrimento, as injustiças, o preconceito, entre outras coisas que são ignoradas pelas autoridades e pela sociedade. Vejo o Rap, como se ele fosse um grito, ou uma manifestação de um povo cansado e ao mesmo tempo revoltado com a dura realidade em que vive.

Em diversas explicações os alunos se expressam solidários às dificuldades enfrentadas por esses artistas enquanto cidadãos advindos de uma situação de pobreza e discriminação. Nessas e em várias outras manifestações, observa-se que os educandos percebem que o movimento Hip-Hop tornou-se um veículo de expressão de crítica social para muitos grupos de jovens minoritários e excluídos nas periferias brasileiras que buscam um espaço para dar voz a desejos e esperanças para mudanças como evidenciado nas seguintes falas:

O movimento do rap naquele lugar foi uma forma de libertação encontrada pelos jovens a se expressar e ter uma forma de demonstrar seu talento. Em contrapartida, esse estilo musical sofre um enorme preconceito pela sociedade até mesmo por ser muito polêmico e trazer à tona um assunto que todos querem jogar para debaixo do tapete.

Pessoas de elite são preconceituosas com as cidades do entorno, muitas acham que essas pessoas fazem parte de Brasília. O documentário mostrou como que essas cidades vivem na pobreza e na miséria. O Rap mostra essa realidade, a elite pensa que essas pessoas não são dignas de serem chamadas de cidadãos.

Quando chega alguém dizendo que é da Ceilândia, muitos já se assustam e outros começam com as piadinhas, assim como eles falam no documentário. Os *rappers* são criticados de todos os modos, pelo jeito de falarem pelo modo de agir e pelo jeito de vestirem.

O discurso de indignação demonstrada nas falas dos alunos- principalmente pela condição discriminatória que passam os jovens envolvidos com o movimento do Hip-Hop - , se deve muito pelo fato da condição social dos próprios educandos que participaram da nossa pesquisa fazerem parte de uma comunidade considerada carente, que sofrem com as condições sociais em que vivem, pela dificuldade no acesso à educação, moradia, transporte, lazer, dentre as várias necessidades que um indivíduo possui para viver dignamente em sociedade.

Dessa forma, evidencia-se a relação feita pelos educandos entre o estilo musical e a situação social em que vivem os *rappers*. Após assistirem e discutirem sobre o documentário, eles perceberam que os rappers utilizam muito as letras das músicas para fazer valer a sua voz de denúncia contra as mazelas pelas quais passam cotidianamente.

A correspondência entre o que os alunos falam e o que o documentário narra não se trata de determinações mecânicas ou de relações lineares, mas, expressam uma condição de vida determinada por fatores sócio-históricos e, como consequência, vivenciais que constitui uma característica fundantes dos processos de enunciativos para Bakhtin. Cada enunciação sobre o gênero musical Rap, portanto, demonstra que a fala – enquanto um processo de produção social de sentidos - está inserida em uma estrutura maior e retrata atitudes, valores, ânsias e frustrações.

O fato é que entre as “linguagens”, quaisquer que elas sejam, são possíveis relações dialógicas (particulares), ou seja, elas podem ser percebidas como pontos de vistas sobre o mundo. Por mais diferentes que sejam as forças sociais que produzem o trabalho de estratificação (profissão, gênero, tendência, personalidade individual), este reduz-se a uma saturação da linguagem, saturação esta (relativamente) longa, socialmente (e coletivamente significativa, realizada por intenções e acentos determinados (e consequentemente restritivos). (BAKHTIN, 1990, p. 80)

Nas duas concepções de linguagens criticadas por Bakhtin na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, embora observadas pelo autor como correntes importantes no que diz respeito ao estudo e abordagem de conceitos sobre a lingüística, opõe-se bastantes aos seus estudos. O objetivismo abstrato distanciou-se mais dos conceitos bakhitnianos, por considerar a língua como um sistema de formas restrito apenas ao sistema lingüístico, indiferente a ideologias do falante e historicidade; visão que desconsidera a enunciação, a qual, para o autor, é o produto da interação de dois indivíduos. Para Bakhtin, a fala, mesmo

partindo de um indivíduo isolado, terá um caráter social, pois parte de uma atividade de consciência de alguém que tem formação ideológica - independente do nível em que se encontra - num processo em que a expressão é produto de uma relação que se preocupa também com o receptor da informação, portanto há um processo de interação.

No subjetivismo idealista observa-se a fundamentação na fala para delimitação dos estudos lingüísticos; a língua, por sua vez, seria uma evolução ininterrupta da fala, a qual é considerada uma ato de criação individual. Com relação ao objetivismo abstrato, poder-se ia dizer que se trata de uma concepção mais flexível pelo fato de não tratar a língua como um ato lingüístico acabado, restrito ao estudo de formas do sistema lingüístico, entretanto restringe a fala a um caráter individual do falante.

A linguagem, para Bakhtin, não é um sistema acabado, mas um contínuo processo de vir a ser. Os indivíduos não recebem a língua pronta; em vez disso, ingressam numa corrente móvel de comunicação verbal. As pessoas não aceitam uma língua; em vez disso, é através da linguagem que elas se tornam conscientes e começam a agir sobre o mundo, com e contra os outros. (STAM, 2000, p.32)

Desse modo, observa-se que nenhuma das concepções abordadas analisa a linguagem como um processo de natureza social, na qual o principal fator seria a enunciação, a interação que ocorre no desejo de comunicação entre o sujeito falante e o ouvinte devidamente imbuídos num contexto social e histórico. Esses pensamentos restritos direcionados ao estudo da linguagem, contribuíram para as seguintes conclusões de Bakhtin (2006, p.131):

1. “A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta da maneira adequada da realidade concreta da língua.

2. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.
3. As leis de evolução lingüística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução lingüística são socialmente leis sociológicas.
4. A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam. A evolução da língua, como toda evolução história, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
5. A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*.”

Essa formulação contempla resumidamente a idéia do funcionamento do sistema lingüístico que defendemos na delineação dos objetos deste projeto. Uma visão de linguagem que valorize as condições sociais, históricas e culturais do sujeito falante desse processo, bem como do ouvinte, por acreditar que a interação verbal desses sujeitos é de natureza social e não individual, como defendem alguns lingüistas. Além disso, entender que o fruto da interação está ligado a um contexto histórico, percebendo que este não está isolado a uma mera análise de signos, de códigos, mas trata-se de um elemento de significação, resultante de uma construção lingüística social.

A língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo

específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra. O que isso atesta é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interorientação social de uma comunidade de falantes, das quais as próprias formas lingüísticas são cristalizações estabilizadas e antigas. (BAKHTIN, 2006, p.153)

Bakhtin preconiza que a linguagem e a construção do sentido são desenvolvidas a partir do dialogismo, da relação dialógica entre o eu e o tu, na qual o papel do outro é fundamental no processo de interação.

## O Diálogo nas Canções

Na concepção bakhtiniana, o dialogismo é o que constitui a linguagem e proporciona o sentido ao discurso. A relação discursiva dialógica permeia não só o campo do conhecimento, mas apresenta-se como uma forma de analisar a vida, o mundo, ultrapassando o contexto meramente lingüístico. Numa relação dialógica, a linearidade já não tem tanta importância e o que se escreve, fala, expressa, apresenta-se de acordo com a necessidade do enunciador em estabelecer o processo de comunicação, idealizando o emissor, de modo que este tenha seu reconhecimento como parte importante na interação. Dessa forma, para que se constitua a linguagem e, o discurso apresente um sentido no processo interacional é necessário que se compreenda que o dialogismo é o produto da interação verbal no espaço do texto. “O dialogismo opera dentro de qualquer produção cultural, seja letrada ou analfabeta, verbal ou não verbal, elitista ou popular”. (STAM, 2000, p.75)

O diálogo expresso entre os textos é determinado por relações discursivas contextualizadas, as quais, segundo Barros (2005) definem-se em quatro aspectos, assim contituídos resumidamente:

- 1) a interação entre interlocutores é o princípio fundante da linguagem;
- 2) o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e interpretação dos textos;
- 3) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto;
- 4) para Bakhtin, há dois tipos de sociabilidade: a relação entre os sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade.

Como princípio constitutivo da linguagem, o dialogismo apresenta duas concepções: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto e o da intertextualidade no interior do discurso.

Na interação verbal, o dialogismo se estabelece na relação entre interlocutores no âmbito textual, sendo que para isso não se pode observar apenas uma relação subjetivista entre estes sujeitos, mas compreender que tais interlocutores apresentam vozes sociais mais relevantes na enunciação que a simples posição deste sujeito na interação. Em outras palavras, ao se estabelecer a relação dialógica na interação verbal, pressupõe-se que há uma manifestação de idéias intrínsecas na informação, expressa por meio dessas vozes, que ultrapassam o simples ato comunicativo descontextualizado.

Essa contextualização, embora vista em todo o processo da pesquisa, é bastante perceptível no momento em que os educandos trabalharam com a interpretação de quatro trechos musicais – um extraído de uma canção de Chico Buarque e os demais trechos de Rap. Diante dos trechos, após acompanharem a audição das músicas, as explanações foram diversas. Essa etapa da pesquisa tinha como objetivo não só a expressão do entendimento do texto, mas a consolidação das idéias com o que foi explorado sobre o contexto histórico, cultural e social das canções e dos artistas.

Em 1981, Chico Buarque escreve a canção, “O Guri”, que fala da trajetória de um garoto pobre como tantos outros garotos brasileiros. A mãe do menino é quem narra a história, estabelecendo um elo entre o nascimento do garoto pobre reduzido à pobreza e a miséria – “Quando, seu moço, nasceu meu rebento/Não era o momento dele rebentar/ Já foi nascendo com cara de fome/ E eu não tinha nem nome pra lhe dar” – até a sua morte trágica, quando se envolve em atividades criminosas. Dessa canção, foi analisado e interpretado o seguinte trecho:

**“Tanta corrente de ouro  
Seu moço  
Que haja pescoço  
Prá enfiar...  
Me trouxe uma bolsa  
Já com tudo dentro  
Chave, caderneta  
Terço e patuá...”**

Verifica-se, abaixo, que os alunos, na sua maioria, demonstraram dificuldades de interpretar e refletir, de forma autônoma, sobre a realidade e a crítica social apresentada na canção do Chico Buarque em relação à atividade criminosa de um garoto infrator. Ou seja, não há desenvoltura na interpretação nem na argumentação na medida em que, não percebem o contexto mais amplo da narrativa da canção: o garoto como vítima de uma sociedade injusta, reduzido à marginalização, pobreza, descansa, indiferença, entre outros.

Nessa estrofe diz que o filho rouba uma bolsa com tudo dentro e a mãe pensa que é simplesmente uma bolsa nova com pertences dentro. É o que acontece todos os dias. Pessoas que saem de casa como inocente, mas vão mesmo é pras ruas roubar e matar.

O que acontece são as faltas de oportunidade nas favelas, periferias etc. Talvez a única solução é roubar para sobreviver, é uma crise muito grande. Ainda hoje vivo perguntando porque há tanta violência. Porque ocorre tanta miséria. Será por causa do governo ou são causadas por escolas das pessoas mesmo. É difícil mais é o tipo de situação que mais acontece.

A mãe do moço tão ingênua que não percebe que o seu filho lhe dá coisas roubadas.

Para que tanto dinheiro, luxo, esbanjar poder e na verdade da nada disso importa. As coisas mais importantes para ela era ver seu filho bem.

O rapaz é um ladrão que diz ir trabalhar mas na verdade vai roubar, mais não é isso que a mãe pensa, ela acha que todo dia seu filho vai é tramar.

Considerando que a desenvoltura da argumentação e habilidade de leitura e escrita não podem ser desvinculadas da formação sócio-cultural que cada indivíduo ou grupo possui, podemos considerar que a dificuldade que os alunos tiveram em relação à interpretação e à produção de textos relacionados aos trechos musicais não é simplesmente um obstáculo individual - subjetivo - de ler e escrever, mas é um resultado de uma prática educacional, construída ao longo do tempo, que cristalizou a desconexão da linguagem com a vida cotidiana.

Vivendo numa sociedade com uma desigualdade social como a nossa, os jovens são privados das ferramentas da leitura e da escrita e a escola, em geral, ainda está distante de sua cultura e de sua linguagem.

Parte dos conflitos localizados no interior das escolas pode ser mais bem compreendida se relacionada à dificuldade da própria instituição em posicionar-se diante do mundo juvenil. [...] as escolas têm permanecido impermeáveis às experiências juvenis desenvolvidas fora do seu âmbito. Atividades relacionadas à sexualidade, ao lazer, à violência, ao racismo, às drogas, etc, que demandam dos jovens práticas e construções próprias para enfrentar a realidade, raramente são tomadas como objeto de reflexão. As organizações informais juvenis, como as galeras, as gangues, as posses, que surgiram recentemente nas metrópoles brasileiras, permanecem ainda ignoradas. Sabe-se que as autoridades escolares têm-se concentrado nos conteúdos fundamentais relativos ao processo de aprendizagem, mas é certo que a compreensão do universo juvenil deveria também contribuir para que o processo pedagógico fosse elaborado a partir da experiência dos sujeitos concretos e não de uma abstração sobre o aluno (Silva: 1999:25-26)

Um outro aspecto que podemos observar no contexto da nossa pesquisa é a carência de vocabulário apresentada nas suas manifestações que demonstram as dificuldades que possuem ao expressarem-se de forma verbal escrita. Na realidade, analisando a produção dos textos sobre os trechos das músicas do *Rap*, como veremos a seguir, podemos notar que as explicações dos alunos tendem a reproduzir frases contidas nas próprias músicas,

alterando, por vezes, somente a ordem das mesmas para conseguirem construir a interpretação. Dessa forma, fica visível a dificuldade de aliarem a interpretação realizada com o contexto já estudado sobre autor e obra. As vozes dos educandos sobre os trechos que serviram como base para as suas explanações, embora muito focadas num eixo restrito de idéias, formam a re-significação do que leram e ouviram diante das manifestações culturais daquele momento de ensino aprendizagem, como se observa na interpretação do segundo trecho extraído da canção do Rap “Tempos Difíceis”.

**“O homem construiu, criou, armas nucleares.  
E o aperto de um botão, o mundo irá pelos ares.  
Extra, publicam, publicam extra os jornais  
Corrupção e violência aumentam mais e mais.  
Com quais, sexo e droga se tornaram algo vulgar.  
E com isso, vem a AIDS pra todos liquidar.”**

Apesar da aproximação entre a realidade dos alunos e do texto, na medida em que a maioria deles demonstraram estar familiarizados com o gênero musical do Rap, ao analisarmos as frases ou os enunciados sobre esse trecho interpretado percebemos que muitos dos alunos não foram capazes, como ocorreu no trecho da canção do “Meu Guri” de Chico Buarque, de interpretar o trecho musical de modo variado e amplo - construindo diferentes produções de sentido e adequando o seu texto à diferentes situações de interlocução oral e escrita. O que se nota é redundâncias e repetições do trecho analisado.

A grande consequência da violência, assassinatos, corrupção, com certeza é do homem que causou tudo isso.

A violência aumenta cada vez mais, a causa maior é o homem por causa da tecnologias absurdas, sem controle.

A evidência aumenta cada vez mais as causa do atrevimento do homem na luta contra a natureza.

Na realidade o homem constrói e o mesmo destói, e com tanta corrupção e violência, o mundo cada dia mais vive essa situação grave.

À proporção que o tempo passa e não se vê nenhuma melhoria as pessoas se tornam mais egoístas.

O homem cria mais ele mesmo destroi. Com o ferro fere, e com ele sabe que será ferido; pro crime ele entra matando e morre pra dele sair. O crime não compensa porque é assim. E a violência sexual contra as mulheres e crianças que geram tristeza, insegurança e doenças.

O homem é seu próprio destruidor. Com a criação de armas, provocando guerras e desastres, com a publicidade na mídia do sexo e drogas, tornando-se algo vulgar, cada vez mais o mundo afunda no abismo, por atos do próprio ser humano.

Ao analisarmos as várias manifestações de sentido diante do segundo trecho, observa-se a continuidade da interpretação restrita ao trecho específico. A polifonia observada nas manifestações é o resultado da visão de cada interlocutor diante do trecho que lhe foi exposto.

A interpretação, como mencionado anteriormente, é arraigada de suas experiências cotidianas, suas vivências, bagagem cultural; enquanto alguns se expressam com mais facilidade e criticidade, outros esboçam a tentativa de se comunicar, mas esbarram na dificuldade de expressarem-se de forma coerente e coesa para que se façam entender com concisão e clareza.

O governo – as autoridades – não está ne aí para o povo.

O homem com suas criação está tornando o mundo cada vez mais pior.

O próprio homem está se destruindo, colhendo o que mesmo plantou.

As criações a as ações do homem está levando o mundo ao abismo e, junto com o mundo, o próprio homem.

Na constituição da polifonia, a alteridade, que é a aceitação da visão do outro na construção do diálogo, torna-se um elemento fundamental, pois as percepções do enunciatário contribuem na formação dos saberes explorados na interação; “o sujeito da cognição procura interpretar e compreender o outro sujeito em lugar de buscar apenas conhecer um objeto” (BARROS IN BRAIT, 2005, P.28).

Dessa relação interacional entre o eu e o outro no texto, extrai-se a idéia de que nenhum discurso é propriamente do enunciador, sempre há uma relação com outro, com uma informação já existente, que ganha novas dimensões e é disseminada com a contribuição intrínseca de outras vozes.

O termo polifonia foi utilizado por Bakhtin com o intuito de caracterizar os romances de Dostoievski na obra “Problemas da Poética de Dostoiévski”. As obras em questão foram consideradas polifônicas pelo fato de os personagens destes romances se apresentarem numa relação dialógica de múltiplas vozes opostas. Sendo assim, polifonia é uma variação do dialogismo, em que se torna clara a percepção de que diversas vozes estão inclusas no texto. Ao contrário do caráter monofônico, que aparece quando se torna presente uma única voz, numa postura autoritária que delimita possibilidades de expressões e manifestações, devido alguma estratégia discursiva para que outras fiquem ocultas.

Os textos são diálogos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir. (BARROS & FIORIN, 2003, p.6)

No terceiro trecho extraído do *Rap*, a idéia de dialogismo, polifonia e alteridade está mais presente, tendo em vista que a interação entre o trecho e os interlocutores gerou idéias mais elaboradas. O tema explorado e a linguagem mais simples favoreceram a interação e, sendo assim, a relação dialógica foi concebida de forma mais consciente e crítica.

**“Eu vou dizer porque o mundo é assim  
 poderia ser melhor mas ele é tão ruim  
 Tempos difíceis, está difícil viver  
 Procuramos um motivo vivo,  
 Mas ninguém sabe dizer  
 Milhões de pessoas boas morrem de fome  
 E o culpado, condenado disto é o próprio homem  
 O domínio está em mão de poderosos, mentirosos.”**

O mundo estava sendo mau governado, estava nas mãos erradas e ninguém fazia ideia do que pretendia esse governo, e que somos nós homens que fazemos isso com instinto de egoísmo e sobrevivência.

Nesse trecho fala-se sobre a dificuldade de se viver em um mundo cada vez mais difícil. Onde se procura qual a causa de tudo, mas ninguém sabe dizer. Porém o culpado de tudo é o homem que deve ser condenado por pôr o domínio nas mãos dos poderosos mentirosos.

Fala-se sobre a dificuldade de viver em um mundo tão ruim, onde procura-se as causas de tantas dificuldades, mas ninguém sabe explicar. Porém o culpado de tudo isso é o homem.

Um país que não desenvolve não tem estrutura alimentar, culpa dos políticos que só prometem e nada fazem para melhorar e para complicar é a população que paga a irresponsabilidade dos caras.

Além da variação vocabular nas interpretações, observa-se em comum, nas produções referentes a este trecho, uma tentativa por parte dos educandos de contextualizar a temática explorada na canção com o momento atual em que vivem.

A injustiça de ver nosso mundo se perder nas mãos de quem não quer nem saber. Os inocentes pagam pelos ímpios. Na verdade as coisas não seriam tão difíceis assim se tivessem mais oportunidade de trabalho.

O Brasil não chega a ser tão bom, porque as maiores necessidades estão nas mãos dos governos. Por isso gente cada dia morre de fome, por falta de empregos para ter uma vida melhor e uma alimentação mais adequada.

A fome é a grande causadora de sofrimento para a humanidade, as pessoas não se preocupam com os outros, mas sempre há uma esperança.

Um mundo de desigualdades que aparecem aos olhos de todos e ninguém que viver nessa realidade, mas sempre há uma esperança apesar de tantas coisas ruins acontecendo.

O fato de a música conter verbos no presente “Eu vou dizer porque o mundo é assim” levou o educando a uma reflexão contemporânea, facilitou a sua inserção no contexto para posicionar-se diante dos fatos. No final do trecho, quando o narrador afirma que o poder **está** nas mãos dos poderosos, além de se colocar de forma incisiva, convincente, remete o leitor a uma situação clichê, que é destinar a culpa dos problemas sociais aos governantes; desse modo, suscita o interlocutor a posicionar-se diante do fato, tendo em vista que provavelmente ele se vê como sujeito paciente nas mãos dos poderosos.

Que o mundo é ruim e difícil de viver, tempos difíceis, dificuldades... procuramos solução para essa tal miséria mais ninguém sabe responder. Muitas pessoas morrem de fome, sendo boas, mas sem condições. O culpado de tudo isso é o homem que entrega o poder nas mãos de poderosos mentirosos que não importam com os pobres.

A dificuldade existe, o povo não tem mais motivo pra viver, não tem nenhuma expectativa de vida e o culpado é o próprio homem que coloca no governo os corruptos, pessoas sem responsabilidade e caráter.

Tanta corrupção dos políticos, mais é crítica a situação. Pessoas morrendo de fome, a desnutrição cada vez mais aumenta, mais porque isso acontece. Milhões e milhões de pessoas morrem cada vez. O grande motivo é dos políticos. Eles deveriam mudar a situação brasileira.

A visão bakhtiniana que relaciona a enunciação e interação verbal numa perspectiva dialógica gerou duas visões pertencentes às teorias da enunciação: não subjetivista e dialógica. No conceito não subjetivista, consagrado por muitos analistas da linha francesa do discurso, o sujeito não adquire importância relevante na enunciação, bem como desconsidera-se a idéia de que este sujeito seja dotado de uma consciência individual. Desse

modo, a importância do processo enunciativo recai no próprio texto. Em contrapartida, na visão dialógica, o texto surge a partir da interação entre os sujeitos, considerando a capacidade do enunciador em estabelecer uma consciência individual – mesmo que não se observe a presença do interlocutor propriamente dito, este pode aparecer representado por grupo social ao qual se destinará a enunciação.

O outro aspecto do dialogismo - a intertextualidade – conceitua-se como a interação dialógica também percebida na relação entre textos, mas num processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. (FIORIN in BARROS, 2003, p.30). A intertextualidade para Bakhtin é analisada muito internamente no texto, as relações que as palavras adquirem no conteúdo da informação, aliadas ao contexto, historicidade, autoria, entre outros, já determinam as vozes que o compõem. Essa incorporação de idéias pode aparecer em três diferentes aspectos: como citação, alusão ou estilização.

Por meio da citação um texto expressa alguma informação já dita ou explorada em outro, deixando explícita a intenção da referência que está sendo feita. Na alusão, são observadas algumas características como construções sintáticas ou figurativas que remetem o enunciador a outro texto. E, na estilização reproduz-se uma série de procedimentos de estilos já utilizados em outros discursos. A estilização tanto pode ter caráter polêmico, para ridicularizar uma idéia expressa - por exemplo, quanto de forma contratual, na qual o enunciador pode fazer uso de um estilo por gosto, afinidade, pertencer a mesma formação discursiva, entre outros.

Embora a maioria dos alunos que participaram da nossa pesquisa não fosse familiarizada com a música do Chico Buarque, como demonstrado nas respostas da pergunta “Já teve contato com estilo musical do canto e compositor Chico Buarque de Holanda? Caso a resposta seja afirmativa, relate como e o que tem a expressar sobre essa relação com o estilo.

Caso a resposta seja negativa, que impressão teve ao conhecer um pouco desse compositor” – eles perceberam, por meio das canções ouvidas e pelo DVD visto durante as atividades da pesquisa que o compositor traz uma marca de inconformidade diante de situações sociais desfavoráveis em suas letras, utilizando o cotidiano do cidadão comum para deflagrar o posicionamento excludente que este indivíduo ocupa na sociedade.

Evidenciamos que os alunos, em quase sua totalidade, não adquiriram o hábito de ouvir ou nunca ouviram canções do compositor e intérprete Chico Buarque; embora demonstrassem ter consciência de estarem num processo de aprendizagem importante dentro do contexto cultural e histórico brasileiro, exprimiam total desconhecimento sobre assunto, mesmo depois de participarem das projeções dos vídeos e audições das canções, como se observa em algumas respostas abaixo.

Não. Eu não gosto desse tipo de música. Mais foi legal, pois é bom aprender coisas importantes, e na nossa história ele é um membro muito importante.

Não. A impressão que tive é que ele é uma pessoa inteligente e sempre luta não só pelo que gosta, mas pelo que realmente acredita.

Não, mas achei interessante, pois ele mostra nas suas composições uma realidade do Brasil.

Não, mas o que deo pra saber que ele foi e ainda é um mito muito importante para a música popular brasileira.

Diante de tantas respostas negativas apresentadas, vemos o quanto os alunos estão distantes dos movimentos culturais de épocas passadas e até mesmo contemporâneas. A realidade que se configura é a de uma comunidade escolar desprovida de pré-requisitos básicos como leitura, discussões, debates, seminários que os auxiliariam em interpretações, compreensões de textos diversos e articulações verbais mais coerentes. Dessa forma, o que se obtém são respostas simples, curtas, de vocabulário escasso, portanto, repetitivo.

Em outros fragmentos das manifestações dos educandos, essa percepção refere-se a uma realidade geral na qual não se contextualiza o momento histórico e social na qual Chico Buarque trabalhou as suas letras. Assim, as expressões mais comuns foram: “ele mostra nas suas composições uma realidade do Brasil/ as letras das músicas dele são muito bunitas e fala muito da realidade do Brasil. Ele parece se preocupar com a política e com as necessidades do povo/ uma pessoa que buscou liberdade de expressão e conseguiu/ não conhecia o trabalho de Chico Buarque, mais achei interessante ele falar um pouco da realidade dos pobres/ tive a impressão que ele era um tipo de pessoa que gostaria de fugir um pouco da alta burguesia/ o compositor mostro como era o estilo musical antes/ afinal a música dele faz parte da cultura do Brasil/ relata sobre o que se passava antes, fala sobre a sociedade, como era levada a vida”. (nossos grifos).

Explícito nesses fragmentos é que alunos não identificam ou não fazem uma ponte de sentido entre a realidade atual e o momento histórico e político que começa a ser desencadeado nos anos 60, quando Chico Buarque começou a compor num tom de protesto e de indignação, sempre retratado num tom poético metafórico ou de ironia, contra a repressão política que vivenciou nos governos militares e a conseqüente reação da sociedade que conduzia lutas contra o autoritarismo e a discriminação.

Quando solicitado na questão as impressões que teve ao estabelecer contato com o compositor, caso nunca tivesse escutado suas obras o que se apresenta são respostas pouco elaboradas, sem argumentações contundentes, as quais expõem variadas impressões, mas bastante alheias ao estudo de um importante cenário cultural brasileiro. O que se vê são impressões pessoais semelhantes às que se demonstra quando se fala de alguém do convívio pessoal:

A impressão que tive é que ele é um “cara” rico e muito famoso.

Já ouvi, mas não gosto muito. Porém, admiro o pouco que sei sobre ele.

Não. Bom ele é bem conhecido ao mundo a fora. Por conhecer um pouco dele, é um cara alegre que gosta de curtir a vida e ver as pessoas ao redor felizes.

A partir dessa análise, podemos constatar que os alunos tiveram dificuldades de absorver os textos musicais de Chico Buarque na medida em que decodificaram apenas a superfície das narrativas contidas nas canções ao mesmo tempo que não há ocorrência de citações ou alusões que estabeleçam vínculos ou entrecruzamentos entre as suas interpretações das músicas e os conteúdos e temas históricos e contextualizados manifestados nas letras do compositor. A nosso ver, essa dificuldade pode ser explicada pela falta de hábito e gosto pela leitura desconhecendo a história do mundo e do próprio país, as lutas sociais e seus protagonistas.

Em duas canções trabalhadas ao longo da nossa pesquisa, “O meu guri” – de Chico Buarque, e “Olha o menino” – de Helião e Negra Li, é perceptível a intertextualidade, mesmo não intencional. As duas canções abordam temas parecidos, a inserção do menor de idade na criminalidade, por meio de diferentes recursos; enquanto no Rap existe uma tendência mais dissertativa, na MPB a crítica foi realizada dentro da tipologia narrativa, relatando a ingenuidade da mãe por meio de ações envolvendo o menino, personagem da trama.

Na canção “Olha o menino” é feita a intertextualidade por citação à obra “Navio Negreiro” de Castro Alves, bem como à estilização no momento em que se refere com ironia ao fato histórico do descobrimento do Brasil.

Em “Olha o Menino” a crítica abordada na canção não segue uma trajetória linear. Há uma mescla entre ações que envolvem o menor e citações que remetem o leitor a uma reflexão sobre as condições, ou falta delas, que impedem o menino de ter uma vida digna e não se envolver com a marginalidade. Essa falta de linearidade na ocorrência dos fatos promoveu uma dificuldade de interpretação, perceptível nos parágrafos apresentados pelos

alunos sobre o trecho. Novamente eles recorrem à utilização do vocabulário presente no próprio trecho da canção para construírem de forma mais simples e direta as suas explicações.

**“Olha o menino  
Ainda não tem idade  
Pode ser bem triste  
Miséria existe  
Nos quatro cantos da cidade  
Cheio de coragem de lutar que tem  
Vendendo drops no trem.”**

Essa estrofe fala sobre a miséria, fome, onde a causa maior está no próprio país. Acho que lugar de criança é na escola, mas infelizmente estão nas ruas trabalhando para sobreviver.

No meu entendimento esse verso diz que menino ainda jovem nessa vida com miséria, alguns por aí chora, mas com coragem de ganhar seu dia mesmo com grande dificuldade, vende drops no trem.

Um menino que vive na rua de becos e vielas dormindo no relento só espiando o movimento; ou do outro lado da moeda pode ser diferente, um menino que batalha pra tirar a dor da sua família que tortura que é a fome.

Que mesmo algumas crianças que não tendo idade pra trabalhar, apesar de ser triste a miséria existe e em todo mundo existe isso, há também crianças que tem coragem e lutam para melhoria da vida ou até mesmo para sobreviver.

A intertextualidade também está presente nas interpretações de alguns educandos, que criaram a sua própria relação entre as duas canções. Em nenhum momento da canção “Olha o menino” é citada a figura materna; o menino é colocado em um trecho como filho, mas não necessariamente está relacionado à mãe. Em algumas interpretações os alunos remetem à mãe por criarem a intertextualidade entre as duas canções, pois na canção de Chico Buarque o menor é sempre ressaltado pela visão da mãe.

Aqui a mãe diz que o rapaz ainda não tem idade, porém a realidade é triste porque a miséria existe em todos os lugares e o menino tem que vender drapos not em por não ter opção.

Um menino que não tem idade, mas tem que trabalhar para se sustentar, sua mãe pensa que ele tem um emprego fiquiso mas ele não tem.

Nas canções, enquanto gênero textual de manifestação cultural, o dialogismo está relacionado à tradição literária e artística, traduzindo por meio das letras um discurso impregnado de contexto histórico, cultura e social. Nesse sentido, Stam explicita que o Rap pode ser considerado “uma esperta versão de rua das teorias bakhtinianas sobre dialogismo” (2000, p.75), por entender que além do processo de interação, há vozes que se polemizam nas temáticas abordadas. Considerando que a própria palavra rap significa conversar, dialogar; o autor enfatiza:

[... ] o rap se baseia nos esquemas musicais africanos de chama e resposta, numa espécie de interanimação entre executante e ouvinte que lembra claramente a teoria bakhtiniana de linguagem, centrada na performance e na interação. Em outro nível, pode-se considerar o rap como uma extensão ritmada do que Bakhtin chama de “gêneros do discurso cotidiano”, já que o rap é uma forma ampla, que se subdivide em gêneros locais como “raps de insulto”, “mensagem social”, “raps de festa”, “conselhos de amigo”, “notícias da comunidade”, e assim por diante. (2000, P.75)

No trecho da canção de Helião e Negra Li, como em outros trechos de Rap que abordamos nesta pesquisa, percebemos a polemização das vozes. Nesse trecho específico, vê-se o retrato da pobreza e da exploração do trabalho infantil com finalidade de sobrevivência. Embora pouco explorado pelos alunos, algumas interpretações podem ser consideradas autônomas, que vêm de encontro com a abordagem dialógica bakhtiniana.

A situação é precária mesmo, onde deveria existir apenas educação, escola para as crianças não andar mais nas ruas trabalhando, mas fazer o que? Se não trabalhar, acaba morrendo de fome.

## Enunciar

O conceito de enunciação adquiriu diferentes significados no campo da lingüística, de acordo com a corrente de estudo que se analisa. O lingüista francês Émile Beneviste, por exemplo, tratou a enunciação com ênfase na relação entre os interlocutores do processo, sendo que na relação que ele considera como eu e tu só se concretiza como pessoa quando à presença do outro. A terceira pessoa do discurso para ele é um termo incoerente, pois estaria fora do processo de enunciação.

A concepção bakhtiniana, a qual adotamos, trata a enunciação como produto da fala no processo de interação entre locutor e ouvinte dentro de uma relação social. Esse conceito, de acordo com as concepções da filosofia da linguagem, relaciona-se parcialmente à idealização subjetiva por considerar o contexto como objeto fundamental no processo de interação. Mesmo assim, o objeto da língua ultrapassa a idéia da análise lingüística e do estudo da individualização da fala e considera como fundamental para o estudo lingüístico o processo de enunciação na interação verbal. A enunciação estabelece um elo entre as relações discursivas e o contexto sócio-histórico.

Durante o nosso trabalho de campo, como mencionado anteriormente no capítulo “Estratégias Metodológicas”, solicitamos aos alunos que comentassem que tipo de música – estilo musical – costumam ouvir e o que esse estilo representa nas suas vidas, nos seus cotidianos.

Em sua maioria, percebemos a predileção pelo *Rap*, Sertanejo e Pagode. Canções que se assemelham pela utilização de vocabulário coloquial, de fácil assimilação e interpretação, capaz de atingir tipos variados de público, independente de situação social ou cultural. O *Gospel* também foi bastante citado enquanto estilo voltado para a reflexão e auto-ajuda. Numa comunidade em que se presencia a dificuldade para se manter uma vida digna, é

coerente a busca de paliativos que promovam a idéia de conformação e transmitam esperança para transpor os desafios cotidianos.

Elegemos alguns fragmentos das respostas dos alunos na tentativa de demonstrar que não há objetividade nem neutralidade na linguagem descrita. Ao contrário, relatam o que vêem, sentem, e se comportam a partir do mundo real – concreto. Ou seja, a produção da palavra não é desprovida de procedimentos referenciados por contextos históricos e culturais vividos pelos sujeitos, como demonstram as palavras desses alunos. Essas expressam representações do mundo dos signos mediados pelos valores e interesses sociais, isto é, os sentidos produzidos pela escolha dos estilos musicais manifestam formas de falar sobre a experiência social como podemos observar abaixo:

O Rap me faz lembrar de alguns tempos atrás, onde minha casa era num lugar pobre, onde muitas pessoas ouvia o Rap, foi aí que eu comesei a gostar do estilo musical.

A música de balada, como o Rap. Porque elas representa muitas lembranças. Pra mim, fala a realidade que acontece no nosso mundo de hoje.

Rap, representa minha infância, que morei na periferia de Recife.

Gospel. Me sinto mais próximo de Deus. Elas me fortalecem, principalmente nos momentos de dificuldades.

Evangélica é o tipo de música que eu gosto de ouvir, pois além de falar de Deus são músicas que nos ajuda a enfrentar e vencer os obstáculos da vida.

Sertanejo. Porque representa a realidade da minha vida e do mundo que vivo.

Pagode. Representa muito na minha vida, pois é o estilo musical que eu gosto não só de curtir, mas também de me vestir.

Pagode é o estilo musical que gosto de ouvir, para mim representa alegria, felicidade, estilo de música calmo.

Sertanejo. Representa muita coisa boa, de sentimento, boas lembranças, é o estilo que mais toca na vida.

Gospel e Pop Rock, pois posso expandir meus pensamentos e sonhos.

O ritmo também foi determinante na escolha. Vivenciamos uma época em que se cultua mais o rimo de uma canção do que a letra; tem-se uma variedade de canções que pouco ou nada expressam ou acrescentam de bagagem cultural aos ouvintes, mas são bastante difundidas por manterem uma sonoridade que provoca animação e divertimento, por isso bastante acolhida na cultura popular.

Musica agitada, gosto de ouvir músicas para dançar, como forró, funk, axé, pagode, de tudo um pouco, representa liberdade e felicidade.

Funk e forró. O forró é um estilo bem agitado, dá pra mexer o esqueleto e ainda dançar bem agarradinho com um gatinho. O funk já é um estilo diferente, a pessoa dança mais sozinha, faz umas coreografias.

Estilos de músicas que costumo escutar são vários estilos, mais os preferidos são sertanejo, axé, forró, esses estilos representam o pensamento e curtição.

Forró, axé, etc. Representa uma diversão a mais.

Um forró cai bem, representa alegria, descontração.

Esses exemplos, a nosso ver, ilustram a visão bakhtiniana do princípio constitutivo da enunciação: a interação verbal, na qual os sujeitos são dotados de caráter histórico e ideológico, seja na interação face a face, seja em outros tipos de interação verbal em que se objetiva estabelecer a comunicação.

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetal. A escolha dos meios lingüísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo pelas tarefas (pela idéia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. (Bakhtin, 2003, p.289)

Ao se considerar a enunciação como primordial na análise lingüística por promover a interação dentro de um determinado contexto, constitui-se então a concepção metodológica de estudo da língua, na qual Bakhtin (2006, p. 129) ressalta três aspectos que ultrapassam as percepções abordadas pela filosofia da linguagem.

- 1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- 2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- 3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

A língua, tal como a fala, acompanha o processo de transformação das relações sociais, sendo que, com relação à fala, essa transformação ocorre à medida em que se promove a interação verbal em momentos e contextos distintos; observa-se um movimento dialético, no qual cada parte deste processo sofre reações e alterações de acordo com o uso, a situação, a história. Nessa visão, a língua apresenta um caráter progressivo, torna-se um objeto vivo, tendo a fala como atividade ininterrupta da linguagem, sem limites de definição, que deve ser entendida, interpretada, avaliada e até observada conforme o momento de sua expressão.

Para se caracterizar o uso da enunciação, é necessária também a atuação dos sujeitos que promovem a interação, por acreditar que esses têm importante função na expressão de idéias ao empregar seus conceitos prévios enquanto falantes e ouvintes da mensagem.

Reconhecer que o enunciado está marcado pelo contexto histórico remonta alguns aspectos atribuídos ao discurso abordados por Fairclough quando faz uma descrição lingüística de acordo com a prática social. Dessa forma, acreditando que o texto é uma modalidade dessa prática de interação, adotaremos alguns conceitos do autor para ressaltar essa forma de interação.

## O Texto

Tradicionalmente, denomina-se texto a organização de mensagens que contenha unidade de coesão e coerência. Em contraste, na análise do discurso, o texto é definido como unidade complexa de significação, que surge por meio do processo de interação. Nessa perspectiva, não se avalia a unidade lógica linear de um pensamento ou de uma obra que o texto possui, e sim a sua relevância como unidade de significação em relação ao contexto. Neste contexto, Perrone-Moisés delimita

:

O texto não é o discurso de um sujeito imutável e pleno, prévio ou posterior ao discurso. O texto é o lugar onde o sujeito se produz com risco, onde o sujeito é posto em processo e, com ele, toda a sociedade, sua lógica, sua moral, sua economia.[...] é o lugar da escritura, um lugar onde o sujeito se arrisca numa situação de crítica radical, e não o produto acabado do sujeito pleno. (2005, p.49)

O texto, como unidade do discurso, não é resultado da junção das frases, não é visto meramente com o caráter referencial, informativo, é preciso estabelecer relação com a heterogeneidade, com as condições de produção e situação discursiva.

Como Orlandi trata o texto como unidade discursiva, determina que ele se constitui da relação das partes com o todo. Estas unidades têm natureza incompleta, considerando que a linguagem também é fundamentada na incompletude. Desse modo, o sentido não está presente nos interlocutores individualmente, mas no espaço discursivo que surge no processo de interação efetivado por ambos.

[...] o texto, além de não progredir apenas em uma direção e não crescer somente para frente, tem relação com o que não é ele, uma vez que o espaço é simbólico (os implícitos) entre enunciados efetivamente realizados é constitutivo do texto, bem como sua relação com outros textos” (ORLANDI, 1998, p.22)

Essa concepção de texto é concretizada no processo de leitura quando se considera que um texto possibilita várias leituras, de acordo com a época e o contexto sócio-histórico em que é realizada. Nesse processo de significação, há de se considerar a previsibilidade que se destina quando se inicia uma leitura e a legitimação que se emprega ao texto. Quanto à previsibilidade, Orlandi (2006) argumenta:

1. os sentidos se sedimentam de acordo com as condições em que são produzidos; e,
2. dada a relação entre textos, o conjunto dessas relações indica como o texto deve ser lido.

A previsibilidade defendida suscita a legitimação, que consiste em encarregar um representante da instituição para tornar legítima a leitura de determinado texto naquele ambiente. Na educação, por exemplo, o educador pode ser um legitimador, considerando a credibilidade perante os educandos e o conhecimento que o torna um profissional capaz de propor leituras ideais, segundo o objetivo que pretende alcançar durante as aulas.

No que diz respeito ao previsível, o leitor é visto como sujeito que possui memória de outras leituras, as quais interferem na compreensão do texto, de forma muito específica, particular, propiciando várias possibilidades de leituras de um mesmo texto, em contextos sócio-históricos diferenciados, como já foi exposto.

O texto só tem vida contratando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. (BAKHTIN, 2003, p.401)

Os estudos, pesquisas e interpretações realizadas pelos educandos serviram de base para que adquirissem ou aprimorassem o conhecimento sobre as temáticas a serem exploradas, aliando-as ao que já possuem de memória, conhecimento anterior, experiência de vida para a formulação de novas idéias na conseqüente produção textual.

Em se tratando de relação social, Fairclough, na obra “Discurso e Mudança Social” delimita uma visão de linguagem em que o discurso é uma prática de significação do mundo, totalmente oponente à concepção saussuriana na defesa da individualidade da linguagem. Segundo o autor, o discurso é constituído socialmente, considerando a linguagem como prática social, capaz de causar efeitos em sua constituição que o autor resalta em três aspectos:

- 1) o discurso contribui para a construção das identidades sociais e posições do sujeito;
- 2) o discurso contribui para construir relações sociais entre pessoas;
- 3) o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças.

A linguagem está totalmente associada ao social, não pode ser abstraída deste contexto, portanto, toda e qualquer prática discursiva deve ser analisada dentro do contexto a que está inserida numa visão dialética de transformação. Dessa forma, o discurso é socialmente construído, entendo por discurso “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.91)

É nesse contexto que a linguagem é vista como discurso, como uma atividade social; a mudança que pode ocorrer nessa prática é decorrente das mudanças sociais a que são submetidos os sujeitos. Os fatores de comunicação e a prática social estão absolutamente ligados, não há como dissociá-los. A palavra seria o instrumento da consciência, que se revela de alguém em direção a outrem, fazendo inúmeras relações entre indivíduos, constituindo a interação. Essa atividade mental do sujeito, que formula e expressa as idéias, é constituída a partir do meio social, da situação em que se encontram.

O falante, ao dar vida à palavra com sua entonação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que dever ser entendidos, apreendidos e

confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. (BRAIT, 2005, p.178)

O texto é uma expressão lingüística da comunicação que faz parte deste processo de interação; o diálogo, não é visto como uma relação restrita ao encontro de dois interlocutores falantes que se expressam por meio da fala, mas todo e qualquer modo de comunicação verbal cabe neste conceito. Sendo o texto um objeto de estudo, interpretação, expressão, comunicação, entre outros, cabe a ele também a concepção de discurso no seu sentido amplo.

Na figura 1, como ilustrada abaixo, observa-se a representação de Fairclough sobre a condição do texto como parte discursiva de manifestação da prática social. Em primeiro, vemos a prática social, a qual pode apresentar caráter econômico, político, cultural, ideológico. Dessa forma, o discurso se configura de acordo com o tipo de prática utilizada. Como modalidade da prática social, tem-se a prática discursiva, que pode apropriar-se inteiramente da prática social ou ser parte da mesma.

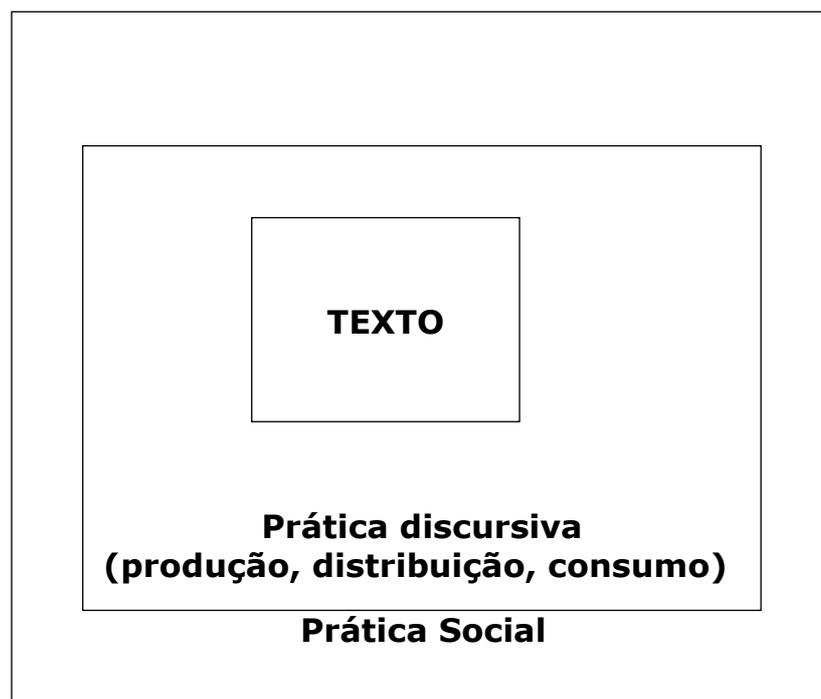


Figura 1. Concepção tridimensional do discurso.

A prática discursiva apresenta-se na inserida na prática social como processos sociais de produção, distribuição e consumo textual, relacionados ao contexto no qual o discurso é gerado. A idéia de produção e consumo está ligada a um processo sócio-cognitivo, considerando que atravessa caminhos de criação, interpretação, compreensão, cujos sujeitos criadores imprimem a essas manifestações discursivas relações ideológicas envolvidas no contexto e na prática utilizada. Por fim, tem-se no centro da figura o texto, analisado, nesse caso, como modalidade da prática discursiva, cujos processos sociais também variam de acordo com o tipo de discurso e com fatores sociais. Nessa perspectiva, o texto deve ser compreendido como objeto lingüístico-histórico pelo fato de produzir sentido, cabendo ao leitor relacionar-se com os diferentes processos de significação.

Os textos individualizam – como unidade – um conjunto de relações significativas. Eles são assim unidades complexas, constituem um todo que resulta de uma articulação de natureza lingüístico-história. Todo texto é heterogêno: quanto à natureza dos diferente materiais simbólicos (imagem, som, grafia etc); quanto à natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descritiva, etc); quanto às posições do sujeito. (ORLANDI, 2005, P.70)

O processo de produção textual está relacionado ao posicionamento social que se tem, à intencionalidade, bem como ao modo como os textos são consumidos – outro processo da prática discursiva. Na fase do consumo, os sujeitos receptores dos textos interpretam, assimilam os conhecimentos segundo as suas percepções pessoais e interesses. Desde as escolhas que fazem até o modo como consomem esse produto discursivo está relacionado a uma relação interiorizada que o sujeito receptor explora para interpretação do texto.

[...] há dimensões “sociocognitivas” específicas de produção e interpretação textual, que se centralizam na inter-relação entre os recursos dos membros, que os participantes do discurso têm interiorizados e trazem consigo para o processamento textual, e o próprio texto”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.109)

Essa forma de observar a relação entre sujeitos interlocutores da mensagem converge com o conceito de dialogismo explorado por Bakhtin, o qual faz muitas referências ao papel do outro na construção do sentido num processo de interação entre enunciador e enunciatário.

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*, Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. (Bakhtin, 2006, p.117)

Baseado nessa concepção de texto é que se chegou à última etapa da nossa pesquisa: a oficina de produção de textos. Diante das manifestações textuais exploradas, vídeos, música, debates, conversas, leituras, foi solicitado aos educandos, que, produzissem um texto, baseando-se nas características de produção argumentativa, procurando elaborar idéias sobre alguma temática que lhe chamou mais atenção durante todo o processo e que foram objeto da nossa pesquisa: política, corrupção, trabalho, fome, opressão, exclusão social.

Nesta produção final eles poderiam ficar à vontade para incluir citações referentes as canções trabalhadas, autor, ou somente elaborar idéias diante do que presenciaram em sala, em conformidade com as que já traziam consigo sobre o assunto. Devido à liberdade que tinha para escolher o tema que mais se ajustava aos seus conhecimentos e facilidade de argumentação, focaram suas idéias nos temas exclusão social e opressão. Idéias estas mais presentes nos *Raps* e na canção “Meu Guri” de Chico Buarque.

Em alguns textos, observamos a contextualização das músicas com os temas que escolheram para dissertar. A vinculação direta dos temas que foram trabalhados com o que vivenciam no cotidiano ainda é vista nas produções. Dessa forma, os alunos manifestaram, por meio das produções de textos, como veremos a seguir, opiniões, valores e crenças resultantes da interação social com os discursos inseridos em sua cultura; demonstrando

pouco acesso à diversidade de informação, só possível pela leitura, que poderia torná-los mais capazes de compreender e interpretar a diversidade e complexidade das mensagens e informações que nos atingem, a todo momento no nosso cotidiano. Daí percebemos como foi difícil para eles explorarem as idéias transportando-se para outros momentos.

A situação dos menores de idade em nosso país está se tornando mais crítica com o passar do tempo.

Menores que sofrem com a diferença social, cultural, miséria e opressão vêem como única porta de saída a criminalidade que se estende nas famílias de classe baixa.

Variando apenas nos casos de regiões com baixo nível de desenvolvimento industrial. Eles acham em suas casas o principal motivo para se ingressar nessa vida, pais que trabalham o dia não tendo tempo para se dedicar diretamente aos filhos, sendo seu pai um trabalhador informal que vive de bicos e a mãe uma empregada doméstica que lava e passa para fora. O pior é que com tudo isso, só aluguel, alimentação básica e um pouco de contas se dá pra pagar.

Daí, o portados da criminalidade ao lado de sua casa, lhe proporcionará todos os seus desejos superficos, diante de um único passo para se formar um menos infrator.

**Andreane Lima e Helânio Lima**

Na vida há bastante dificuldade, principalmente para as pessoas que moram na favela. Retrata as diferenças sociais, o racismo, não precisa conhecer as pessoas para critica, sabe-se pelo o modo de vestir, andar, etc.

Cada vez aumenta mais a discriminação como é difícil o dia-a-dia dessas pessoas que moram na periferia, passando por dificuldades sem ter emprego. Por causa da miséria a revolta aumenta onde surge os roubos, ou seja, a violência.

A música “Meu Guri” retrata o que acontece hoje, sem oportunidade para a vida, o que se torna mais revoltante é a discriminação sobre os pobres, negro, deficientes, mas não quer dizer que são ladrões desonestos.

Eu acredito que se eles tivessem emprego, eles não passariam tanta dificuldade, já que eles na têm condições de se sustentarem eles tem que roubar.

**Elizene e Jéssica**

Percebemos a tendência pelo tema discriminação. Embora outros temas foram trabalhados nos diálogos diversos elaborados durante a pesquisa, assuntos como política,

corrupção e trabalho ficaram de fora das produções dos alunos. Verificamos, assim, que o contexto social do aluno foi determinante para a argumentação. Não há como desvincular o papel do indivíduo na sociedade, a sua conduta de vida e suas experiências de seu discurso. Convém ressaltar, que mantivemos, nestas produções e nas demais exploradas nesta pesquisa, o vocabulário empregado pelos alunos, sem emprego quaisquer de correções gramaticais, considerando que esse não era o objetivo que traçamos na pesquisa.

As diferenças sociais estão indo de mal a pior; famílias ficando mais ricas e outras só empobrecendo. As diferenças tem destruído vidas e até virando causas de preconceito, por isso é que no mundo há várias guerras e conflito, é por causa das diferenças sociais as culturas diferentes servem de incentivo e também levam às diferenças.

Conheço amigos que vivem oprimidos tentando sair de certas situações, mas não conseguem. Por exemplo, eu quero sair do meu estágio, mas não posso sair, porque à partir do momento que comecei a trabalhar, passei a ter responsabilidades como ajudar a minha mãe, mas às vezes me dá vontade de sair correndo, mais não posso, é como se eu fosse obrigado a ficar lá.

A miséria tem assolado toda a terra, família que não tem onde morar, o que comer. Quando se pega um ônibus, várias pessoas entram e pedem ajuda, dizendo que estão com fome e não tem o que comer ou até mesmo o que vestir. Muitos mendigos sentados no chão pedindo uma ajudinha. Mas tenho certeza que tem aqueles que realmente precisam, mas também tenho certeza que nesse meio também tem aqueles que podem arrumar um emprego digno, mas não querem, preferem ficar pedindo.

**Fábio Sena de Oliveira**

A diferença social é um fator que abrange problemas, que parcialmente dificultam a relação entre todo e qualquer tipo de classe e posição social. Diferença social é algo sério, pois enquanto alguns esbanjam dinheiro fácil. Outros trabalham muito e ganham pouco, as vezes algumas pessoas nem trabalham, havendo a necessidade de roubar. Existem também pessoas racistas, que na maioria das vezes, em alguns casos, não dão oportunidade para algumas pessoas que

sofrem o racismo, adquirirem seu próprio dinheiro, sua própria vida. O preconceito ocorre por várias causas: cor, condição social, raça, língua e até mesmo nação. A música em si exprime grande parte das diferenças sociais e o racismo, quase que uma regra o rap menciona essas ocasiões, feito em periferias e lugares que sofre o racismo, as letras são as mais realistas, expondo verdadeiramente em maior grau a realidade. Os aspectos da realidade social são bastante focados nas letras das músicas.

### **Felipe Alves e Suelen Soares**

Nesta perspectiva, a atividade de leitura inicia-se quando começamos a perceber e a desenvolver relações significativas entre os diversos fatos, situações e idéias que circulam no nosso dia-a-dia. Trata-se de um processo em crescente complexidade, conforme ampliamos nosso universo de conhecimentos, fazemos inferências<sup>1</sup> e nos posicionamos diante da diversidade de textos e discursos que nos cercam.

A prática social tem várias vértices que podem e devem fazer uso do discurso em suas relações de interação. Desse modo, quando se analisa a relação que as canções provocam nos ouvintes, observa-se uma relação discursiva entre a idealização do autor, ao representar suas idéias na letra, e a do ouvinte, que se identifica com o tema, a melodia e internaliza as informações de acordo com o seu propósito e conhecimento prévio.

As práticas conteudistas de sala de aula estão cada vez mais obsoletas, o que, em tese, acarreta uma nova visão de ensino, na qual o educador busca o aprimoramento de suas técnicas e métodos na construção do conhecimento, visando atingir o interesse e os anseios do aluno e, ao mesmo tempo, torná-lo um leitor/observador mais capacitado de realizar interpretações, inferir criticamente sobre assuntos diversos, argumentar, expor e contrapor opiniões com coerência e boa articulação escrita e oral. Trabalhar com essa complexidade é

---

<sup>1</sup> Segundo Goodman (1987), “a inferência é um meio poderoso através do qual as pessoas complementam a informação disponível utilizando o conhecimento conceptual e lingüístico (...) que já possuem”.

um desafio para o educador que tem que estar sempre se reciclando para acompanhar as transformações do ensino e se colocar flexível diante de eventuais mudanças da sociedade.

Freitas define bem as idéias de Bakhtin com uma visão resumida do que para o autor representa essa relação dialética entre os interlocutores no processo de enunciação e o produto dessa comunicação discursiva:

[...] o enunciado se produz num contexto que é sempre social, entre duas pessoas socialmente organizadas, não sendo necessária a presença atual do interlocutor, mas pressupondo-se a sua existência. O ouvinte ou leitor é assim um outro – presença individual ou imagem ideal de uma audiência imaginária. Assim, todo enunciado é um diálogo, desde a comunicação de viva voz entre duas pessoas, até as interações mais amplas de enunciados. O que importa é que é uma relação entre pessoas. (FREITAS, 2006, p.135)

Por considerar a linguagem como categoria da realidade dialógica dentro de um processo ininterrupto de comunicação, para Bakhtin, a historicidade é princípio fundamental no estudo sobre os sentidos que as palavras podem adquirir no processo de interação. Dessa forma é que a linguagem é gerada e expandida, levando em conta o contexto, as concepções tradicionais, resultando na conceituação de que a palavra é um elemento de feitura ideológica.

Essa ideologia, percebida em alguns textos, de alunos que expandiram um pouco a idéia restrita confirma o valor da contextualização. A escassez de vocabulário, erros ortográficos e qualquer outro fator estilístico ou gramatical, não impediram que observássemos a criticidade de alguns textos. Ao falar de miséria, doenças, crime os alunos que produziram esse texto, percorreram uma trajetória de idéias que desencadearam na conclusão de que a raiz do problema está na falta de educação.

A compreensão do texto encontra-se, assim, vinculada ao diálogo de uma multiplicidade de textos, fragmentos, códigos e linguagens oriundas de várias 'vozes' da cultura que vão formando um emaranhado de relações de significação que se absorvem, se transformam e se pluralizam em outros textos.

Ao reconhecer o diálogo e a inter-relação entre os múltiplos discursos que permeiam as diferentes práticas sociais, o termo intertextualidade na concepção de Kristeva indica que um texto (como um filme, anúncio, música ou documento) não é uma entidade fechada em si mesma ou autônoma, mas é produzida a partir de outros textos. Desta forma, Kristeva (1974, p.64) sugere "o texto se constrói como um mosaico de citações" - dialogando e estabelecendo relações intertextuais - com outros textos. Em consonância com esta concepção, Jobin e Souza (2001) afirmam que "a citação, por sua vez, é uma forma de recuperar, sempre, em um novo texto, a verdade contida na palavra alheia. Portanto, citação é também diálogo, diálogo entre textos, compromisso em fazer convergir e divergir idéias próximas e distantes no espaço e no tempo." (p 335).

A visão desta trama dialógica pode ser sintetizada na origem etnológica do termo texto que vem do latim e significa 'tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando'. Esse entrelaçamento não implica que os fios das múltiplas 'vozes' que definem a cultura sejam harmônicos e concordantes, mesmo porque os grupos culturais são múltiplos gerando idéias e motivações conflitantes e discordantes.

No mundo, podemos ver que em pleno século XXI a miséria ataca geralmente os países mais subdesenvolvidos; a falta de oportunidade de se viver acaba dificultando ainda mais as famílias, que acabam interrompendo a vida dos mais jovens que tem de deixar os estudos para trabalharem e manterem suas famílias.

Com a miséria, vem outros fatores como doenças que acabam resultando em morte, também levam os mais fracos ao mundo do crime, que acabam roubando ou até matando para sobreviver. Como vemos, o mundo está virando uma selva que alguns tem que matar para comer.

Com isso, os países subdesenvolvidos não evoluem nunca, pois a falta de estudos acaba deixando as pessoas a cada dia na miséria.

**Magnun Kleber, Vinícius Gomes**

Ao menor contato com a vida social, percebemos de imediato que os indivíduos são diferentes ou assim se denominam. Essas diferenças sociais podem ser encontradas no

plano das coisas materiais, da religião, da personalidade, da inteligência, do físico, da raça, do sexo, da cultura, dentre outros.

As diferenças sociais são elementos que geram as desigualdades entre os indivíduos.

Observando atentamente a sociedade em que vivemos, logo iremos perceber que há indivíduos que moram em favelas e outros em mansões. Há pessoas que morrem de fome, de desnutrição enquanto outras se alimentam em excesso. Há indivíduos analfabetos que nunca tiveram acesso a escolas e há aqueles que possuem a melhor formação escolar.

Todas essas questões mostram que existem diferenças entre as pessoas que constituem uma sociedade, mas são diferenças que não deveriam ser usadas para gerar desigualdades e muito menos exclusões, pois independente de raça, cor, cultura, sexo ou religião somos todos iguais, só precisa das pessoas se conscientizarem disso.

**Eliane Francelino e Auriane**

Vê-se então que os interlocutores se expressam coerentemente de acordo com os contextos de gênero e situação em que se encontram, de modo que as palavras utilizadas são consideradas pertinentes a essa situação, pois já foram empregadas por outrem em situações semelhante, o que demonstra a capacidade do gênero de evoluir em determinado momento e se adequar ao novo. Segundo Bakhtin, a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um “tecido” organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico. (Barros, 2003, p. 02),

Aplicar metodologias de análise nessa perspectiva teórica do dialogismo é colocar-se diante de possibilidades inovadoras para compreender não somente um universo restrito de informações na qual a língua é estática, presa às análises sintáticas, mas uma visão ampliada de mundo, que pode ser feita por meio da linguagem, explorando os sentidos, contextualizando as significações e construindo conhecimentos numa relação em que ouvir e aceitar a visão do outro é fundamental.

Por considerar a linguagem como categoria da realidade dialógica dentro de um processo ininterrupto de comunicação, para Bakhtin, a historicidade é princípio fundamental no estudo sobre os sentidos que as palavras podem adquirir no processo de interação. Dessa forma é que a linguagem é gerada e expandida, levando em conta o contexto, as concepções tradicionais, resultando na conceituação de que a palavra é um elemento de feitura ideológica. Essa ideologia, percebida em alguns textos, de alunos que expandiram um pouco a idéia restrita confirma o valor da contextualização. A escassez de vocabulário, erros ortográficos e qualquer outro fator estilístico ou gramatical, não impediu que observássemos a criticidade de alguns textos. Ao falar de miséria, política, corrupção, opressão e exclusão social os alunos que produziram esses textos, percorreram uma trajetória de idéias que desencadearam na conclusão de que a falta de domínio da língua portuguesa, não conseguindo estabelecer relações entre o que aprende e o que utiliza, é resultado do ensino da língua orientado, tradicionalmente, pela perspectiva formal e abstrata sem considerar os múltiplos gêneros textuais ou gêneros do discurso que circulam socialmente no nosso dia-a-dia, despertando no aluno o interesse para as diferentes formas de uso da linguagem e do conteúdo. Ler, nesse sentido, é aprender a imaginar, refletir, criar, pensar, interpretar, traduzir, informar, apreender, observar e refletir; habilidades e competências não percebidas ao longo do nosso projeto de pesquisa.

## DESENLACE

Ao longo da nossa pesquisa discutimos que o ato de ler é fundamental não apenas na formação acadêmica do aluno, mas também na formação do cidadão. A nosso ver, a leitura só se realiza no momento em que somos capazes de atribuir sentido ao que foi decodificado.

Dessa forma:

(...) ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania (VILLARDI 1997, p. 4).

Explícito nessa citação é que ler é “produzir sentido do mundo”, um processo de construção da linguagem que introduz o cotidiano, trazendo experiências pessoais e vivenciais significativas da vida real e não um mero processo de construção que objetiva unicamente a decodificação das palavras e imagens, em detrimento da produção de sentidos.

Essa visão se coaduna com a teoria de linguagem defendida por Mikhail Bakhtin que enfatiza a heterogeneidade dos discursos em situações concretas e em interlocuções sociais, em contraposição àqueles que privilegiam a linguagem como um sistema abstrato e formal desvinculada da vida humana. Assim, a enunciação, o centro organizador da

linguagem, não é a consciência individual e subjetiva, nem um sistema de normas gerais apreendido, mas sim o exterior, o meio social que envolve o indivíduo no qual ele interage.

Como sugere Bakhtin:

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (2002, p.123)

Dessa forma, a linguagem está centrada nas constantes trocas e re-significações que ocorrem entre os sujeitos do discurso e entre as diversas linguagens e textos que permeiam nosso vasto e complexo universo de interações sociais e culturais.

As canções, de um modo geral, estão permeadas no cotidiano do cidadão comum como forma de entretenimento, que se acomoda ao gosto individual pelo som, ritmo, letra, compositor, intérprete, entre outros. Sabemos que as canções ultrapassam gerações, algumas sobrevivem por muitas e ganham aspecto histórico, pois acompanham as transformações das sociedades e “reflete e refrata” o modo de viver daquela época.

Procuramos aliar a análise de canções à prática de ensino com o intuito de ampliar as possibilidades de interpretação e análise dos alunos e proporcionar momentos de construção de idéias por meio de situações diferenciadas. Com a exposição de dois estilos musicais distintos, observamos a rápida assimilação e predileção por um deles devido à afinidade que se apresentou com os alunos por aspectos diversos.

Diante das obras de Chico Buarque a relação era de apresentação de algo inovador, de um conhecimento novo sendo inserido a partir da audição de músicas, as quais causaram estranhamento inicial devido ao ritmo, dificuldade de interpretação, som e disposição diferenciada das rimas em relação ao que se tem como convencional.

Vimos que a dificuldade de interpretação não era somente fruto da incompreensão vocabular, pois não se tratava de um linguajar rebuscado - o próprio Chico Buarque reconhece em diversas entrevistas que não trabalha com a linguagem culta - mas pela resistência de aceitação do ritmo, da sonoridade que, para a maioria, era novo, além da falta de conhecimentos prévios necessários para se entender as composições dentro do contexto em que foram construídas.

Com o *Rap*, eles se mostraram mais à vontade pelo fato de relação que estabeleceram entre os temas e o cotidiano de cada um; a disposição das letras nas canções tornaram a compreensão mais simples, devido às frases diretas construídas em forma de narrativas. Lidamos com essa relação de identificação no decorrer de toda a pesquisa. Por se tratar de educandos oriundos de uma classe social considerada menos favorecida, em situação precária de ensino – fora de faixa etária e dificuldade de aprendizagem, houve uma diferenciação de postura diante dos estilos bem definida e valiosa para pesquisa durante a realização das estratégias metodológicas.

Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante, ora outra. O que isso atesta é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interorientação social de uma comunidade de falantes, das quais as próprias formas lingüísticas são cristalizações estabilizadas e antigas. Se em certas condições bem-determinadas, uma forma qualquer se encontra relegada a segundo plano [...] isso testemunha então a favor do fato de que as tendências dominantes da compreensão e da apreciação da enunciação de outrem têm dificuldade em manifestar-se sob essas formas, pois estas últimas as freiam, não lhes deixando campo suficiente. (BAKHTIN, 2006, p. 153)

Embora alguns alunos relatassem não ter contato algum como estilo musical do *Rap*, a compreensão geral era muito instantânea, a aceitação foi bem maior que a MPB. Essa

assimilação, bem como a repulsa, identificação, construção do saber, reformulação de idéias se encaixam no que esperávamos com relação à abordagem sócio-histórica que propusemos:

A observação, numa pesquisa de abordagem sócio histórica , se constitui pois em um encontro de muitas vozes: ao se observar um evento depara-se com diferentes discursos verbais, gestuais e expressivos. São discursos que refletem e refratam a realidade da qual fazem parte construindo uma verdadeira tessitura da vida social. (KRAMER, 2003, p.33).

A linguagem muito coloquial, com expressões comuns da fala, foi um fator primordial para a facilidade de envolvimento com o *Rap*. Nas letras da canção observa-se a tentativa de se aproximar da realidade. O *rapper* se expressa como se estivesse narrando a situação, aproximando-a do real. O coloquialismo também é observado nas produções dos educandos, os quais apresentam muitas dificuldades na expressão escrita e oral; cometem muitos erros ortográficos que não comprometem o entendimento, mas refletem uma disfunção que se mostra relevante. Embora as análises da linguagem neste trabalho não se atem às questões estruturais da lingüística, essa disfunção traça um perfil importante sobre os sujeitos dessa pesquisa com relação aos estilos musicais, pois reflete mais um diagnóstico que justifica a preferência deles pelo Rap.

Diante desse confronto de idéias, vimos que é preciso envolver os alunos em situações que não lhes são comuns, mas também é necessário perceber que essas inserções são gradativas, pois, nessa pesquisa, lidamos com alunos com muitas carências que se arrastaram durante a sua vida escolar e traduzem hoje as suas dificuldades de interpretar, assimilar novos conhecimentos, relacionar idéias, traçar analogias e produzir textos.

Em diversos momentos, percebemos que compreendiam o proposto, como em algumas respostas no questionário em que explanavam que sabiam da importância do que vinham estudando dentro do cenário histórico e cultural brasileiro, mas vimos que não conseguiam alcançar plenitude do conhecimento e envolvê-lo em análises mais complexas e

críticas. A dificuldade de interpretação e de compreensão é resultado também das escolhas culturais que fazem no cotidiano, como predileção por músicas que pouco exploram a criatividade e criticidade.

Ao analisarmos os princípios bakhtinianos nas produções de textos elaborados pelos alunos conseguimos perceber em alguns casos o dialogismo, em outros a intertextualidade que promoviam nos textos, as vozes dos alunos representando as vozes dos autores, mas não alcançamos a junção desses princípios nos trabalhos.

Dessa forma, concluímos que não houve a produção de sentido esperada na pesquisa. Acreditamos que o conhecimento é uma construção construtivo-interpretativa, portanto os alunos devem ser instigados a verificar, praticar, reconhecer e estabelecer relações diante de situações inerentes ao conteúdo que porventura venham a estudar. Verificamos que, embora os alunos foram incitados a reconhecer idéias variadas, em contextos distintos, prenderam-se à contemporaneidade, ao cotidiano e não alcançaram a compreensão que pretendíamos.

Observamos que falta um ensino mais contextualizado desde as séries iniciais. Os alunos que foram sujeitos dessa pesquisa, por serem jovens e adultos que estão concluindo o ensino médio com faixa etária muito acima do ideal, advêm de um ensino ainda descontextualizado, sem prática de leitura, desvinculados de uma educação que extrapola a promoção do ato de decorar regras e cálculos sem saber em que situações empregá-los.

Acreditamos que a utilização de diversos gêneros textuais e textos discursivos, como as canções, possibilitariam ao aluno a oportunidade de se apropriar de diversas linguagens que permeiam o nosso cotidiano, propiciando o movimento da interação humana e percebendo que o exercício da linguagem será o lugar da sua constituição como sujeito inserido em uma sociedade letrada. O ato de escrever é dessacralizado e democratizado, pois todos os alunos devem aprender a ler e escrever todos os tipos de textos.

Como é difícil acordar calado  
 Se na calada da noite eu me dano  
 Quero lançar um grito desumano  
 Que é uma maneira de ser escutado

**Chico Buarque de Holanda**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética*. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARROS, D.; FIORIN, J. (Orgs). Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. São Paulo, Esusp, 2003. BRAITH, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ª. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Bakhtin – conceitos-chave*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CORRÊA, M. *Linguagem e Comunicação Social – visões da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola, 2002

COSTA, N. (org.) *Práticas Discursivas: exercícios analíticos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

DIONISIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, A. (Orgs). Gêneros textuais e ensino. São Paulo, Ed. Lucena, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, M. *Vygostsky e Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 2006.

GADOTTI, M. *O Plantador do Futuro*. In: Coleção memória da pedagogia: Paulo Freire: a utopia do saber, nº. 4. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

GARCIA, L. L. *Jornal O Estado de São Paulo – Maio, 2006*

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

KURI, A.G. *Dicionário Gama Kuri da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2001.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LARA, G. M. P. *Língua(gem), texto, discurso, v.1.: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006.

MACHADO, J. *Figura da Linguagem. A dupla vida de Chico*. Revista Língua Portuguesa, ano 1, nº. 8, 2006.

MAGALHÃES, I. *Cadernos de Linguagem e Sociedade. Vol. 07* Brasília; Thesaurus, 2004/05.

MARCUSHI, L.; XAVIER, A. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

MARQUES, F. *As Ilusões Perdidas*. Revista Cult, ano VI, nº. 69, 2003.

MARTINS, C.A. *O inconformismo social nas músicas de Chico*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Abril/ Maio/ Junho de 2005 Vol. 2 Ano II nº. 2 ISSN: 1807-6971. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Acesso em 04/12/2006.

PERRONE-MOISÉS, L. *Texto, crítica e escritura*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PENTEADO, Heloisa D . *Pedagogia da Comunicação: teorias e praticas*. São Paulo: Cartaz Editora, 1998.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Editora Fontes, 2005.

PINTO, M. *Lirismo e Resistência*. Revista Cult, ano VI, nº. 69, 2003.

REY, G. F. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia – caminhos e desafios*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROJO, Roxane. (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 3ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DF. *Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal*. 2000.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

SOUZA, J. *Hip hop – da rua para a escola*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

STAM, R. *Bakhtin: da teoria à cultura de massa*. Editora Ática, 2000.

TATIT, L. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Editora Annablume, 1997.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.

YUNES, Eliana. Dados para uma história da leitura e da escrita. In: YUNES, Eliana (org). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

MARTINS, C. A. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Abril/ Maio/ Junho de 2005  
Vol. 2 Ano II nº. 2

<http://www.chicobuarque.uol.com.br>> acesso dia 26.05.2007

<http://www.curtagora.com/filme>> acesso em 26.05.2007

## APÊNDICE

### 1. Entrevista

#### 1. Que tipo de música – estilo musical – você costuma ouvir? O que representa esse estilo na sua vida, no seu cotidiano?

Funk e Rap. Funk por que eu gosto de danças e Rap por que eu gosto das letras, acho interessante o que eles passam pelas as letras”.

Musica agitada, gosto de ouvir músicas para dançar, como forró, funk, axé, pagode, de tudo um pouco, representa liberdade e felicidade.

Rap, porque a música relata a vida na periferia e nas favelas e da sociedade de classe baixa. O Rap me faz lembrar de alguns tempos atrás, onde minha casa era num lugar pobre, onde muitas pessoas ouvia o Rap, foi aí que eu comesei a gostar do estilo musical.

Gosto mais de música internacional (pop).

Estilos de músicas que costumo escutar são vários estilos, mais os preferidos são sertanejo, axé, forró, esses estilos representam o pensamento e curtição.

A música de balada, como o Rap. Porque elas representa muitas lembranças. Pra mim, fala a realidade que acontece no nosso mundo de hoje.

Rap, representa minha infância, que morei na periferia de Recife.

Gospel. Me sinto mais próximo de Deus. Elas me fortalecem, principalmente nos momentos de dificuldades.

Evangélica é o tipo de música que eu gosto de ouvir, pois além de falar de Deus são músicas que nos ajuda a enfrentar e vencer os obstáculos da vida.

Rock pop internacional. Anos 80. Representam elevação e recordação.

Hip Hop. A liberdade de poder expressar seus sentimentos e pensamentos.

Gospel. Paz espiritual.

Sertanejo. Porque representa a realidade da minha vida e do mundo que vivo.

Pagode. Representa muito na minha vida, pois é o estilo musical que eu gosto não só de curti, mas também de me vestir.

Gospel. Fala muito da palavra de Deus e isso fez com que eu aprende um pouco mais sobre Deus.

Gospel, representa um estilo emocionante que me fais viver com mais alegria.

Eu costumo ouvir rock gospel, rap, funk. Isto não representa nada para mim. Ouço só por ouvir.

Sertaneja, brega e forró. Festa, alegria, tristeza e sentimento.

Pagode é o estilo musical que gosto de ouvir, para mim representa alegria, felicidade, estilo de música calmo.

Sertanejo. Representa muita coisa boa, de sentimento, boas lembranças, é o estilo que mais toca na vida.

Todos os tipos de música, mas o que eu mais costumo ouvir é a música sertaneja. Porque é um estilo de música romântica e agradável.

Funk e forró. O forró é um estilo bem agitado, dá pra mexer o esqueleto e ainda dançar bem agarradinho com um gatinho. O funk já é um estilo diferente, a pessoa dança mais sozinha, faz umas coreografias.

Rap, esse estilo apresenta o que realmente acontece nas favelas e periferias.

Gospel e Pop Rock, pois posso expandir meus pensamentos e sonhos.

Gosto muito das músicas da Vanessa da Mata, Jorge Aragão, entre outros. São dois estilos diferentes de música, um MPB e outro pagode, representa o que eu sou, paz, felicidade, em fim sensação de prazer.

Bom, eu gosto de todos, mais o Rap eu gosto mais, porque relata a vida das pessoas da periferia.

Sertanejo e MPB. Representa muita coisa quando fico triste com alguma coisa ou até mesmo chateado, me deixa calado, pensativo.

Forró, axé, etc. Representa uma diversão a mais.

Um forró cai bem, representa alegria, descontração.

**2. Já teve contato com estilo musical do canto e compositor Chico Buarque de Holanda?**

**Caso a resposta seja afirmativa, relate como e o que tem a expressar sobre essa relação com o estilo. Caso a resposta seja negativa, que impressão teve ao conhecer um pouco desse compositor.**

Não. A impressão que tive é que ele é um “cara” rico e muito famoso.

Não. De uma pessoa que buscou a liberdade de expressão e conseguiu.

Um estilo de música bem reconhecida na sociedade brasileira e todas as classes onde em grande parte é aceita.

Já ouvi, mas não gosto muito. Porém, admiro o pouco que sei sobre ele.

Não. Bom ele é bem conhecido ao mundo a fora. Por conhecer um pouco dele, é um cara alegre que gosta de curtir a vida e ver as pessoas ao redor felizes.

A impressão que tive é que o compositor mostrou como era o estilo musical antes.

Não. O compositor canta um estilo musical popular do Brasil com letras simples.

Não. Eu não gosto desse tipo de música. Mais foi legal, pois é bom aprender coisas importantes, e na nossa história ele é um membro muito importante.

Chico Buarque não só ganhou espaço na música, como também ganhou na política e na sociedade. Se tornou uma figura de influência educativa de formação acadêmica e superior do Brasil.

Sim. Por meio de conversas com pessoas que curtem o estilo e freqüentando lugares onde esse estilo é tocado. Tive conhecimento de sua história mas não faz parte do meu estilo musical.

Não. A impressão que tive é que ele é uma pessoa inteligente e sempre luta não só pelo que gosta, mas pelo que realmente acredita.

Não, mas achei interessante, pois ele mostra nas suas composições uma realidade do Brasil.

Não, mas o que deo pra saber que ele foi e ainda é um mito muito importante para a música popular brasileira.

Não. As letras das músicas dele são muito bunitas e fala muito da realidade do Brasil. Ele parece se preocupar com a política e com as necessidades do povo.

Não muito. Mais relata sobre o que se passava antes, fala sobre a sociedade, como era levada a vida.

Não. Tive a impressão que ele era um tipo de pessoa que gostaria de fugir um pouco da alta burguesia.

Não. Bom, ele foi e é até hoje muito importante para nossa cultura musical e social brasileira.

Nunca tinha visto ou escutado Chico Buarque e achei calmo, tranqüilo e a letra muito legal, porque tem algumas músicas que não tem letra. Não conhecia o trabalho de Chico Buarque, mais achei interessante ele falar um pouco da realidade dos pobres. Afinal a música dele faz parte da cultura do Brasil.

Não. Ele foi muito importante pra a nossa cultura musical.

Não. Porque nunca tinha visto falar dele na minha infância. Nunca tive contato com suas músicas nem suas obras.

Não. Pareceu ser um cara que expressa seus sentimentos nas suas música e obras.

Não, mas quando soube um pouco sobre esse compositor, pude perceber que ele faz belas letras, queria saber mais sobre ele, mas fui criado em um ambiente e pessoas que gostam de forró.

**3. Você saberia dizer o que representa as canções de Chico Buarque e a sua figura no cenário cultural, político e social do Brasil? Dê uma justificativa coerente a sua resposta.**

Não. Pois o meio social de vida que eu cresci e convivo hoje não tive e tenho contato com esse tipo de música e por isso eu não acho interessante e eu não gosto.

Sim. Representa uma realidade que ele conta em sentidos duplos.

A realidade dos governantes no nosso país que não é realizada de forma correta, para que eles mudem o seu pensamento e olhe mais atentamente a sociedade, que carece de ajuda principalmente do governo.

Sim. Pelo pouco que ouvi sei que tentou falar de problemas do nosso país e do sofrimento das pessoas através da música.

Não. Sempre uma pessoa umilde com todos não tem discriminação com ninguém e uma pessoa fácil de si dar com os outros.

Não. Porque num meu tempo não conhecia e eu nunca vi ninguém conversar sobre ela.

Reflexão para os políticos corruptos, para que eles pensam mais na humanidade pobre.

Não. Porque eu não sei nada sobre ele, pois não escuto, nunca pesquisei sobre ele, não gosto do estilo-musical.

Conheço Chico Buarque só de falar. Sei que ele é um cantor, compositor e escritor e foi uma figura muito importante na década de 60, pois tratava em suas músicas de assuntos de classe baixa mesmo sendo de classe nobre.

Não, porque tive conhecimento de sua história a pouco e não faz parte do meu estilo musical.

Não sei muito, o que sei é que Chico Buarque é uma pessoa muito respeitada entre cantores e compositores do nosso país, então isso deve acontecer porque ele fez e faz composições e ações importantes no cenário da música brasileira.

Suas canções representa a realidade nua e crua do nosso Brasil e Chico Buarque o amante da igualdade para todos.

Não. Porque nunca me interessei, não faz o meu estilo, mais há pessoas que admiram pelo pouco que vi hoje, percebi que é inteligente.

Não, pois ainda não tenho muito contato sobre sua biografia.

Ele expressa a realidade do Brasil é como se ele fosse um defensor.

Sim, como cidadão ele canta representando o conhecimento da cidadania e ele fala o acontecimento, que aconteceu anteriormente e social busca levar uma vida relatado ou conhecimento.

Eu não sei dizer. Porque nunca ouvi falar, ele não faz nem nunca fez parte do meu cotidiano.

Não. Não tenho muito conhecimento ainda porque depois que assisti o documentário mudei muito o meu conceito sobre MPB e vou procurar saber ainda mais sobre nossa cultura musical.

Chico Buarque é uma figura brasileira, por suas músicas, livros, composições. Apesar de ser música popular brasileira, poucos conhecem e poucas pessoas gostam da música.

Não, porque não tenho muito conhecimento sobre o assunto.

Não. Ao saber achei interessante suas canções e suas obras.

Não, porque nem sabia de Chibo Buarque, esses estilos de músicas nunca fizeram parte do meu cotidiano.

Muitos não gostavam, e às vezes ele era até preso.

**4. De acordo com os temas abordados, modo de se expressar e posicionamento diante da realidade brasileira, faça uma analogia entre os dois estilos apresentados.**

Chico tem o modo musical muito parecido com o Rap só que de forma MPB, mas abordando os mesmos temas musicais. Os rappers são da periferia e ele é de classe média alta.

Os rappers teve a liberdade de expressar em música, sem muito fantasiar as suas palavras e Chico Buarque também teve mais, meio que se escondendo atrás de palavras com duplo sentido.

Os dois usam a música para falar da realidade.

São estilos diferentes por tanto não podemos igualar os dois. Pois são ritmos diferentes, mas Chico Buarque continua com o sucesso até hoje; já conseguiu sua fama.

Ele quer que todos entendam um pouco duqui ele disse com a música, como o rapper fala o que ta acontecendo.

Ambos falam da realidade em que eles vivem.

Chico Buarque, mesmo não vivendo os problemas das classes sociais menos favorecidas, ele tratava nas suas músicas temas que o próprio rapper questiona em suas letras.

As canções de Chico expressavam as críticas de forma parcial, camuflado. Para isso, usa letras de duplo sentido, o que pode até passar despercebido por algumas pessoas, mas quando entendidas

ganham grande repercução na sociedade. Já os rappers usam expressões diretas para criticar a sociedade, a opção é se você quer ouvir ou não.

Chico Buarque, assim como rappers falam sobre problemas sociais e políticos do nosso país, com a diferença que Chico não vivencia esses problemas como a maioria dos rappers. E os rappers também falam mas diretamente sobre essas desigualdades.

Ambos falam dos problemas sociais, mas porém cada um no seu estilo musical.

São falados do cotidiano da população brasileira, mas com ritmos diferentes.

Chico Buarque conta a realidade com o estilo de música MPB. O rapper conta a realidade com o funk.

O Chico relata sobre a situação da sociedade, do mundo, como se passa a vida social, traduz uma história. O rap, na minha opinião e conhecimento, fala mais na vida dos jovens, o que o jovem gosta de fazer.

Bom, na minha opinião eu acredito que ele aborda o mesmo tem dos rappers, fala da classe pobre, da fome, violência, etc.

Falam sobre o povo brasileiro, sobre o sentimento da nação e praticamente sobre os mesmo conceitos só que com estilos musicais, palavras e classes sociais diferentes.

Chico Buarque é uma figura brasileira, por suas músicas, livros, composições, etc. Apesar de ser música popular brasileira, poucos conhecem e poucas pessoas gostam da música. Os rappers são pouco reconhecidos, aliás não fazem parte da cultura brasileira e também não tem muita fama como Chico Buarque, mais o rap é um estilo que muitos gosta e conhecem. Chico Buarque poucos ouvem, mas é cultura, e de alguma forma os dois estilos musicais sofrem com a discriminação.

Esses dois temas abordados falam da cultura do brasileiro, só que em formas diferentes de se expressar, ou seja, estilo musical e classe social diferente.

Chico Buarque fala sobre o Nordeste, mulheres e ele era uma pessoa rica, de classe média alta. Os rappers são pessoas que fala de sua realidade e da realidade do povo da periferia.

Chico Buarque é uma pessoa de classe alta, pelo que vi na aula de hoje, falava sobre pobreza, das pessoas do nordeste. Os rappers são pessoas de classe baixa, falam sobre a realidade do nosso país, tudo ao pé da letra, enquanto Chico Buarque usava palavras de duplo sentido.

## 2. **Produção de parágrafos a partir da interpretação de trechos extraídos de algumas canções.**

1o. Trecho

**Meu Guri – Chico Buarque**

**Tanta corrente de ouro**

**Seu moço**

**Que haja pescoço**

**Prá enfiar...**

**Me trouxe uma bolsa**

**Já com tudo dentro**

**Chave, caderneta**

**Terço e patuá...**

Nessa estrofe diz que o filho rouba uma bolsa com tudo dentro e a mãe pensa que é simplesmente uma bolsa nova com pertences dentro. É o que acontece todos os dias. Pessoas que saem de casa como inocente, mas vão mesmo é pras ruas roubar e matar.

O que acontece são as faltas de oportunidade nas favelas, periferias etc. Talvez a única solução é roubar para sobreviver, é uma crise muito grande. Ainda hoje vivo perguntando porque há tanta violência. Porque ocorre tanta miséria. Será por causa do governo ou são causadas por escolas das pessoas mesmo. É difícil mais é o tipo de situação que mais acontece.

A mãe do moço tão ingênua que não percebe que o seu filho lhe dá coisas roubadas.

Para que tanto dinheiro, luxo, esbanjar poder e na verdade da nada disso importa. As coisas mais importantes para ela era ver seu filho bem.

O rapaz é um ladrão que diz ir trabalhar mas na verdade vai roubar, mais não é isso que a mãe pensa, ela acha que todo dia seu filho vai é tramar.

2o. Trecho

**Olha o Menino - Helião e Negra Li**

**Olha o menino**

**Ainda não tem idade**

**Pode ser bem triste**

**Miséria existe**

**Nos quatro cantos da cidade**

**Cheio de coragem de lutar que tem**

**Vendendo drops no trem.**

Essa estrofe fala sobre a miséria, fome, onde a causa maior está no próprio país. Acho que lugar de criança é na escola, mas infelizmente estão nas ruas trabalhando para sobreviver.

No meu entendimento esse verso diz que menino ainda jovem nessa vida com miséria, alguns por aí chora, mas com coragem de ganhar seu dia mesmo com grande dificuldade, vende drops no trem.

Aqui a mãe diz que o rapaz ainda não tem idade, porém a realidade é triste porque a miséria existe em todos os lugares e o menino tem que vender drops não tem opção.

A situação é precária mesmo, onde deveria existir apenas educação, escola para as crianças não andar mais nas ruas trabalhando, mas fazer o que? Se não trabalhar, acaba morrendo de fome.

Um menino que não tem idade, mas tem que trabalhar para se sustentar, sua mãe pensa que ele tem um emprego fiquiso mas ele não tem.

Um garoto como tantos outros que ficam de ponto em ponto vendendo drops para ajudas as famílias; uma realidade ao nosso redor.

A gente vê que mesmo criança já tem que sair pra ajudar a sua família.

O menino que não tem idade, mais já está na realidade de um mundo com muita dificuldade. Mesmo tendo uma vida difícil mais o mundo sempre a de ensinar.

A mãe imagina seu filho tão novo mais já com tanta responsabilidades. Acha que usa coreagem é de homem adulto.

Um menino que vive na rua de becos e vielas dormindo no relento só espiando o movimento; ou do outro lado da moeda pode ser diferente, um menino que batalha pra tirar a dor da sua família que tortura que é a fome.

Que mesmo algumas crianças que não tendo idade pra trabalhar, apesar de ser triste a miséria existe e em todo mundo existe isso, há também crianças que tem coragem e lutam para melhoria da vida ou até mesmo para sobreviver.

3o. Trecho

### **Tempos Difíceis – Racionais MC's**

**Eu vou dizer porque o mundo é assim  
 poderia ser melhor mas ele é tão ruim  
 Tempos difíceis, está difícil viver  
 Procuramos um motivo vivo, mas  
 ninguém sabe dizer  
 Milhões de pessoas boas morrem de fome  
 E o culpado, condenado disto é o próprio homem  
 O domínio está em mão de poderosos, mentirosos.**

Um mundo de desigualdades que aparecem aos olhos de todos e ninguém que viver nessa realidade, mas sempre há uma esperança apesar de tantas coisas ruins acontecendo.

O mundo estava sendo mau governado, estava nas mão erradas e ninguém fazia idéia do que pretendia esse governo, e que somos nós homens que fazemos isso com instinto de egoísmo e sobrevivência.

Nesse trecho fala-se sobre as dificuldade de se viver em um mundo cada vez mais difícil. Onde se procura qual a causa de tudo, mas ninguém sabe dizer. Porém o culpado de tudo é o homem que deve ser condenado por pôr o domínio nas mãos dos poderosos mentiroso.

Tanta corrupção dos políticos, mais é crítica a situação. Pessoas morrendo de fome, a desnutrição cada vez mais aumenta, mais porque isso acontece. Milhões e milhões de pessoas morrem cada vez. O grande motivo é dos políticos. Eles deveria mudar a situação brasileira.

Fala-se sobre a dificuldade de viver em um mundo tão ruim, onde procura-se as causas de tantas dificuldades, mas ninguém sabe explicar. Porém o culpado de tudo isso é o homem.

A injustiça de ver nosso mundo se perder nas mãos de quem não quer nem saber. Os inocentes pagam pelos ímpios.

Na verdade as coisas não seriam tão difíceis assim se tivessem mais oportunidade de trabalho.

O mundo está mal governado, está sempre em mãos erradas.

O Brasil não chega a ser tão bom, porque as maiores necessidade está nas mãos dos governos. Por isso gente cada dia morre de fome, por falta de empregos para ter uma vida melhor e uma alimentação mais adequada.

A fome é a grande causadora de sofrimento para a humanidade, as pessoas não se preocupam com os outros, mas sempre há uma esperança.

Um país que não desenvolve não tem estrutura alimentar, culpa dos políticos que só prometem e nada fazem para melhorar e para complicar é a população que paga a irresponsabilidade dos caras.

Que o mundo é ruim e difícil de viver, tempos difíceis, dificuldades... procuramos solução para essa tal miséria mais ninguém sabe responder. Muitas pessoas morrem de fome, sendo boas, mas sem condições. O culpado de tudo isso é o homem que entrega o poder nas mão de poderosos mentiroso que não importam com os pobres.

A dificuldade existe, o povo não tem mais motivo pra viver, não tem nenhuma expectativa de vida e o culpado é o próprio homem que coloca no governo os corruptos, pessoas sem responsabilidade e caráter.

4o. Trecho

**Tempos Difíceis – Racionais MC's**

**O homem construiu, criou, armas nucleares.  
E o aperto de um botão, o mundo irá pelos ares.  
Extra, publicam, publicam extra os jornais  
Corrupção e violência aumentam mais e mais.  
Com quais, sexo e droga se tornaram algo vulgar.  
E com isso, vem a AIDS pra todos liquidar .**

A grande consequência da violência, assassinatos, corrupção, com certeza é do homem que causou tudo isso.

O homem, com suas criações e seus atos impensados provoca violência, destuição, não sabendo que estão cavando a própria cova.

A violência aumenta cada vez mais, a causa maior é o homem por causa da tecnologias absurdas, sem controle.

O governo – as autoridades – não está ne aí para o povo.

O homem com suas criação está tornando o mundo cada vez mais pior.

O próprio homem está se destruindo, colhendo o que mesmo plantou.

A evidência aumenta cada vez mais as causa do atrevimento do homem na luta contra a natureza.

Na realidade o homem constrói e o mesmo destóir, e com tanta corrupção e violência, o mundo cada dia mais vive essa situação grave.

À proporção que o tempo passa e não se vê nenhuma melhoria as pessoas se tornam mais egoístas.

O homem cria mais ele mesmo destroi. Com o ferro fere, e com ele sabe que será ferido; pro crime ele entra matando e morre pra dele sair. O crime não compensa porque é assim. E a violência sexual contra as mulheres e crianças que geram tristeza, insegurança e doenças.

O homem é seu próprio destruidor. Com a criação de armas, provocando guerras e desastres, com a publicidade na mídia do sexo e drogas, tornando-se algo vulgar, cada vez mais o mundo afunda no abismo, por atos do próprio ser humano.

As criações e as ações do homem estão levando o mundo ao abismo e, junto com o mundo, o próprio homem.

### 3. **Produções Textuais**

A diferença é representada em classe alta, média e baixa, alguns são mais diferenciados porque diante da diversidade há uma desigualdade social entre as classes.

O crescimento de suas culturas musicais é representada pelo seu crescimento mostrando a realidade do dia-a-dia. O estilo MPB de Chico Buarque é representada de forma lenta, expõe a realidade em que vive, parte de seu trabalho social.

O Rap expõe em suas músicas um estilo mais acelerado que relata a vida nas periferias e favelas. A grande maioria de ouvintes são jovens que se coloca a sua vida musical, representando suas formas de estilos, pois é um estilo que faz parte da vida de muitos, ou às vezes já vivenciaram uma vida difícil que marcou a sua juventude, onde passou muita dificuldade em seu crescimento.

**Daniel Araújo e Uézer Souza**

As diferenças sociais são visíveis na expressão de cada cidadão, trazendo à tona uma realidade antiga.

Observe-se que é impossível não fazer diferença entre pessoas, pois, por mais que se tente não diferenciar um do outro a sociedade nos força a ter esse tipo de comportamento, nos colocando medos e desconfianças. Como exemplo, citemos um caso de um cidadão que mal vestido e sujo entra em um banco para pegar um documento perdido e logo os guardas o põe em posição de defesa, o que não aconteceria se o mesmo estivesse limpo e bem vestido.

Conclui-se que vivemos em uma sociedade hipócrita, que embora não deixe transparecer esse tipo de preconceito fazem julgamento antes mesmo de conhecer e saber a origem do proceder.

**Laila e Geralda**

No mundo, podemos ver que em pleno século XXI a miséria ataca geralmente os países mais subdesenvolvidos; a falta de oportunidade de se viver acaba dificultando ainda mais as famílias, que acabam interrompendo a vida dos mais jovens que tem de deixar os estudos para trabalharem e manterem suas famílias.

Com a miséria, vem outros fatores como doenças que acabam resultando em morte, também levam os mais fracos ao mundo do crime, que acabam roubando ou até matando para sobreviver. Como vemos, o mundo está virando uma selva que alguns tem que matar para comer. Com isso, os países subdesenvolvidos não evoluem nunca, pois a falta de estudos acaba deixando as pessoas a cada dia na miséria.

**Magnun Kleber, Vinícius Gomes**

A sociedade brasileira está acomodada com os problemas da sociedade, pois muito é dito, muitos falam e não fazem nada pra mudar de verdade os problemas da comunidade. É muito fácil colocar a culpa em outra pessoa ou até mesmo no governo e tirar a responsabilidade que cada um de nós tem.

Vivemos em uma única nação, os problemas que a sociedade tem é meu e teu então devemos agir, porque um menor mata uma pessoa, rouba, estrupa, porque nós mesmo não fazemos nada pra mudar isso enquanto a população não tiver consciência que é capaz de mudar o local onde mora, o bairro, a cidade, irá continuar a mesma coisa.

Não venho dizer que será uma maravilha, mas tenho certeza que ajudará e diminuirá os problemas da sociedade. O roubo, o assassinato não irá acabar, mas tenho certeza que com ajuda de todos, poderemos ver num futuro não muito distante uma sociedade mais justa e um povo menos sofrido com mais expectativa de vida.

**Patrícia e Carlos Alexandre**

A diferença social é um fator que abrange problemas, que parcialmente dificultam a relação entre todo e qualquer tipo de classe e posição social.

Diferença social é algo sério, pois enquanto alguns esbanjam dinheiro fácil. Outros trabalham muito e ganham pouco, as vezes algumas pessoas nem trabalham, havendo a necessidade de roubar. Existem também pessoas racistas, que na maioria das vezes, em alguns casos, não dão oportunidade para algumas pessoas que sofrem o racismo, adquirirem seu próprio dinheiro, sua própria vida. O preconceito ocorre por várias causa: cor, condição social, raça, língua e até mesmo nação.

A música em si exprime grande parte as diferenças sociais e o racismo, quase que uma regra o rap menciona essas ocasiões, feito em periferias e lugares que sofre o racismo, as letras são as mais realistas, expondo verdadeiramente em maior grau a realidade. Os aspectos da realidade social são bastante focados nas letras das músicas.

**Felipe Alves e Suelen Soares**

A situação dos menores de idade em nosso país está se tornando mais crítica com o passar do tempo.

Menores que sofrem com a diferença social, cultural, miséria e opressão vêm como única porta de saída a criminalidade que se estende nas famílias de classe baixa. Variando apenas nos casos de regiões com baixo nível de desenvolvimento industrial. Eles acham em suas casas o principal motivo para se ingressar nessa vida, pois que trabalham o dia não tendo tempo para se dedicar diretamente aos filhos, sendo seu pai um trabalhador informal que vive de bicos e a mãe uma empregada doméstica que lava e passa para fora. O pior é que com tudo isso, só aluguel, alimentação básica e um pouco de contas se dá pra pagar.

Daí, o portado da criminalidade ao lado de sua casa, lhe proporcionará todos os seus desejos superfícios, diante de um único passo para se formar um menos infrator.

**Andreane Lima e Helânio Lima**

Dois ritmos diferentes que tratam de assuntos comuns, em tempos distantes mas que relatam as diferenças sociais, a miséria que existe na sociedade brasileira.

A música relata a realidade de uma mãe, que é totalmente iludida com a sociedade que rodeia seu filho, ao pensar que o tal seja um trabalhador vem a ilusão, pois na verdade o filho se entrega a marginalidade.

Os anos passam, muda-se o tempo mas o caminho traçado pelo menino é o mesmo, sem educação, opção e dificuldade que o obrigam a cair na criminalidade, na busca por uma melhor condição de vida para sair da miséria ele acaba como tantos jovens, mortos.

As duas realidades mostram as dificuldades da adolescência de comunidades esquecidas pela sociedade, e que encontram um caminho “mais fácil” para ir em busca de uma tal liberdade.

**Rebeca Duarte e Ivson**

Na vida há bastante dificuldade, principalmente para as pessoas que moram na favela. Retrata as diferenças sociais, o racismo, não precisa conhecer as pessoas para critica, sabe-se pelo o modo de vestir, andar, etc.

Cada vez aumenta mais a discriminação como é difícil o dia-a-dia dessas pessoas que moram na periferia, passando por dificuldades sem ter emprego. Por causa da miséria a revolta aumenta onde surge os roubos, ou seja, a violência.

A música “Meu Guri” retrata o que acontece hoje, sem oportunidade para a vida, o que se torna mais revoltante é a discriminação sobre os pobres, negro, deficientes, mas não quer dizer que são ladrões desonestos.

Eu acredito que se eles tivessem emprego, eles não passariam tanta dificuldade, já que eles não têm condições de se sustentarem eles tem que roubar.

**Elizene e Jéssica**

Tanto no Brasil como em qualquer outra parte do mundo as diferenças sociais estão relacionadas a miséria e cultura.

Pessoas humildes consideradas miseráveis são afastadas das pessoas com maior poder aquisitivo e reprimidas das oportunidades como lazer, cultura e até mesmo de um ensino de qualidade. Isto acontece por pessoas de classe média alta não querem se relacionar com pessoas de baixa renda, são capazes de até se retirarem de lugares em que pessoas miseráveis estão.

A cultura é outro ponto em que a diferença social se faz presente. Exemplo disso são pessoas que seguem um tipo de estilo musical como o Rock, a maneira como eles se vestem é motivo para discriminação.

Quando será o dia em que ambas as classes sociais irão se misturar ou pessoas de estilo musical diferente conviverão em harmonia e paz?

Com o passar do tempo essas classes verão que juntas poderam ser mais.

**Suely Meneses e Rafael Cabral**

Ao menor contato com a vida social, percebemos de imediato que os indivíduos são diferentes ou assim se denominam. Essas diferenças sociais podem ser encontradas no plano das coisas materiais, da religião, da personalidade, da inteligência, do físico, da raça, do sexo, da cultura, dentre outros.

As diferenças sociais são elementos que geram as desigualdades entre os indivíduos. Observando atentamente a sociedade em que vivemos, logo iremos perceber que há indivíduos que moram em favelas e outros em mansões. Há pessoas que morrem de fome, de desnutrição enquanto outras se alimentam em excesso. Há indivíduos analfabetos que nunca tiveram acesso a escolas e há aqueles que possuem a melhor formação escolar.

Todas essas questões mostram que existem diferenças entre as pessoas que constituem uma sociedade, mas são diferenças que não deveriam ser usadas para gerar desigualdades e muito menos exclusões, pois independente de raça, cor, cultura, sexo ou religião somos todos iguais, só precisa das pessoas se conscientizarem disso.

**Eliane Francelino e Auriane**

A história do nosso país é muito confusa; descobriram o Brasil, povoaram nosso país, encheram de gente estranha que com o passar do tempo se transformou no padrão estético de vida, desgraçando nosso país com preconceitos contra nós mesmos, fazendo com que escondemos nossa própria origem.

Um país em que alguns esbanjam luxúria, o vizinho do lado fussa seu lixo na esperança de encontrar algum pra suprir a fome, a mesma fome que o alicia a desonestidade e a falta de esperança que muitas vezes é sufocada pela repressão da alta sociedade.

Ao pensar em tantos problemas nunca paramos para pensar qual a nossa parcela de culpa, o que fazemos para melhorar a nossa sociedade, ou até mesmo aquele indivíduo que sobrevive debaixo do viadulto, em bancos e rodoviária, o que ele fizeram para melhorar suas condições, ou se ao menos lhe deram uma chance. Tempos difíceis.

Acomodados estamos. Acomodados viveremos.

**Aline Araújo e Marcos**

Eu vou dizer porque esse mundo é assim, poderia ser melhor, mais nem todo mundo pensa assim. É muito grande a diferença de classes sociais, pessoas morrem de fome em quanto os ricos jogam comida fora.

Eles jogam tanto dinheiro fora e não pensa no sofrimento de uma pessoa que morre de fome de baixo de uma ponte. Pensam que estão colaborando com o midingo que pede esmola. Os ricos jogam uma moeda e vão embora, que ajuda é essa, queira me explicar, onde o cara nunca se levanta, continua no mesmo lugar? E assim aumenta a violência, será que somos nós mesmos o culpado dessa violência? Ou os políticos que só prometem, iludem, enganam para poder obter votos?

Acho que no mesmo tempo a culpa não é só deles, a culpa também é dos cidadãos que deixam levar e depois não fazem nada para mudar essa situação simplesmente aceitam.

Será que vivemos em um país democrático?

Quando vamos entrar na realidade? Ainda existe várias pessoas morrendo de fome.

**Wallesson Henrique e Jailson de Andrade**

As diferenças existem, creio que sempre vai existir nesse mundo, enquanto pessoas tiverem preconceitos uns com os outros.

Na verdade o que manda nesse mundo é o poder. O pobre não entra onde rico entra, pobre não como as mesmas coisas que o rico.

Governo nem é sempre que cria as diferenças sociais, quem cria as desigualdades somos nós mesmo na verdade por que nesse mundo perverso que vivemos é homem governando homem para seu próprio prejuízo. Se cada um de nós revesse a vida de forma mais amorosa, afinal somos todos iguais.

Enquanto ricos comem do melhor que tem, os outros, por exemplo no interior do país, tem mal feijão para comer.

### **Ana Cláudia e Raquel**

Atualmente muitas pessoas passam fome por vários motivos, um deles é por má distribuição de alimentos, uns tem muito e jogam fora e outros não tem nem pra sobreviver, vivem na miséria com pouca comida e são poucas as oportunidades de trabalho. Como a maioria não terminou nem os estudos não conseguem trabalhos bons o suficiente para alimentar a família.

Após uma época que expressar-se era caso de polícia, a divulgação da realidade era coberta com pano de fundo, até hoje podemos ver que as expressões pessoais ainda influenciam na grande parte das relações pessoais.

No nosso cotidiano, podemos presenciar essas diferenças raciais e sociais, devido aos estereótipos que a sociedade impôs ao indivíduo. São poucos que mantêm uma consciência que diferenças são necessárias para que a sociedade mantenha a hierarquia, mas sem que haja preconceito com os demais.

### **Alane e Idelbrando**

As diferenças sociais estão indo de mal a pior; famílias ficando mais ricas e outras só empobrecendo. As diferenças tem destruído vidas e até virando causas de preconceito, por isso é que no mundo há várias guerras e conflitos, é por causa das diferenças sociais as culturas diferentes servem de incentivo e também levam às diferenças.

Conheço amigos que vivem oprimidos tentando sair de certas situações, mas não conseguem. Por exemplo, eu quero sair do meu estágio, mas não posso sair, porque a partir do momento que comecei a trabalhar, passei a ter responsabilidades como ajudar a minha mãe, mas às vezes me dá vontade de sair correndo, mais não posso, é como se eu fosse obrigado a ficar lá.

A miséria tem assolado toda a terra, família que não tem onde morar, o que comer. Quando se pega um ônibus, várias pessoas entram e pedem ajuda, dizendo que estão com fome e não tem o que comer ou até mesmo o que vestir. Muitos mendigos sentados no chão pedindo uma ajudinha. Mas tenho certeza que tem aqueles que realmente precisam, mas também tenho certeza que nesse meio também tem aqueles que podem arrumar um emprego digno, mas não querem, preferem ficar pedindo.

#### **Fábio Sena de Oliveira**

As grandes diferenças sociais acontecem por causa do preconceito que a na sociedade. Por causa da sua classe social, principalmente se você for pobre, ou seja, classe baixa, as oportunidade de ter uma vida melhor são mínimas.

Também quando se é negro, mora em favela, concerteza vai ser influenciado, ou seja, poderá virar um bandido, por ser discriminado e não ter a chance de crescer na vida.

Quando se nasce em berço de ouro, como se fala quando se nasce em condições melhores, já com a vida feita tudo pronto ao seu favor, para ter um futuro brilhante, desse jeito é difícil ter problemas para ter uma educação de boa qualidade e uma influência social.

Os estilos musicais são bastante diferenciados, porém o estilo de Chico Buarque conta de uma forma que torna mais implícita a realidade, que precisava de mais informações para distinguir que está relatando sobre o dia-a-dia do brasileiro, da miséria, dos diferentes tipos de conceitos culturais e sociais.

A forma de que o estilo musical conhecido como rap se expressa e mais a verdadeira da realidade nua e crua do brasileiro.

#### **Kássia e Rosilene**

As diferenças sociais existentes no país são enormes. Os cidadãos brasileiros ligam muito para o que tem, dão muito valor aos bens materiais. Acham que só porque tem condições financeiras melhores que outros cidadãos, pensam que são os donos do mundo, humilham e não dão nenhum tipo de valor, quando o seu próximo de classe mais baixa dá uma opinião, gostam de ignorar tudo.

Os ricos pensam que são melhores que os pobres pelo fato de ter o que quiser, na hora que quiser, apenas num piscar de olhos, enquanto o pobre tem que ralar a vida toda pra ver se conseguiu ter pelo menos uma casa própria.

O preconceito racial é muito constante no Brasil, Os brancos acham que são melhores que os negros. O governo também discrimina os negros um exemplo: Na UnB os negros precisam de cotas, são diferenciados dos outros. Os cidadãos brasileiros são todos iguais indiferentemente de raça, cor, idade.

A miséria é o que nós cidadãos brasileiros mias vemos na nossa cidade, na rodoviária do Plano Piloto é o que mais tem. São brancos, negros tudo passando por necessidade, existem aqueles que encontram no ônibus, vendendo balas, doces, e até mesmo contando sua história, suas necessidades pra ver se alguém dá alguma ajuda financeira.

A música de Chico Buarque “O meu guri” fala sobre um garoto que chegava em casa, suado, correndo sempre com algo na mão, e sua mãe inocente achava que era presente, ele ficava até com medo dele subir o morro com tanto ouro. Chico Buarque, mei que “embelezava” a pobreza, não fala ao pé da letra, já na música da Negra Li, fala sobre a miséria e o racismo. Um garoto ainda menor de idade já perdido, que pensava no futuro melhor, mas não tinha ninguém para ajudá-lo.

**Michelle Silva e Jenny Kelly**

A exposição de idéias críticas em letras musicais é um meio criativo de ganhar repercussão na sociedade, porém sua divulgação depende do estilo musical escolhido e do contexto social vivido.

Assim, um cantor de MPB, por exemplo, divulga suas músicas em locais de pessoas adeptas a esse estilo e que foram instituídos, de acordo com valores que tais músicas representam no seu meio. Outro tipo de convivência tem os rappers que definem suas músicas segundo valores sociais vividos por eles. Deste modo, suas idéias só chegam a pessoas que curtem o estilo ou que de algum modo tem convivência com a realidade expressa nas letras musicais.

Os estilos musicais não definem aonde o músico quer chegar, isso é colocado através das idéias inseridas na letra musical. Porém, o estilo musical é um modo de atingir as pessoas certas que tenham conhecimento crítico do assunto exposto.

**Raimundo Lorenço e Wanderson Gonçalves**

Brasil, um país onde há diferenças sociais, crianças que não tem oportunidade de crescer no mercado profissional como no intelectual, porque precisa trabalhar para ajudar sua família a sobreviver, excluindo a educação da escola na sua vida.

Há cidadãos que vive aumentando seus patrimônios sem precisar fazer nenhum esforço físico somente com sua aprendizagem da vida, com total facilidade, diminuindo as chances de melhorar as condições de vida de muitas pessoas que não tem conhecimento básico no mercado de trabalho e cultural.

Como acontece com a sociedade que permanece a vida inteira na cultura que nasceu, já seguida pelo seus pais e pais de seus pais.

**Julio e Jesualdo**

Na década de 60 ao dias atuais Chico Buarque se tornou uma figura importante dentro da música popular brasileira. É um ritmo diferente que nem todas as pessoas gosta, fazendo uma comparação com o Rap logo se percebe que são dois ritmos diferentes, como vimos no documentário sobre a Ceilânida, que falava sobre a diferença e a desigualdade social.

O que aproxima Chico Buarque dos rappers é que os dois lutam por ideais iguais, com a diferença que os rappers falam o que vivenciam é o que cantam nas suas músicas já Chico Buarque só luta e fala pelo que acredita, não vivencia mais defende o direito para que todos tenham oportunidades iguais.

**Jussandra Santos**